

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Leonor M Santana

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA ESCOLHA
PROFISSIONAL PELOS ALUNOS DO ENSINO
MÉDIO DO CAMPO/CIDADE**

Taubaté – SP

2017

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ

Leonor M Santana

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA ESCOLHA
PROFISSIONAL PELOS ALUNOS DO ENSINO
MÉDIO DO CAMPO/CIDADE**

Dissertação apresentada a Banca de Defesa como requisito para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Desenvolvimento Humano, Políticas Sociais e Formação.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento Humano, Identidade e Formação.

Orientadora: Profa. Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon.

Taubaté – SP

2017

Leonor M Santana

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA ESCOLHA PROFISSIONAL PELOS ALUNOS
DO ENSINO MÉDIO DO CAMPO/CIDADE**

Dissertação apresentada a Banca de Defesa como requisito para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Desenvolvimento Humano, Políticas Sociais e Formação.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento Humano, Identidade e Formação.

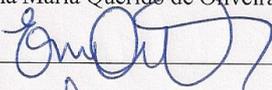
Orientadora: Profa. Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon.

Data: _____

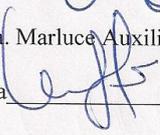
Resultado: aprovado

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Edna Maria Querido de Oliveira Chamon - Universidade de Taubaté (UNITAU)

Assinatura  _____

Profa. Dra. Marluce Auxiliadora Borges Glaus Leão - Universidade de Taubaté (UNITAU)

Assinatura  _____

Prof. Dr. Joel Souza Dutra - Universidade de São Paulo (USP)

Assinatura  _____

Aos meus pais, José e Maria, que sempre incentivam e apoiam meus projetos de vida.

AGRADECIMENTOS

Ao meu irmão **Leônidas**, minha cunhada **Marília** e a meus sobrinhos **Rodrigo** e **Laís**, que sempre compreenderam minhas ausências do convívio familiar.

Às amigas **Antônia**, **Flávia** e **Joana** que me ajudaram nos momentos de conflitos teóricos, proporcionando-me encontros de artes e gastronomia.

À amiga **Sanmya Tajra**, pelo incentivo, pelo apoio, pelo carinho e por compartilhar conhecimentos, trabalho e lazer.

Aos amigos e Mestres **Gilmar Dias**, **Nilsen Marcondes**, **Shirley Monteiro** e **Pétala Lacerda**, pela alegria, companheirismo, incentivo e ajuda durante a trajetória deste estudo.

Aos **colegas da turma de 2015** e aos **professores do Mestrado em Desenvolvimento Humano**, pela companhia e aprendizados proporcionados.

À **Alessandra Calil**, secretária do MDH, pelo carinho, gentileza, paciência e orientações burocráticas em todas as etapas do processo.

Aos **estudantes pesquisados** que prontamente se voluntariaram a participar deste estudo, compartilhando suas crenças e expectativas diante da escolha profissional.

Aos **diretores das escolas e professores** onde o presente estudo aconteceu, pela demonstração de confiança ao autorizarem a coleta dos dados e por cederem espaços de suas aulas para que eu tivesse contato com os estudantes.

À Professora Dra. **Marluce Auxiliadora Borges Glaus Leão**, pela atenção e contribuições nas bancas de Qualificação e Defesa.

Ao Professor Dr. **Joel Souza Dutra**, por aceitar o convite para participar das bancas de Qualificação e de Defesa, e por oferecer contribuições importantes a este estudo.

À Professora Dra. **Edna Maria Querido de Oliveira Chamon**, orientadora deste estudo, pela generosidade em compartilhar conhecimentos, pelo apoio, pelo carinho, por apontar as melhorias necessárias e, principalmente, por me proporcionar inúmeras oportunidades de crescimento pessoal e profissional.

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa cujo objetivo foi investigar as representações sociais da escolha profissional dos estudantes do ensino médio de escolas públicas da cidade e do campo, em dois municípios da Região Metropolitana do Vale do Paraíba Paulista. Foi realizada pesquisa de campo, descritiva e exploratória, com abordagem qualitativa e quantitativa. A partir da população, composta de 1616 estudantes dos dois municípios, foi selecionada a amostra, de 471 participantes. Os dados foram coletados por meio de questionários, entrevistas semiestruturadas e aplicação do Jogo “Critérios para a escolha profissional”. Os dados obtidos por meio do questionário foram tabulados no *software* Sphinx[®]. Para realização das entrevistas foi utilizado o critério de saturação, somando-se 21 entrevistas, que foram tabuladas pelo *software* ALCESTE. O Jogo foi aplicado juntamente com as entrevistas e analisado de acordo com os critérios já definidos no instrumento. As questões do questionário foram agrupadas em quatro categorias: 1) Caracterização sociodemográfica; 2) Escolha Profissional; 3) Significado da profissão/trabalho 4) Relação trabalho X estudo. Os resultados obtidos por meio das entrevistas revelaram cinco classes de discursos: 1) Profissões; 2) Experiências de trabalho; 3) Lazer; 4) Estudo/escola; 5) Escolha profissional. Os resultados obtidos por meio do Jogo foram analisados a partir dos critérios abordados pelo instrumento: 1) Ambiente de Trabalho; 2) Objetos/conteúdos de trabalho; 3) Atividades de trabalho; 4) Rotina de trabalho; e, 5) Retornos do trabalho. Após análise dos resultados de cada instrumento, realizou-se triangulação de métodos, obtendo-se três blocos de análise: Escolha Profissional; Significado da profissão/trabalho; e, Relação Escola X Trabalho. Os resultados revelaram que as representações sociais das escolhas profissionais desses jovens estão relacionadas para identificar uma profissão em que desenvolvam atividades de que gostem, que lhes possibilitem ascensão social, além de desenvolver suas habilidades. Como elemento importante, identificou-se também o desejo de atuar em atividades relacionadas ao desenvolvimento e melhoria de vida de outras pessoas e da própria comunidade. Para tanto, o estudo e a capacitação têm lugar de destaque, uma vez que constituem condição fundamental para uma profissão que permita ganhos sociais e materiais. Esses elementos estão associados com aspectos geracionais, na medida em que as características da juventude atual apontam para essas demandas, somando-se aos conceitos de empregabilidade, em que conhecimento e habilidades técnicas e comportamentais são essenciais.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento Humano, Representações Sociais, Escolha Profissional, Educação do Campo.

ABSTRACT

This research aims to investigate the social representation of professional choice of high school students enrolled in rural and urban public schools, in two municipalities of Vale do Paraíba Paulista region, in Brazil. Both, qualitative and quantitative approaches were employed in the research. From a population of 1616 students, a sample of 471 participants was selected, and data were collected by questionnaires, interviews and the game “Criteria for professional choice”. Software SPHINX was applied to prepare the questionnaire and collect and analyze the answers. Software ALCESTE was applied to 21 interviews selected from the participants’ group. The questionnaire was composed of four groups of questions: 1) Personal data; 2) Professional Choice; 3) Meaning of the profession/work 4) work X study relations. The interviews’ analyses revealed five classes of discourse: 1) Professions; 2) Work experiences; 3) Leisure; 4) Study/school; 5) Professional choice. The results for the game “Criteria for professional choice” were analyzed through five criteria proposed by the instrument: 1) Work Environment; 2) Work objects contents; 3) Work activities; 4) Work routine and 5) Work returns. Combining the results from all instruments, three groups emerge: Professional Choice; Meaning of the profession/work; Work X School relation. The results revealed social representations of the professional choices organized around professions allowing pleasure, social ascent and possibilities to develop abilities and talents. Also, it was identified a desire to work in activities related to improve the lives of other people and the community. Study and capacity building are considered instrumental for a profession that allows for social and material gains. These elements are associated to demands of youth in general, and include the idea of employability, for which technical and behavioral competencies are essential.

Keywords: Human development. Social representations. Professional choice. Rural education.

LISTA DE SIGLAS

ABEP	-	Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa
BVS	-	Biblioteca Virtual em Saúde
CAPES	-	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP/UNITAU	-	Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté
EM	-	Ensino Médio
EMPLASA	-	Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S.A
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	-	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IDHM	-	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
INEP	-	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
PNUD	-	Programa da Nações Unidas para o Desenvolvimento
RS	-	Representações Sociais
TRS	-	Teoria das Representações Sociais
UNICAMP	-	Universidade Estadual de Campinas
UNITAU	-	Universidade de Taubaté
USP	-	Universidade de São Paulo

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Resultado das questões que investigaram aspectos individuais relacionados à categoria escolha profissional.	87
Tabela 2 - Resultado das questões que investigaram influências dos grupos sociais relacionados à categoria escolha profissional.	92
Tabela 3 - Resultado das questões que investigaram expectativas futuras	95
Tabela 4 – Resultado das questões que investigaram aspectos relacionados às expectativas sobre trabalho	96
Tabela 5 - Questões que investigaram a relação entre estudo e trabalho	110
Tabela 6 - Questões que investigaram a importância atribuída ao estudo e trabalho	110

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da Região Metropolitana do Vale do Paraíba/SP	17
Figura 2 - Estados e Processos das Representações Sociais	44
Figura 3 - Fórmula para cálculo de amostragem	68
Figura 4 - Fluxo do processo de coleta de dados	72
Figura 5 - Modelo de triangulação de métodos a partir das análises dos instrumentos de coleta de dados utilizados.	75
Figura 6 – Distribuição de estudantes por ano letivo	76
Figura 7 - Distribuição dos estudantes estudados por gênero	77
Figura 8 - Distribuição dos estudantes estudados por idade	77
Figura 9 – Renda familiar	78
Figura 10 – Grau de escolaridade dos Pais/Responsáveis	79
Figura 11 - Categorias consideradas no bloco de análise Escolha Profissional	80
Figura 12 – Mapa conceitual das Categorias Profissões e Escolhas Profissionais	83
Figura 13 - Itens de Ambientes de trabalho mais escolhidos no jogo Critérios para a escolha profissional (NEIVA, 2008)	84
Figura 14 - Itens de Objetos de trabalho mais escolhidos no jogo Critérios para a escolha profissional (NEIVA, 2008)	85
Figura 15 - Categorias consideradas no bloco de análise Significado da Profissão/trabalho	94
Figura 16 - Itens de Rotinas do trabalho mais escolhidos no jogo Critérios para a escolha profissional (NEIVA, 2008)	97
Figura 17 - Distribuição dos resultados sobre as Qualidades de um bom trabalhador	98
Figura 18 - Distribuição dos resultados acerca das características pessoais dos jovens pesquisados	100
Figura 19 - Mapa Conceitual da Categoria Atividades de Lazer	103
Figura 20 - Distribuição dos resultados sobre o significado do trabalho	105
Figura 21 - Itens de Retorno do trabalho mais escolhidos no jogo Critérios para a escolha profissional (NEIVA, 2008)	106

Figura 22 - Itens de Atividades de trabalho mais escolhidos no jogo Critérios para a escolha profissional (NEIVA, 2008)	107
Figura 23 - Categorias consideradas no bloco de análise Relação Trabalho X Estudo	108
Figura 24 - Distribuição dos resultados sobre o significado do trabalho	109
Figura 25 – Mapa conceitual das categorias Relações com o Estudo e Experiências de Trabalho	111

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quantidade de artigos e dissertações por descritores	25
Quadro 2 – Escolha Profissional – influências familiares	26
Quadro 3 – Escolha Profissional – influências do mercado de trabalho	28
Quadro 4 – Escolha Profissional e Orientação Profissional	29
Quadro 5 – Representações Sociais e Educação do Campo	31
Quadro 6 – Representações e Escolha Profissional	33

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Problema	15
1.2	Objetivos.....	16
1.2.1	Objetivo Geral	16
1.2.2	Objetivos Específicos	16
1.3	Delimitação do Estudo	16
1.3.1	– Taubaté.....	18
1.3.2	- Cunha.....	19
1.4	Relevância do Estudo / Justificativa.....	21
1.5	Organização do Trabalho.....	22
2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	24
2.1	Pesquisas sobre escolha profissional.....	24
2.2	<i>De onde falam?</i> Ensino Médio – Campo e Cidade	34
2.3	A Teoria das Representações Sociais	41
2.3.1	Construção de uma teoria e o desenvolvimento de um conceito.....	41
2.3.2	Elementos, Funções e Processos	46
2.4	Escolha Profissional	50
2.4.1	Escolha Profissional - Trabalho e Profissão.....	52
2.4.2	– Escolha Profissional e Identidade	57
3	MÉTODO.....	66
3.1	Tipo de pesquisa.....	66
3.2	População/Amostra	67
3.3	Instrumentos de coleta de dados	68
3.4	Procedimentos para coleta de dados.....	70
3.5	Procedimentos para Análise de Dados	72
4.	RESULTADOS.....	75
4.1	Caracterização sociodemográfica – <i>Quem fala?</i>	76
4.2	Escolha Profissional	80
4.3	Significado da Profissão/trabalho	94
4.4	Relação Profissão x Estudo.....	108
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
	REFERÊNCIAS	119
	ANEXO A	130

1 INTRODUÇÃO

A atividade profissional, no mundo contemporâneo, ocupa parcela significativa na vida das pessoas, sendo mediadora nas relações entre o ser social e a natureza – transformando-a para atender às necessidades das pessoas – e na inter-relação entre indivíduos, sendo compreendida como uma práxis social interativa (ANTUNES, 2003).

Para além de um sentido estrito de troca econômica, por meio de pagamento financeiro e de uma entrega de serviço, o conjunto de atividades que caracterizam uma profissão alcança uma dimensão simbólica, referente à própria realização pessoal e ao reconhecimento social. Além disso, constitui um espaço de trocas sociais e de formação identitária (DUBAR, 2005, 2012).

Essas interações possibilitam o desenvolvimento de habilidades, a construção de projetos e a conquista de objetivos e metas profissionais. O trabalho ajuda a integrar a pessoa ao meio em que vive, uma vez que atividades consideradas relevantes para o meio social favorecem o desenvolvimento, tanto individual, quanto coletivo (MORIN, 2001).

Relacionando a atividade laboral ao desenvolvimento humano, o Relatório de Desenvolvimento Humano (2014) considera o trabalho como um “[...] meio de subsistência, na medida em que fortalece a agência humana e propicia o estabelecimento de conexões sociais e tem o poder, socialmente mais relevante, de proporcionar segurança às famílias e comunidades” (PNUD, 2014, p.6).

Compreendendo a relevância do aspecto profissional no contexto de vida do sujeito, o processo de escolha por esta ou aquela atividade torna-se objeto de estudo e análise de teóricos de diferentes áreas (psicologia, sociologia, antropologia), o que demonstra o caráter multifatorial desse processo (NEIVA, 2005).

No que tange a compressão do termo escolha profissional, é considerado um processo pelo qual o sujeito toma decisões profissionais ao longo da vida, iniciando-se geralmente na adolescência, ao término do Ensino Médio, quando o estudante é impelido a definir um caminho a seguir. Para esses jovens, trata-se da expectativa que constroem sobre seu futuro profissional (LEVENFUS, 2016; NEIVA, 2013; ERIKSON, 1987; BOHOSLASVSKY, 1987).

O conceito de adolescência, pode ser abordado sob diferentes enfoques: pelo aspecto legal; pela psicologia e a medicina, abordando aspectos do desenvolvimento individual, biológico e psicológico; pelas teorias geracionais, oriundas da administração; e, pela sociologia, que busca a compreensão da juventude como grupo social. Independentemente das

definições tratadas nos diferentes enfoques, o jovem vive momento de transição, atravessado pelas condições sociais, econômicas e culturais (RIBEIRO *et al.*, 2016).

O interesse pelo tema surgiu na atuação da pesquisadora como docente em cursos de Graduação e como psicóloga em processos de orientação profissional. As incertezas demonstradas, tanto pelos discentes de graduação, diante da decisão tomada, quanto por estudantes do Ensino Médio, frente às diferentes possibilidades, provocou a inquietação que estimulou a realização desta pesquisa.

A abordagem dessa temática demanda base teórica que permita compreender a construção de conhecimentos, crenças e comportamentos, considerando a relação interdependente dos aspectos individuais e sociais. Assim, o presente trabalho tem como base a Teoria das Representações Sociais, que possibilita estudar a relação do sujeito com seu meio social (GUARESCHI, 2012).

O estudo das representações sociais a respeito do tema apresenta-se como importante, pois permite compreender as crenças, conhecimentos, informações e expectativas dos jovens em relação às atividades laborais. Permite também fomentar a discussão sobre ações necessárias para possibilitar a esses jovens um processo de tomada de decisão considerando os diferentes aspectos envolvidos.

1.1 Problema

O desenvolvimento humano, compreendido como um processo contínuo de construção, mudanças e transformações, consideram o indivíduo numa posição central, em interação com o seu meio cultural e social (SIFUENTES; DESSEN; OLIVEIRA, 2007).

Nessa interação, o trabalho ocupa parcela significativa na vida do indivíduo, na medida em que lhe possibilita satisfação de necessidades materiais, sociais e psicológicas (KRAWULSKI, 1998). Assim, a escolha profissional está relacionada à construção de futuro, que ocorre numa dimensão individual, no contexto social, familiar, cultural e econômico, o que traz impactos ao desenvolvimento da pessoa (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011).

Essas relações podem ser compreendidas por meio das Representações sociais, que estão relacionadas a um objeto e a um sujeito, sendo este um ator social ativo afetado por diferentes aspectos do cotidiano. “Seu estudo permite acessar os significados que os sujeitos, individuais ou coletivos, atribuem a um objeto localizado no seu meio social e material, e

examinar como os significados são articulados à sua sensibilidade, seus interesses, seus desejos, suas emoções e ao funcionamento cognitivo” (JODELET, 2009 p. 697).

Considerando a importância da atividade laboral no desenvolvimento humano, para esta pesquisa tem-se como problema a seguinte questão: quais representações sociais os estudantes do ensino médio elaboram, quanto à escolha de uma profissão?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Identificar as representações sociais da escolha profissional entre estudantes do ensino médio de escolas públicas, em dois municípios da Região Metropolitana do Vale do Paraíba Paulista.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Descrever o perfil sociodemográfico dos estudantes pesquisados;
- Identificar as atitudes, crenças e valores dos estudantes diante da escolha da profissão;
- Descrever a relação que os sujeitos estabelecem entre trabalho e estudo.

1.3 Delimitação do Estudo

A presente pesquisa foi realizada em dois municípios da Região Metropolitana do Vale do Paraíba Paulista distantes 92 km entre si, conforme Figura 1.

A Região, constituída por 39 municípios (EMPLASA, 2015), está localizada no eixo São Paulo – Rio de Janeiro. Considerando sua disposição geográfica e o fato de ser percorrida pela rodovia Presidente Dutra, que liga essas duas grandes capitais, apresenta níveis diferenciados de evolução da economia (ARRUDA, 2013).

As cidades localizadas próximas à rodovia tiveram movimento de industrialização e de urbanização a partir das décadas de 1960 e 1970, enquanto os municípios localizados nas

encostas das serras do Mar e da Mantiqueira permaneceram vinculados ao setor primário da economia, registrando constante êxodo rural e empobrecimento de sua população (ARRUDA, 2013).

Figura 1 – Mapa da Região Metropolitana do Vale do Paraíba Paulista e Litoral Norte



Fonte: Emplasa, 2015

Por sua localização estratégica, a região tem papel importante no escoamento da produção industrial, visto que constitui um parque industrial com presença de empresas importantes dos setores automobilístico, aeroespacial, petrolífero e farmacêutico. Tem importância também para o polo científico e tecnológico, reunindo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), o Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial (DCTA) e o Instituto Tecnológico de Aeronáutica - ITA (EMPLASA, 2015).

O turismo, considerado uma das atividades que mais crescem no mundo, é outro fator de destaque nessa região, constituída por áreas serranas que foram institucionalizadas como áreas de proteção ambiental, como são os casos das áreas de Proteção Ambiental (APAs) Federais do Rio Paraíba do Sul e da Serra da Mantiqueira, parte da APA Estadual de Silveiras e parte do Parque Estadual da Serra do Mar (EMPLASA, 2015). A região apresenta Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) de 0,781 (ATLAS DO DESENVOLVIMENTO NO BRASIL, 2015), na faixa de Desenvolvimento Humano Alto (IDHM entre 0,700 e 0,799). A

dimensão que mais contribui para esse índice é a Longevidade, com índice de 0,851, seguida de Renda, com índice de 0,765, e de Educação, com índice de 0,732.

1.3.1 – Taubaté

Na Região Metropolitana do Vale do Paraíba Paulista, Taubaté faz parte das cidades da sub-região 2. Está localizada a 130 km da capital do estado, São Paulo, a 280 km da cidade do Rio de Janeiro, a 90 km de Ubatuba, no Litoral Norte de São Paulo, e a 45 km de Campos do Jordão, na serra da Mantiqueira.

Fundada pelo sertanista Capitão Jacques Félix, por volta de 1640, Taubaté foi o primeiro núcleo de povoamento oficialmente formado no vale do rio Paraíba do Sul. Localizada nas terras da Capitania de Itanhaém, era ocupada por grupos indígenas, entre eles os Puri, os Jeromini e os Guainá, os primitivos habitantes da região valeparaibana. Tem na origem de seu nome uma variação do vocábulo “taba-ibaté”, que na língua tupi significa “aldeia que fica no alto”, em referência à aldeia Guaianá, que na época da fundação do povoado estava localizada no alto da colina onde atualmente está o Cristo Redentor (ANDRADE, 2012).

No século XVII, Taubaté destacou-se na História Nacional como importante centro de atividades bandeiristas. Partiram da vila muitos bandeirantes que descobriram ouro e se tornaram os fundadores dos povoados que deram origem às conhecidas “cidades históricas” de Minas Gerais. Durante o século XVIII, Taubaté tornou-se importante centro de abastecimento da região mineradora, produzindo gêneros alimentícios de primeira necessidade (feijão, farinha de mandioca e de milho, rapadura), que eram transportados por tropas de animais cargueiros.

Em meados do século XIX, destacou-se como centro produtor de café, com 86 fazendas produtoras. Em consequência da grande produção e comércio de café, Taubaté enriqueceu-se e desenvolveu-se com muita rapidez.

O pioneirismo industrial no vale do Paraíba foi conquistado por Taubaté ainda no século XIX, em 1891, com a fundação da Companhia Taubaté Industrial (CTI), pelo empresário Félix Guisard (ANDRADE, 2012).

A partir da década de 1970, a cidade passa a atrair muitas indústrias, com destaque para as empresas do ramo automobilístico. Atualmente o município é considerado o segundo maior polo industrial e comercial da região, abrigando empresas como Volkswagen, Ford,

LG, Alstom, Usiminas, Cameron, Embraer (Centro de distribuição e o Centro de Serviços Integrados - CSI), entre outras. De acordo com o IBGE (2015a), existem mais de 8 mil empresas atuantes no município. Taubaté abriga também o Comando de Aviação do Exército.

Há no município 278.686 habitantes, em uma área de 625.003 km². Ocupa a vigésima terceira posição dentre os municípios mais populosos do interior de São Paulo (IBGE, 2015a). De acordo com o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2015), o município apresenta Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) 0,800, situando-se, assim, na faixa de Desenvolvimento Humano Muito Alto, ocupando a 40^a posição, entre os municípios brasileiros.

Foi na Educação que o índice mais cresceu, desde 2000. A rede educacional da cidade é composta por 101 estabelecimentos de ensino fundamental, 113 unidades pré-escolares, 39 escolas de nível médio e 8 instituições de nível superior. No total, são 2.850.133 matrículas e 153.284 docentes registrados (IBGEb, 2015). De acordo com o Censo Escolar Educação Básica – 2014, na cidade de Taubaté há 8.474 matrículas no ensino médio em escolas estaduais e municipais, sendo: 7.637 em escola estadual urbana; 101 em escola estadual rural e 736 em escola municipal urbana (INEP, 2014). Em relação às escolas municipais, 645 alunos do ensino médio estudam em escolas urbanas, e 93, em escolas rurais (SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, 2015).

1.3.2 - Cunha

O município de Cunha está inserido na Sub-região 3, que se destaca pelo turismo religioso, rural, cultural e ecoturismo. Está localizado a 235 km da capital do estado, em uma ferradura formada pelas serras do Mar, Bocaina e Quebra-Cangalha, a uma altitude média de 1.100 metros.

Instituída como Estância Climática desde 1948, Cunha tem suas origens por volta de 1695, época em que muitos aventureiros subiam a serra pela trilha dos Guaianás com destino ao Sertão de Minas Gerais, atraídos pela notícia de que havia ouro e pedras preciosas naquela região. Conhecida como “Boca do Sertão”, tornou-se parada obrigatória para descanso e reabastecimento das tropas. Dessa forma, tornou-se importante trecho da Estrada Real, antigo caminho do ouro, por onde as riquezas das Minas Gerais eram escoadas até o porto de Paraty, rumo a Portugal (CUNHA, 2015).

No século XVIII, viajantes que se fixaram na região construíram um povoado onde a família portuguesa Falcão ergueu uma capela chamada Sagrada Família. Devido à

contribuição dessa família para o povoado, durante muito tempo a cidade foi chamada de “Freguesia do Falcão”. “Em 15 de setembro de 1785 o povoado é elevado a vila, com o nome de Vila de Nossa Senhora da Conceição de Cunha, em homenagem ao capitão general Francisco da Cunha Menezes, governador da Província de São Paulo. A autonomia política veio em 1858, ano em que foi elevada à categoria de cidade, e em 1883 tornou-se comarca” (CUNHA, 2015).

A identidade turística ocorreu em 1993, por meio da formação do Conselho de Desenvolvimento, que realizou sua primeira Temporada de Inverno, com calendário de eventos e roteiro das atrações.

A extensão territorial de 1.407,250 km² faz de Cunha o maior município do interior do estado de São Paulo. Da população de 21.866 habitantes, 12.167 estão na área rural (IBGE, 2015). A economia é voltada à pecuária leiteira e de corte, à cultura do milho, feijão, batata, à produção de pinhão, cogumelos Shiitake, à criação de peixes peixe (trutas) e ao turismo (artesanato local e cerâmica de arte) (CUNHA, 2015). Em relação às estatísticas sobre empresas atuantes, o IBGE (2015) mostra que há 850, na cidade.

Relacionada ao turismo, a cidade consolida-se como um importante polo de arte cerâmica do Brasil e da América do Sul, caracterizado pela diversidade técnica e estética de sua produção, o que lhe conferiu a denominação *cerâmica de autor*. Cunha é destino de turistas com interesse em conhecer e comercializar as obras de arte em cerâmica, atraídos pela qualidade artística dos ateliês espalhados pela cidade.

Destacam-se, também, festas religiosas da tradição católica, entre elas a Festa do Divino, no mês de julho, atraindo multidões para as novenas e festejos, como congada, moçambique e jongo, em que se tocam instrumentos como violas, caixa surda, pandeiro, acordeão, ou sanfona, acompanhados pela batida dos pés, nos quais são amarrados guizos. Os integrantes vestem roupas brancas com fitas, bastões e guizos (CUNHA, 2015).

Com extensa área rural, no município há dois parques. O Parque Estadual Serra do Mar preserva importantes árvores, como cedro, peroba maçaranduba, canela, ipê, grumixama, guatambu, em que se alojam bromélias, orquídeas, samambaias, líquens e lianas. O parque é habitat natural de capivara, anta, paca, onça, quati, jaguatirica, sagui, bugio, gaviões, papagaios, jacu, jacutinga e araponga, entre outras espécies. No Parque Nacional da Bocaina há vistas panorâmicas e cachoeiras pouco conhecidas (CUNHA, 2015).

De acordo com o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2015), o município de Cunha apresenta Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) 0,684, situando-se, assim, na faixa de Desenvolvimento Humano Médio.

Como em Taubaté, foi na Educação que o índice mais cresceu, desde 2000. De acordo com o Censo Escolar Educação Básica, de 2014, na cidade de Cunha há 910 matrículas no ensino médio em escolas estaduais, 820 delas em escola estadual urbana e 90 em escola estadual rural (INEP, 2014). De acordo com Monteiro (2016), a rede estadual na cidade conta atualmente com 32 escolas rurais: 5 escolas nucleadas de Ensino Fundamental e Médio e 27 escolas multisseriadas. Não há na cidade Instituições de Ensino Superior, e, dessa forma os estudantes desse segmento de ensino estão matriculados em instituições de outras cidades da região.

A escolha dessas duas cidades justifica-se pelo fato de representarem os perfis econômicos da Região Metropolitana do Vale do Paraíba Paulista – urbanização e agricultura. Taubaté, polo industrial, apresenta características urbanas abarcando inclusive o espaço rural. Em contraponto, Cunha é uma das cidades que representam o rural na região, tanto pela dimensão territorial, quanto pelo alto índice populacional na zona rural, além dos aspectos socioambiental e cultural. O espaço urbano de Cunha está fortemente ligado ao espaço rural, uma vez que a produção social e cultural está ligada ao campo (MONTEIRO, 2016).

Torna-se relevante a descrição da delimitação deste estudo, uma vez que os jovens investigados sofrem influência desse contexto.

1.4 Relevância do Estudo / Justificativa

A relação entre o homem e o trabalho é marcada por inúmeras mudanças ao longo da história. Se antes o trabalho era transmitido através das gerações de família, sendo as atividades definidas para o sujeito, sem que tivesse possibilidade de escolha, a partir da Revolução Industrial essa possibilidade passa a existir e assume importância no modelo de produção capitalista (ALMEIDA; MAGALHÃES, 2011).

A escolha profissional, compreendida como o processo de decisão por esta ou aquela atividade, envolve aspectos pessoais, sociais, culturais e econômicos. Refletindo as mudanças no contexto do mundo trabalho, esse processo também tem sido abordado sob diferentes perspectivas. No contexto de orientação profissional, inicialmente foi abordado sob uma perspectiva vocacional – mediante características inatas, seria possível definir qual atividade seguir. Diferentemente dessa abordagem determinista, atualmente a perspectiva é de um processo que se constrói ao longo da vida, a partir das relações com os outros, consigo mesmo e com a sociedade (VALORE, 2008).

Independentemente da abordagem ou perspectiva, o ponto comum é que o processo de escolha profissional tem início efetivo na fase da adolescência, no decorrer do Ensino Médio, sendo o término desse período um marco no início de uma nova trajetória de vida.

Quanto ao aspecto populacional, Costa e Oliveira (2014) apontam que no Brasil o período 2003–2013 alcançou o maior número de jovens da história demográfica do país. Ao fim desta fase, iniciou-se o declínio dessa população, como tendência evidenciada no contexto mundial. Esse dado traz como implicação o aumento da concorrência pelos postos de trabalho e a necessidade desses jovens de se qualificarem, buscando melhor colocação e, paralelamente, promovendo economia mais produtiva (COSTA; OLIVEIRA, 2014).

Diante desse cenário, destaca-se a relevância deste estudo, uma vez que se propõe a abordar saberes e influências relacionadas às primeiras decisões frente às demandas no âmbito profissional, com impacto nos contextos pessoal, social e econômico.

Como é um tema que envolve níveis de análise, caracteriza-se como fenômeno interdisciplinar, outro aspecto de relevância neste estudo.

Segundo Jodelet (2016), a interdisciplinaridade diz respeito à superação dos limites entre disciplinas, possibilitando conexões entre conceitos e interpretações referentes a um mesmo fenômeno. Silva (2011, p. 587) observa que “[...] caracteriza-se pela utilização de elementos ou recursos de duas ou mais disciplinas para a operacionalização de um procedimento investigativo”.

Identificar a construção de Representações Sociais da escolha profissional como fenômeno elaborado pelo grupo (jovens) permite compreender suas escolhas no presente, norteando e justificando ações futuras (no âmbito laboral). Possibilita também analisar as influências sociais dessas escolhas profissionais e levantar as motivações, as atitudes e as crenças à luz do contexto, tanto pessoal, quanto social. Torna-se relevante a discussão, para compreender como se dá essa relação na construção de uma caracterização laboral, refletindo-se sobre as necessidades de desenvolvimento do sujeito bem como sobre ações formativas que auxiliem os estudantes neste processo.

1.5 Organização do Trabalho

O presente trabalho está organizado em cinco capítulos. No primeiro deles, é apresentada a introdução do tema e da pesquisa, apontando o problema, objetivos (geral e específicos), delimitação do estudo e relevâncias teóricas e sociais.

No Capítulo 2 encontra-se o referencial teórico deste estudo. Inicialmente é apresentado o levantamento de trabalhos acadêmicos que abordam o tema e objeto deste estudo, possibilitando identificar os conhecimentos já produzidos.

Ainda no referencial teórico, é discutido o contexto no qual se encontra a população pesquisada – estudantes do Ensino Médio. É abordado o Ensino Médio, e nesse contexto destaca-se ainda a Educação do Campo, uma vez que o grupo é formado por alunos de escolas das áreas urbana e rural.

Na sequência da apresentação do referencial teórico, é apresentada a Teoria das Representações Sociais, trazendo a construção da teoria e do conceito, bem como os elementos, funções e processos das RS.

Sobre Escolha Profissional, é discutido o conceito e a abordagem, bem como a relação com o significado de trabalho e profissão. Relacionar o tema com Identidade faz-se necessário, uma vez que se trata de compreender as interações entre indivíduo e sociedade, entre a identidade pessoal e a identidade social/coletiva.

No Capítulo 3 estão descritos os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento da pesquisa, quais sejam: o tipo de pesquisa realizada, a população e a amostra participante, os instrumentos utilizados, os procedimentos para coleta e para análise de dados.

No Capítulo 4 são apresentados os resultados e as análises dos dados coletados, organizados em quatro seções: 1) Caracterização Sociodemográfica e os blocos de análise identificados a partir da técnica de triangulação de métodos; 2) Escolha Profissional, 3) Significado da Profissão/Trabalho; e, 4) Relação Profissão X Estudo.

Finalizando, o Capítulo 5 apresenta as considerações finais sobre o estudo realizado.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção apresentam-se os trabalhos realizados sobre o tema escolha profissional e expectativas profissionais, representações sociais e educação, no âmbito campo/cidade, rural/urbano. Dentre os temas abordados, o contexto laboral atual é descrito, entretanto sem aprofundamentos.

2.1 Pesquisas sobre escolha profissional

Para início do percurso, realizou-se mapeamento sobre o tema, caracterizado como “Estado da arte” e “Estado do conhecimento”, que, de acordo com Ferreira (2002), tem por objetivo mapear e identificar as produções acadêmicas nas diferentes áreas do conhecimento, possibilitando ao pesquisador compreender a construção dos saberes já discutidos sobre o tema.

Para o presente trabalho, pesquisaram-se, nos períodos abril-junho/2015 e dezembro/2016 a março/2017, as bases de dados: banco de teses e dissertações da UNICAMP, banco de dissertações do Programa de Pós Graduação – Mestrado em Desenvolvimento Humano - MDH da UNITAU, banco de teses e dissertações da USP, Biblioteca Virtual em Saúde – BVS, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – banco de teses e periódicos, Domínio Público, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT e Scielo. Os descritores utilizados para localização de trabalhos sobre o tema escolhido foram: “Escolha Profissional”, “Representações sociais e educação do campo”, “Representações sociais e escolha profissional” e “Representações sociais, escolha profissional e educação do campo”, sem delimitação de ano.

Os resultados obtidos inicialmente foram refinados, a partir da identificação dos que continham, no título e/ou no resumo, o tema de interesse deste estudo. Na busca com o descritor “Escolha Profissional”, selecionaram-se trabalhos que revelavam conteúdo de interesse do pesquisador, além do aspecto orientação profissional/vocacional. Após o refinamento para o descritor “Representações Sociais e Educação do Campo”, foram selecionadas produções que se referiam aos estudantes de escolas do campo. Considerando o descritor “Representações Sociais e Escolha profissional”, observaram-se produções com enfoque na escolha profissional docente e também referentes à representação social do

trabalho para adolescentes trabalhadores e não trabalhadores. Optou-se por destacar somente os trabalhos cujo conteúdo abordasse o tema escolha profissional, sendo considerados 32 trabalhos, conforme Quadro 1.

Quadro 1 – Quantidade de artigos e dissertações por descritores

Descritor	Quantidade de produções
Escolha Profissional	15
Representações sociais e escolha profissional	13
Representações sociais e Educação do campo	04
Representações sociais e Escolha profissional e Educação do campo	0

Fonte: Elaborado pela autora

Os estudos abordam o conceito (ou compreensão) do que seria a escolha no âmbito profissional. Na segmentação para apresentação desses trabalhos consideraram-se temas de destaque: as influências que permeiam esse processo (familiares e do mercado de trabalho) e a importância dos programas de orientação profissional.

As influências dos aspectos familiares e fatores econômicos que permeiam o momento da escolha profissional foram objeto de estudo nos trabalhos de Audi (2006), Martins e Noronha (2010) e Oliveira e Melo-Silva (2010), descritos no Quadro 2.

No estudo de Audi (2006) foram abordadas as expectativas de jovens ao término do Ensino Médio, referentes às decisões a serem tomadas em relação ao aspecto profissional. A autora considera esse processo como construção de um projeto que possibilita diálogo entre presente, passado e futuro, na construção de perspectivas. Desse modo, o sujeito lança-se em direção ao que se propõe. Faz uso do termo projeto, uma vez que escolha diz respeito a colocar o indivíduo como sujeito da ação e pressupõe que todos estão igualmente livres para escolher; entretanto, há de se questionar até que ponto essa liberdade ocorre de fato (AUDI, 2006).

O conceito de projeto utilizado por Uvaldo (*apud* AUDI, 2006) reconhece que o sujeito é determinado pelas condições objetivas de sua realidade, entretanto com liberdade para alterá-la. No projeto, não há uma completa determinação pelas circunstâncias. Assim, é possível perceber, analisar e compreender a situação passada e presente, e, a partir dessa percepção, criar um projeto com intenção futura.

Em seu estudo, Audi (2006) constatou que as expectativas referentes à inserção profissional estão associadas aos mecanismos por meio dos quais os jovens buscam

autonomia financeira. Os jovens de escola pública buscam profissões que possibilitem melhoria de sua condição econômica. Por outro lado, os estudantes de escola pública que estão no mercado de trabalho, em empresas administradas pela família, revelam preocupação em manter o status econômico e os negócios familiares.

Quadro 2 – Escolha Profissional – influências familiares

Referência	Objetivo	Síntese
AUDI, D. A. A adolescência e suas expectativas quanto à inserção no mundo do trabalho. USP, 2006. Dissertação de Mestrado.	Analisar a influência das expectativas de inclusão no mercado de trabalho na construção de projeto profissional por jovens de diferentes classes sociais.	O trabalho revela que as expectativas pessoais e da família a respeito da inserção no mercado de trabalho variam entre jovens de diferentes camadas sociais, o que influencia diferentemente na construção de projetos profissionais e acadêmicos.
MARTINS, D. F.; NORONHA, A. P. P. Interesse profissional e características socioeconômicas de estudantes do Ensino Médio. Revista Psico , Porto Alegre, PUCRS, v. 41, n. 1, p. 76-84, jan./mar. 2010.	Investigar os interesses profissionais de jovens, considerando o nível educacional e socioeconômico dos pais.	Os resultados confirmam pesquisas anteriores, nas quais já se constatou a influência de aspectos relacionados à renda mensal da família e ao grau de escolaridade dos pais na escolha profissional dos jovens. Os autores reforçam a importância dos serviços de Orientação Profissional, considerando os aspectos acima apontados, para que os jovens deles tenham ciência.
OLIVEIRA, M. D.; MELO-SILVA, L. L. Estudantes universitários: a influência das variáveis socioeconômicas e culturais na carreira. Revista Psicologia, Escola e Educação , Campinas, v. 14, n. 1, p.23-34, jun. 2010.	Descreve o perfil de concluintes dos cursos de graduação em Química, Ciências Biológicas e Psicologia de uma universidade pública e busca compreender influências das variáveis sociodemográficas e acadêmicas em suas trajetórias de carreira.	Verificou-se que a escolaridade dos pais, nível socioeconômico e natureza do ensino cursado estão proporcionalmente relacionados ao sucesso no vestibular e à escolha da carreira.

Fonte: Elaborado pela autora

Investigando os interesses profissionais dos jovens de escolas particulares, considerando o nível educacional e socioeconômico dos pais, Martins e Noronha (2010) verificaram correspondências entre escolha em determinadas áreas profissionais e as características econômicas e o nível de escolaridade dos pais. A utilização do termo “escolha”, pelas autoras, está relacionada à expectativa dos sujeitos em relação às áreas de interesse. Concluindo o estudo, as autoras destacam que os resultados não permitem generalização, visto que a pesquisa não apresentou amostra diversificada em relação ao nível de escolaridade dos pais, em sua maioria com nível superior. Entretanto, destacam que em programas de orientação profissional faz-se necessário considerar a profissão e condições econômicas dos pais, para analisar as expectativas profissionais dos jovens (MARTINS; NORONHA, 2010).

A influência do nível socioeconômico da família na trajetória universitária de jovens estudantes foi investigada por Oliveira e Melo-Silva (2010). As autoras verificaram que a escolaridade dos pais, nível socioeconômico e natureza do ensino cursado estão

proporcionalmente relacionados ao sucesso no vestibular e à escolha por um curso de nível superior. Diferentemente dos estudos acima citados, a população pesquisada foi de jovens concluintes de cursos de graduação em universidade pública, e o interesse dos pesquisadores foi, além do processo de escolha, a permanência no curso escolhido, considerando as influências econômicas e culturais das famílias. Os autores descrevem estudo realizado pelo Núcleo de Pesquisa sobre Ensino Superior (NUPES), que aponta que o perfil dos aprovados em universidade pública, a Universidade de São Paulo, é de jovens egressos do Ensino Fundamental e Médio privado, oriundos de famílias com alta renda e de cor branca. Os autores utilizaram a classificação da ABIPEME. Independentemente do curso escolhido, o sucesso no vestibular da USP está associado ao estudo em escolas particulares. Paralelamente, os universitários oriundos de escolas públicas e de famílias carentes econômica e culturalmente apresentam maior dificuldade em permanecer no curso, visto que têm que conciliar estudo e trabalho. Martins e Noronha (2010) destacam a importância dos serviços de Orientação Profissional, não somente nos processos de escolha de curso, mas também no acompanhamento e desenvolvimento do processo de formação profissional, para estímulo de comportamentos proativos e autônomos, que possibilitarão aos jovens enfrentar as situações sociais, econômicas e educacionais.

Abordando essas influências, mas com ênfase nos aspectos relacionados ao mercado de trabalho estão os trabalhos de Casari (2006), Frozino (2006) e Conde (2012), conforme Quadro 3.

Investigando a influência da expectativa em relação aos salários das profissões, Casari (2006) constatou que na população pesquisada não havia uma previsão sobre o retorno financeiro. Assim, esse aspecto não influenciou diretamente a escolha profissional. A autora faz ressalvas em relação ao resultado, considerando que a população era constituída por alunos de uma universidade pública com perfil socioeconômico e cultural elevado, não considerando o salário como um fator importante no momento da decisão sobre qual curso seguir após o término do Ensino Médio.

As mudanças no mercado, reflexos do próprio movimento do mundo do trabalho, são discutidas nos trabalhos de Frozino (2006), Conde (2012) e Sarriera (2001), que investigaram, tanto a percepção dos jovens em relação aos fatores que influenciam suas decisões, quanto às exigências do mercado de trabalho, percebendo a inserção laboral como possibilidade de melhoria do nível de qualidade de vida. Esses autores abordam a escolha profissional como projeto de vida que reflete a construção da identidade vocacional.

Quadro 3 – Escolha profissional - Influências do mercado de trabalho

Referência	Objetivo	Síntese
SARRIERA, J. C. <i>et al.</i> Formação da identidade ocupacional em adolescentes. Revista Estudos de Psicologia , Natal, v.6, n.1, p. 27-32, Junho, 2001.	Estudar os aspectos relacionados à identidade ocupacional em adolescentes de classe popular	Os resultados revelaram que a inserção laboral representava a transformação da realidade social de exclusão e sofrimento, pela perspectiva futura de melhoria do nível de qualidade de vida.
CASARI, P. Retorno Esperado e Escolha Profissional: fatores associados à escolha da carreira dos alunos da Universidade de São Paulo. USP Ribeirão Preto, 2006. Dissertação de Mestrado.	Avaliar se o retorno esperado do ensino superior é determinante para escolha de profissão e se os salários das profissões escolhidas são relevantes na hora da escolha.	Os resultados revelam que não há uma previsão sobre o retorno esperado, portanto não há uma influência direta desse aspecto no momento da escolha. Por ter investigado apenas em uma universidade, a autora sugere estudos mais abrangentes.
FROZINO, A.D Formação profissional: percursos e desafios para a escolha de carreira. UNITAU, 2006. Dissertação de Mestrado.	Analisar a percepção de um grupo de estudantes universitários dos cursos de Hotelaria e Gastronomia sobre os fatores contribuintes para a escolha da profissão e sobre o papel da formação nesse processo.	Os resultados revelam que as opções profissionais ocorrem a partir das influências familiares e do mercado de trabalho, associados aos interesses próprios dos jovens. Quanto à realização de projeto de vida, verificou-se a busca pelo reconhecimento e prazer no trabalho. O esforço nos estudos é percebido como fator determinante para ser bem-sucedido na vida.
CONDE, D. L. G. Escolha Profissional na Contemporaneidade: Caminhos Possíveis. Tese de Doutorado - UFRJ, 2012.	Investigar de que modo os jovens respondem às questões atuais quanto à escolha de uma profissão.	Os resultados revelaram que os jovens consideram, durante o processo de escolha profissional, a importância de se fazer um curso superior e de desenvolver competências exigidas pelo mercado de trabalho. Apontam a necessidade de gostar da profissão escolhida, a necessidade de maior conhecimento e as influências sociais e familiares no momento da escolha.

Fonte: Elaborado pela autora

No estudo de Conde (2012), os aspectos relacionados ao trabalho e o conceito de profissão são discutidos, uma vez que impactam nas expectativas dos jovens em relação à atividade que esperam desempenhar, pois influenciam suas decisões frente às possibilidades ao término do Ensino Médio. Considerar profissão uma atividade com formação especializada e reconhecida socialmente tem por consequência a decisão dos jovens por cursos que demandam formação superior e a necessidade de desenvolver competências necessárias ao mercado de trabalho.

O processo de orientação profissional como um recurso importante para o jovem, auxiliando-o a refletir sobre suas potencialidades, e os aspectos relacionados à construção de projeto de vida, considerando a escolha profissional importante, foram abordados em diferentes trabalhos.

Além de destacar as influências familiares, sociais e culturais no processo de escolha profissional, como nos trabalhos referidos no Quadro 3, os estudos apontam para a importância dos processos de Orientação Profissional, que possibilitam ao jovem tornar-se consciente dessas influências, para que suas decisões ocorram de forma assertiva. Dias e

Soares (2012), Pinho e Castanho (2012) apresentam em seus trabalhos que, além de contribuir para escolhas mais satisfatórias, a Orientação Profissional também colabora na escolha e realização do curso superior e na transição para o mercado de trabalho. Os estudos estão descritos no Quadro 4.

Quadro 4 – Escolha Profissional e Orientação Profissional

Referência	Objetivo	Síntese
BARDAGI, M. P.; PARADISO, A.C. Trajetória Acadêmica e Satisfação com a Escolha Profissional de Universitários em Meio de Curso. Revista Brasileira de Orientação Profissional , São Paulo, v. 4, n. 1-2, dez.2003.	Investigar as trajetórias acadêmicas, satisfação com a escolha profissional e expectativas quanto à orientação profissional.	Os resultados demonstraram alto índice de satisfação dos jovens com a escolha profissional, considerando que a participação em processos de Orientação Profissional propiciou essa escolha.
BARRETO, M. A.; AIELLO-VAISBERG, T. Escolha profissional e dramática do viver adolescente. Revista Psicologia e Sociedade . Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 107-114, Abr. 2007.	Investigar o imaginário social sobre a adolescência contemporânea e as concepções sobre o adolescente em vias de escolha da profissão.	O estudo revelou a importância de se instrumentalizar o jovem no momento da escolha profissional, identificando as influências contidas nessa escolha.
BOCK, S. D. A escolha profissional de sujeitos de baixa renda recém egressos do ensino médio . Campinas, 2008. Universidade Estadual de Campinas. Tese de Doutorado.	Investigar como jovens participantes de um programa de Orientação Profissional, de baixa renda e egressos do ensino médio público, elaboram sua escolha profissional.	Os resultados mostraram que o programa de Orientação Profissional ajudou na construção de escolhas mais consistentes. Observou-se também que, mesmo não consideradas profissões de prestígio, os jovens já se sentiam vitoriosos por terem atingido nível de escolaridade que superava o de suas famílias.
ALMEIDA, M. E. G. G.; PINHO, L. V. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. Revista Psicologia Clínica , 2008, vol.20, n.2, pp. 173-184.	Destacar os aspectos relacionados ao momento de escolha profissional, considerando a adolescência e as influências familiares nesse processo.	Os autores destacam que, no processo de orientação profissional, é fundamental informar o jovem sobre as influências presentes no momento de sua opção profissional, possibilitando-lhe assim que faça uma escolha consciente, responsável e assertiva.
ALMEIDA, M. E. G. G.; MAGALHAES, A. S. Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar. Revista Brasileira de Orientação Profissional , São Paulo, v. 12, n. 2, dez. 2011.	Abordar a escolha profissional enquanto projeto de vida influenciado por aspectos sociais, econômicos, culturais e familiares.	O artigo confirma outros trabalhos que destacam a importância das influências familiares, sociais e culturais no processo de escolha profissional e destaca que, num processo de orientação profissional, é necessário possibilitar que o jovem tenha consciência dessas influências.
FAHT, B. H. Fatores que influenciam a escolha profissional do jovem universitário e sua visão a respeito da orientação profissional . Universidade do Vale do Itajaí, 2011. Dissertação de Mestrado	Analisar os fatores que influenciam a escolha profissional de jovens universitários de Blumenau.	Os resultados revelaram a importância da Orientação Profissional na identificação das diferentes influências no processo de escolha: familiares, sociais e econômicas. O jovem deve ser informado dessas influências, para que consiga realizar assertiva escolha de sua profissão.
DIAS, M. S. L.; SOARES, D. H. P. A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários. Revista Psicologia: Ciência e Profissão . Brasília, v.32, n.2, p.272-283, 2012.	Analisar a escolha profissional, bem como o direcionamento da carreira de universitários, destacando os serviços de Orientação Profissional, tanto no momento de escolha, quanto no acompanhamento do jovem em sua inserção no mercado de trabalho.	As autoras defendem a importância de se oferecer programas de orientação profissional em universidades, para auxílio no processo de inserção dos jovens no mercado de trabalho.
PINTO, T. M. G.; CASTANHO, M. I. S. Sentidos da escolha e da orientação profissional: um estudo com universitários. Revista Estudos de Psicologia , Campinas, Campinas, v. 29, n.3, p.395-413, Set. 2012.	Apreender os sentidos da escolha e da orientação profissional produzidos por universitários, com base nos fundamentos teórico-metodológicos da perspectiva sócio-histórica.	Os resultados indicaram que a Orientação Profissional foi contributiva e relevante para as escolhas acadêmicas e profissionais no percurso do Ensino Superior e para os projetos de futuro profissional.

Fonte: Elaborado pela autora

Investigando a satisfação com a escolha profissional de jovens universitários, Bardagi, Lassance e Paradiso (2003, p. 154) definem escolha profissional como “[...] estabelecer o que fazer e quem ser, onde estar no mundo, por meio do trabalho”. Esse processo, que envolve mudanças e perdas, ocorre geralmente na adolescência, ao término do Ensino Médio, e demandará reavaliações constantes, uma vez que faz parte da formação da identidade profissional, complementando a pessoal. Neste estudo, a ênfase foi sobre a escolha do curso superior.

Os estudos apontados discutem a escolha profissional num contexto de decisão de jovens frente às possibilidades de continuidade de estudo, em cursos do Ensino Superior. Neste sentido são abordadas e discutidas as expectativas desses jovens, contextualizando suas demandas, uma vez que os contextos culturais e econômicos influenciam essas escolhas. Aponta-se também a importância de os processos de orientação profissional abordarem aspectos relacionados, tanto a autoconhecimento, quanto a informações da realidade objetiva do mercado de trabalho.

Nos trabalhos que enfatizam os temas Representações Sociais e Educação do Campo, os autores abordam representações sociais de jovens sobre contextos da cidade e do campo, e seu impacto sobre as escolhas profissionais (Quadro 5).

Naif, Monteiro e Naif (2009) identificaram e compararam as representações sociais dos alunos de uma universidade federal sobre as identidades de camponeses e agricultores. Os resultados mostraram que os camponeses são representados pelos estudantes como sujeitos arcaicos, deslocados historicamente e excluídos das formas de produção econômicas vigentes no campo. Os agricultores são vistos pelos alunos como modernos agricultores familiares, muito mais atraentes às novas gerações, produtores de riquezas e de desenvolvimento no campo, além de menos geradores de tensão. Para os autores, os resultados podem ser compreendidos numa perspectiva política e econômica, e fazem parte da construção de identidade pessoal, podendo refletir na identidade profissional e influenciar os jovens do campo nas escolhas profissionais.

Whitaker e Onofre (2005) observaram que as representações sociais sobre o vestibular de estudantes de escolas do campo foram ancoradas nas representações sociais urbanas, influenciando assim as expectativas e escolhas por cursos superiores voltados para o urbano.

Descrevendo os aspectos históricos na construção de uma identidade rural, Anjos e Caldas (2014) destacam que as representações sociais do rural que predominam na atualidade estão relacionadas à identificação do rural com a natureza, com a biodiversidade e com espaços protegidos. Assim, podem ser produzidos artigos consumíveis. Essas representações

podem influenciar escolhas profissionais, considerando-se as atividades que podem ser desenvolvidas nesses contextos.

Quadro 5 – Representações Sociais e Educação do Campo

Referência	Objetivo	Síntese
WHITAKER, D. C. A.; ONOFRE, S. A. Representações sociais em formação sobre os vestibulares dos estudantes de um cursinho comunitário na zona rural. Revista Brasileira de Orientação Profissional , vol.7, n.1, pp. 45-55, 2006.	Abordar as representações sociais enfocando a juventude rural, num cursinho preparatório para vestibular.	Os resultados mostram que as representações sociais dos jovens rurais se formam diretamente ancoradas nas representações sociais da sociedade urbanizada.
NAIFF, D. G. N.; MONTEIRO, R. C.; NAIFF, L. A. O camponês e o agricultor nas representações sociais de estudantes universitários. Revista PSICO – USF . Itatiba, v. 14, n. 2, p. 221-227, ago. 2009	Identificar e comparar as representações sociais dos alunos de uma universidade federal rural sobre as identidades de camponeses e agricultores.	Os resultados apontam para o fato de que os camponeses são representados pelos estudantes como sujeitos arcaicos, deslocados historicamente e excluídos das formas de produção econômicas vigentes no campo, enquanto os agricultores são como modernos agricultores familiares, muito mais atraentes às novas gerações, produtores de riquezas e de desenvolvimento no campo, além de menos geradores de tensão.
ANJOS, F. S.; CALDAS, N. V. Da medida do rural ao rural sob medida: representações sociais em perspectiva. Revista História, Ciências e Saúde . Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 385-402, jun/2014.	Explorar algumas contradições associadas ao que os autores denominam emergência de um rural “sob medida”, num contexto marcado pela era do pós-produtivismo e pelo peso crescente dos valores pós-materialistas, elegendo as representações sociais do rural como foco analítico.	Os autores enfocam as representações sociais da zona rural que predominam na atualidade, considerando a identificação do rural com a natureza, com a biodiversidade e com espaços protegidos.

Fonte: Elaborado pela autora

Considerando os estudos identificados com os temas representações sociais e escolha profissional, os resultados permeiam os aspectos já citados nos trabalhos relacionados às influências nos processos de opção dos jovens.

O estudo de Cidral (1998) teve como objetivo identificar os impactos das transformações no mundo do trabalho sobre as escolhas profissionais de adolescentes. O autor considera escolha como um processo em que o sujeito opta por uma atividade especializada, por meio da qual possa obter meio de sustento. A abordagem foi sobre a expectativa de jovens do ensino médio sobre a profissão que gostariam de exercer. Os resultados revelaram que as condições socioeconômicas são relevantes na elaboração das representações sociais do trabalho e da escolha profissional.

Na investigação sobre representações sociais e escolha profissional na adolescência, realizada por Serpa (2003), a abordagem sobre escolha profissional considerou o significado do trabalho e a compreensão da escolha profissional como processo vivencial, de natureza

psicológica e social, que ocorre ao longo da vida. Para o adolescente é o momento em que procura selecionar as atividades profissionais que julga condizentes com as suas características e afinidades, e isso se dá sob influência de seu contexto histórico, socioeconômico e cultural. Os resultados obtidos revelaram quatro categorias de representações sociais: mercado de trabalho, formação escolar, questões familiares e valores pessoais.

O estudo realizado por Faria e Guzzo (2007) investigou as representações sociais de emprego, trabalho e profissão em estudantes do Ensino Médio de um programa de orientação vocacional. Os resultados revelaram que os adolescentes referenciam as categorias (mercado de trabalho, formação escolar, questões familiares e valores pessoais) segundo seu status cultural. Isso faz com que ignorem um pouco as condições objetivas do mercado de trabalho e façam a sua escolha preferencialmente a partir de critérios subjetivos, tais como satisfação com a atividade ou sucesso na carreira. Neste sentido, escolha profissional é abordada como expectativa dos sujeitos em relação à profissão que pretendem exercer futuramente.

Marcelino, Catão e Lima (2009) realizaram pesquisa com o objetivo de comparar representações sociais de adolescentes de diferentes contextos escolares (público e privado) sobre a construção do seu projeto de vida. Conceituam o projeto como um processo de desenvolvimento pessoal/social e consideram a escolha profissional um dos aspectos importantes dessa construção. Os dados obtidos na pesquisa revelaram representações consensuais a respeito do projeto de vida, como desejos, metas, previsões e estratégias; entretanto, para os alunos da escola pública destaca-se necessidade de inclusão social e de melhoria de vida. Os alunos da escola privada revelaram dificuldades relacionadas à escolha da profissão.

Rizzo (2008) e Ferreira (2014) desenvolveram estudos para investigar as representações sociais do trabalho de jovens que participavam de programa de inserção profissional, na mesma região do presente estudo. Apesar de ter como objeto de estudo o “Trabalho”, os autores apresentam também aspectos que permeiam a escolha profissional, uma vez que abordam a relação entre trabalho e estudo, significado do trabalho e perspectivas de futuro e construção de projeto de vida. Dessa forma, os resultados desses estudos foram considerados na análise de resultados da presente pesquisa.

Os trabalhos sobre o tema escolha profissional à luz da teoria das representações sociais estão descritos no Quadro 6.

O levantamento dos estudos mencionados revela que a escolha profissional pode ser compreendida como um processo contido na construção de um projeto de vida (pessoal e

profissional) e que, no contexto do jovem, do adolescente, o que se investiga é a expectativa sobre suas possibilidades futuras no aspecto laboral.

Quadro 6 – Representações Sociais e Escolha Profissional

Referência	Objetivo	Síntese
CIDRAL, A. Escolha profissional : o adolescente na interseção entre vários "mundos" UFSC, 1998. Dissertação de mestrado.	Identificar o impacto das transformações no mundo do trabalho sobre as escolhas profissionais de adolescentes.	Os resultados revelam que as condições socioeconômicas contingenciam as representações sociais do trabalho, mercado de trabalho e escolha profissional, elaboradas pelos jovens pesquisados.
FARIA, L. R. P.; GUZZO, R. S. L. Em tempo de globalização: a representação social de emprego, trabalho e profissão em adolescentes. Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia , Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 387-404, dez. 2007.	Explorar as representações sociais de Emprego, Trabalho e Profissão dos estudantes do ensino médio participantes de um programa de orientação vocacional.	Os resultados sugerem que os adolescentes referenciam as categorias segundo seu status em nossa cultura. Isso faz com que ignorem um pouco as condições objetivas do mercado de trabalho e façam a sua escolha preferencialmente a partir de critérios subjetivos, tais como satisfação com a atividade ou sucesso na carreira.
MARCELINO, M. Q. S. <i>et al.</i> Representações Sociais do Projeto de Vida entre Adolescentes no Ensino Médio. Revista Psicologia: Ciência e Profissão , 2009, 29 (3), 544-557.	Comparar as representações sociais dos adolescentes de diferentes contextos escolares (público e privado) acerca da construção de seu projeto de vida.	Os resultados demonstraram representações consensuais a respeito do projeto de vida, como desejos, metas, previsões e estratégias. Entretanto, os alunos da escola pública objetivaram suas representações na necessidade de inclusão social e na melhoria de vida, enquanto os da escola privada objetivaram suas representações nas dificuldades relacionadas à escolha da profissão. O estudo mostra a necessidade de políticas públicas que possibilitem, nesses diferentes contextos escolares, condições semelhantes para a construção de projetos de vida.
SERPA, H. S. As representações sociais sobre escolha profissional na adolescência . Universidade Católica de Petrópolis, 2003. Dissertação de mestrado.	Investigar as representações sociais sobre a escolha profissional na adolescência.	Os resultados revelaram as representações sociais sobre a escolha profissional, divididas em quatro categorias: mercado de trabalho, formação escolar, questões familiares e valores pessoais. O estudo permitiu, também, elaborar algumas reflexões sobre as teorias da escolha profissional e a prática da orientação vocacional.
RIZZO, C. B. B. A representação social do trabalho para os adolescentes ao iniciarem uma atividade profissional . Universidade de Taubaté, 2008. Dissertação de Mestrado.	Identificar as representações sociais que os adolescentes têm do trabalho diante da sua inserção no mercado.	Identificaram-se como significados atribuídos ao trabalho, a garantia de um futuro melhor e a mudança de classe social. Apesar da importância da experiência atual do trabalho, esses jovens consideraram, como determinante de um futuro melhor, o investimento na educação e no conhecimento.
FERREIRA, A. C. O. A representação social para jovens trabalhadores . Universidade de Taubaté, 2014. Dissertação de mestrado.	Investigar as representações sociais do trabalho entre adolescentes trabalhadores participantes de um programa de aprendizagem laboral na cidade de São José dos Campos/SP.	Os resultados revelaram que as representações sociais do trabalho envolvem responsabilidades e amadurecimento que contribuem para o reconhecimento desses jovens diante da sociedade e para a formação de suas identidades. Estão vinculadas à aquisição de aprendizagens, experiências e melhores oportunidades no mercado de trabalho.

Fonte: Elaborado pela autora

As pesquisas denotam a relevância da escolha profissional como tema de pesquisa, uma vez que abrangem diferentes áreas do conhecimento e fornecem dados resultantes de diferentes níveis de análise.

Dando continuidade à construção teórica, torna-se necessário destacar o contexto dos sujeitos deste estudo: jovens estudantes de Ensino Médio. Esse contexto é assunto do próximo subitem.

2.2 De onde falam? Ensino Médio – Campo e Cidade

A Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (BRASIL, 1996) que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação, numa perspectiva de universalização e democratização de acesso a maior número de anos de escolaridade, define a obrigatoriedade progressiva do Ensino Médio. No art. 21, estabelece que a Educação básica seja formada pela Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio (BRASIL, 2015).

O Plano Nacional de Educação (PNE), por meio da Lei Nº 13.005, de 25 de junho de 2014, determina diretrizes, metas e estratégias para a política educacional no período de dez anos (2014 a 2024), visando ao acesso à educação, à universalização da alfabetização e à ampliação das oportunidades educacionais (BRASIL, 2015).

No que tange o Ensino Médio, a Meta 3 prevê o aumento da taxa líquida em 85%, considerando a idade adequada para essa fase educacional: 15 a 17 anos. Entretanto, nessa etapa há distorção entre idade e série, e as matrículas abrangem um contingente muito maior, atendendo uma significativa parcela da população de 18 a 19 anos. De acordo com o Anuário Brasileiro de Educação Básica (2016), o índice de distorção nessa etapa de escolaridade é de 20%. O Anuário aponta ainda que 30% dos jovens entre 15 e 19 anos estão matriculados na Educação de Jovens e Adultos (EJA), destinada a alunos que não puderam completar os estudos durante o período regular. No país, o Censo Escolar (INEP, 2015) contabiliza 6.811.005 matrículas no Ensino Médio (parcial e integral), sendo 680.233 em escolas rurais. Do total de matrículas, 1.548.015 são referentes ao estado de São Paulo, e destas, 20.958 são em escolas rurais.

Nas cidades em que esta pesquisa foi realizada há, no total, 9.384 matrículas no Ensino Médio. Na cidade de Cunha são 910 matrículas, sendo 820 em escolas da área urbana e 90 em área rural. Na cidade de Taubaté, considerando escolas da rede estadual e municipal, são 8.474 matrículas, sendo 101 em escolas da área rural e 8.373 em área urbana (INEP, 2015).

Em relação ao Ensino Médio técnico, a Meta 11 prevê a triplicação das matrículas, assegurando a qualidade da oferta e pelo menos 50% (cinquenta por cento) da expansão no

segmento público (BRASIL, 2015). A ênfase na expansão do ensino médio pode ser verificada desde a década de 1990, o que confirma sua importância no contexto econômico, político e social (FILMUS, 2002).

As metas propostas no PNE refletem necessidades políticas e econômicas. No aspecto político e social, o empoderamento dos jovens contribui para o exercício da cidadania e, no aspecto econômico, atende a uma demanda proveniente do mercado de trabalho, proporcionando capacitação. Sendo assim, o Ensino Médio, etapa anterior ao Ensino Superior, apresenta especificidades, considerando-se que tem, como população alvo, adolescentes que apresentam diferentes expectativas em relação à própria escolaridade e às possibilidades futuras. Enfatiza, ainda, o aspecto laboral, as perspectivas de empregabilidade a partir do desenvolvimento de competências.

No que diz respeito ao jovem objeto de estudo desta pesquisa, há que se considerar que ele está em processo de construção de sua identidade pessoal e social. Nesse processo, o contexto escolar mostra-se relevante na medida em que proporciona elementos cognitivos, emocionais e relacionais que fazem parte desse momento de definição de projeto de vida. Segundo Dubar (2005), a esfera de formação tornou-se um dos componentes relevantes ao acesso ao emprego, considerando-se as mudanças nas configurações de trabalho ocorridas a partir da década de 1960. Constituiu-se também como um elemento importante na construção da identidade social, como citado anteriormente.

Entretanto, essa relação ensino/mercado de trabalho pode ser conflituosa. O cenário relativo ao Ensino Médio encontra-se na contramão do que se exige para o ingresso no ensino superior público. De um lado, a educação realizada na maioria das escolas públicas brasileiras mostra-se insuficiente no aspecto estrutural e também quanto aos recursos humanos e ao próprio processo de ensino. Em contraponto, as universidades públicas são consideradas de melhor qualidade, considerando os exames para seu ingresso, que selecionam os candidatos mais bem preparados para o tipo de prova que é realizada. Esse aspecto influencia a escolha e a continuidade e conclusão do curso escolhido (OLIVEIRA; MELO-SILVA, 2010).

Dechamps (2016) destaca ainda a necessidade de rever o Ensino Médio, uma vez que não atende às necessidades reais dos jovens que buscam inserção no mercado de trabalho, e alerta que somente 20% dos jovens entre 18 e 24 anos estão no Ensino Superior. Outro dado que pode refletir a falta de interação entre esses ambientes é que somente 21,48% dos alunos matriculados concluem o Ensino Médio (INEP, 2014).

Na atualidade, a globalização, compreendida como o movimento transnacional de bens, serviços, investimentos, tecnologia, pessoas, ideias e valores, impulsiona a evolução do

conhecimento, principalmente em decorrência das transformações tecnológicas. Nesse ponto, destaca-se a desconexão entre os conteúdos da grade curricular e as competências requeridas pelo mercado de trabalho que se articulam com os avanços tecnológicos e com as novas formas de organização de trabalho (FILMUS, 2002). O autor traz considerações sobre a articulação (ou a sua falta) entre o sistema educativo e o mercado de trabalho. Especificamente na América Latina, os dados evidenciados pelo autor revelam distância entre as necessidades mercadológicas, de empregabilidade e os conteúdos e enfoques do Ensino Médio.

Ao traçar o caminho histórico das características do Ensino Médio, Filmus (2002) destaca que, nas primeiras décadas do século XX, o objetivo principal era a seleção e a capacitação da população que iria para o ensino superior. No cenário econômico, o desenvolvimento tinha a característica de ser “para fora”, uma vez que a exportação era a atividade principal.

Com o desenvolvimento industrial e a mudança de cenário para atividades de importação, o modelo de crescimento inverte-se, passa a ser “para dentro”. Uma das alterações advindas desse panorama é o crescimento da força de trabalho urbana e a diminuição da rural. O Estado e as empresas industriais e de serviço passam a ser os grandes empregadores. Entretanto, na década de 1980 o que se observa, com o aumento da oferta de mão de obra, é o aumento do desemprego, do trabalho informal e da precarização do trabalho (FILMUS, 2002).

As mudanças nos contextos econômicos e sociais impactaram diretamente o sistema educativo. Cada vez mais a educação é essencial como um diferencial no percurso profissional – o mercado precisa de pessoas com múltiplas competências e com disposição para o aprendizado contínuo, o que demanda aumento no tempo de escolaridade. Em contrapartida, essa mesma escolaridade não garante acesso ao trabalho de qualidade.

Considerando esse desafio educacional, Bauman (2009, p. 667) aponta para a necessidade de tornar o conhecimento atraente aos jovens, num contexto contemporâneo marcado pela fluidez das relações e pela velocidade das mudanças: “A arte de viver em um mundo ultrassaturado de informações ainda deve ser aprendida, assim como a arte ainda mais difícil de educar o ser humano neste novo modo de viver”. Oliveira e Tomazeti (2012) ponderam que o desafio também está em oferecer conteúdos que possam produzir sentido no aqui e agora da sala de aula e estabelecer, assim, relação de confiança entre os alunos e seus professores.

Neste estudo, sendo considerado o grupo pesquisado, estudantes do Ensino Médio de escolas públicas no campo e na cidade, faz-se necessário destacar aspectos relacionados à Educação do Campo.

Para dar continuidade ao tema, é importante apontar os sentidos e os significados das díades campo/cidade e rural/urbano. Para Hespanhol (2013), cidade e campo são formas espaciais, enquanto urbano/rural constituem conteúdos, têm dimensão processual. Essa conceituação é corroborada por Biazzo (2008, p. 144):

[...] campo e cidade são formas concretas, materializam-se e compõem as paisagens produzidas pelo homem; ‘urbano’ e ‘rural’ são representações sociais, conteúdos das práticas de cada sujeito, cada instituição, cada agente na sociedade.

Neste estudo, campo e cidade são referidos como espaços concretos nos quais se encontram as escolas pesquisadas.

O Brasil, em sua extensão territorial de 8.515.767.049 km² (IBGE, 2015), apresenta característica de país latifundiário desde sua história pregressa até os tempos atuais. Ainda pesa a crença de que é um país urbano, que não possibilita melhorias nas condições de vida das pessoas que estão e vivem do e no campo (SOUZA, 2008).

Apesar dessa área territorial, o IBGE (2015a) aponta que, em 1960, a população no espaço urbano era de 32.004.817, e no rural, de 38.987.526. Em 2010, a população urbana saltou para 160.925.792, e a rural, apresentou diminuição – 29.830.007. Esses dados confirmam a migração campo/cidade ao longo dessas décadas, acentuando os aspectos urbanos nos contextos sociais, econômicos e culturais de forma geral.

No que tange o âmbito educacional, essa visão de país urbano exerce influência significativa na construção de políticas e do pensar sobre a educação e para quem se destina. Arroyo (2007, p. 158) destaca que “A formulação de políticas educativas e públicas, em geral, pensa na cidade e nos cidadãos urbanos como o protótipo de sujeitos de direitos”. O campo é percebido como o outro lugar que irá se desenvolver adequando-se aos padrões urbanos. Assim, a escola do campo também deve seguir uma lógica urbana – urbanocentrismo (RODRIGUES, 2012).

O conceito (e a prática) de uma Educação Rural, mesmo que destinada à população que tem na agricultura o principal meio de sustento, apresenta-se ineficiente. Isso porque tem por característica a reprodução de modelos urbanos sem considerar a multiplicidade de culturas, sem relação entre os conteúdos formais e as práticas do cotidiano no ambiente rural.

Os saberes decorrentes do trabalho rural não são considerados para preparar a população para a demanda do mercado, muito menos para a demanda da própria população (RODRIGUES, 2012).

A partir dessa ineficiência, a Educação do Campo, sendo ainda um conceito em construção, surge como um fenômeno que tem como atores principais os trabalhadores do campo e suas organizações. Seu objetivo é incidir sobre políticas educacionais dos trabalhadores do campo (CALDART, 2012). Tem sua história e sua origem juntamente com a história dos movimentos agrários. Nasceu da necessidade de que se construíssem políticas educacionais que atendessem às necessidades dos camponeses desses movimentos. Sua origem ocorre com os movimentos sociais e amplia o conceito de Educação rural, na medida em que considera o espaço do campo um espaço de vida, sendo a educação a possibilidade de seu desenvolvimento (FERNANDES, 2011).

Caldart (2003) descreve o impacto do Movimento dos Sem Terra, que tem sua origem na luta pela reforma agrária, frente ao processo educacional formal – a Escola, a partir dos questionamentos e da luta por uma Escola que fizesse sentido às pessoas do campo. Nesse movimento, destacam-se três momentos: inicialmente, a mobilização das mães e professoras, na década de 1980, agregando posteriormente os pais e lideranças do movimento, e depois, as próprias crianças, constituindo um trabalho com educação escolar no Movimento dos Sem Terra (MST), que, num segundo momento, estrutura-se como um Setor de Educação dentro de movimento, no final da década de 1980. No terceiro momento, a Escola incorporou-se na dinâmica do movimento, sendo compreendida numa perspectiva política e estratégica do próprio movimento.

Em relação às conquistas no processo histórico da Educação do Campo, Souza (2008) destaca: espaços públicos de luta e divulgação das experiências – Conferências, Seminários, Fórum, Simpósios em âmbito municipal, estadual e nacional, que produzem documentos, declarações, gerando outra conquista, a inserção na agenda política e normativa, por meio da criação de comitês, fórum, pelo governo, para articular sociedade civil e política. Outra conquista destacada é a parceria entre universidades e movimentos sociais, provocando ações governamentais por meio de programas. A produção acadêmica-científica, de âmbito coletivo, e os embates jurídicos efetivam os direitos sociais.

As reflexões, que se iniciaram num movimento específico, possibilitaram um pensar mais amplo, na medida em que a luta por uma Escola não era apenas para os integrantes, mas compreendia todos que vivem no e do campo. A construção de uma Escola do Campo demanda pensar sobre as especificidades do Campo e de seu desenvolvimento (CALDART,

2003). Como apontado por Chamon (2014), é necessário pensar numa educação do campo que atenda às necessidades diversas e características desse território. Ela nasce dos movimentos sociais e solicita a inclusão dos sujeitos na construção do projeto educativo, e vai além, na medida em que “[...] cria uma conexão entre o processo de formação do homem e o processo de produção de vida” (CHAMON, 2014, p. 110).

Neste espaço do campo e de vida, aspectos educacionais, culturais, produtivos e laborais mantêm relações permanentes, caracterizando relações sociais em função das dimensões territoriais. Os territórios são espaços, tanto geográficos, quanto políticos, onde as pessoas constroem seus projetos de vida.

É importante apontar como esse espaço (território) é tratado nas diferentes abordagens – agronegócio e campesinato. No agronegócio, a organização do território é para a produção de mercadoria, e no campesinato, para realização de sua existência. A partir dessa lógica, destacam-se as diferenças de paisagem, principalmente no que diz respeito à presença de pessoas, que no agronegócio é pontual, enquanto no campesinato é constante, tendo em vista que o camponês está no território. Essas diferenças são observadas no interesse em relação à Educação enquanto política pública. Para o camponês, que tem o território como espaço de desenvolvimento, ela é fundamental, enquanto para o agronegócio não tem relevância, visto que o desenvolvimento de tecnologias pode ocorrer em outros espaços, por meio de parcerias com universidades e institutos (FERNANDES, 2011).

As diferenças entre os conceitos de educação do campo e educação rural partem de um pressuposto ideológico. A educação rural apresenta um posicionamento ideológico de educar para superar o atraso, e seu objetivo é de sentido prático e utilitário, por meio de ensino técnico e de instrumentalização, para atendimento à demanda do agronegócio. A educação do campo, compreendida como elaborada para atender à população, considerando sua cultura e suas necessidades humanas e sociais, posiciona-se no sentido de enfrentar o estado e lutar pela participação ativa nos programas e projetos. Além da dimensão escolar, envolve e relaciona os aspectos social e econômico do campo (SOUZA, 2008; CALDART, 2012; CHAMON, 2014).

Os processos de globalização e de avanço da tecnologia tornaram mínima a distância (territorial e simbólica) entre campo e cidade, na medida em que as informações, conteúdos e práticas são compartilhadas em tempo quase real. As práticas educacionais são partilhadas e, dessa forma, uniformizam-se.

“[...] o meio rural se urbanizou nas últimas décadas, como resultado do processo de industrialização da agricultura, de um lado, e, do outro, do transbordamento do mundo urbano naquele espaço que tradicionalmente era definido como rural” (BRASIL, 2001, p. 17).

Dessa forma, as lacunas, apontadas por Filmus (2002), entre o processo educacional e o trabalho, estão presentes, tanto na cidade, quanto no campo.

Os jovens estudantes do Ensino Médio, no campo e na cidade, no contexto contemporâneo caracterizado pela globalização, deparam-se com uma série de dilemas que dizem respeito a sua própria formação pessoal, e passam a perceber a atividade laboral como uma possibilidade de ocupar um lugar na sociedade. Há de se destacar, novamente, o papel dessa fase escolar em ambos os espaços (campo e cidade), na transição para o mundo do trabalho, o que pode refletir nas escolhas desses jovens.

Em se tratando de uma etapa do desenvolvimento para os sujeitos da pesquisa, momento que demanda planejamento, tanto do presente quanto do futuro, em termos de atividades laborais e projeto de vida, descreveu-se de forma introdutória o contexto no qual estão inseridos – Ensino Médio, Campo/Cidade. Os estudos tratados no primeiro tópico (Estado da Arte), no qual se debruçou sobre trabalhos desenvolvidos que tratavam dos temas a serem percorridos neste estudo, revelaram a complexidade do tema e permitiram a abordagem de forma inter e transdisciplinar da problemática aqui tratada.

Segundo Jodelet (2016), interdisciplinaridade diz respeito à superação dos limites entre disciplinas, possibilitando conexões entre conceitos e interpretações referentes a um mesmo fenômeno. A transdisciplinaridade, uma nova forma de produção do saber, pode ser considerada “[...] uma superação dos limites e modelos propostos em uma organização das ciências em ‘disciplinas’ e ‘especializações’ [...]”, uma vez que “[...] intervém ‘entre’, ‘através’ e ‘além’ das disciplinas. Seu objetivo seria a compreensão do mundo presente cuja complexidade não poderia ser circunscrita pela pesquisa disciplinar” (JODELET, 2016, p.1262).

Abordar o tema à luz da Teoria das Representações Sociais permite compreender o fenômeno que transita em diferentes disciplinas, uma vez que “[...] a RS é sempre uma representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito)” (JODELET, 2001, p. 27). Dessa forma, disciplinas que tratam do social, do indivíduo e da cultura estão presentes.

No próximo subitem, aborda-se o constructo teórico deste estudo.

2.3 A Teoria das Representações Sociais

Os conteúdos abordados anteriormente revelam os diferentes aspectos que permeiam a escolha profissional, objeto desse estudo, que se dá pelo grupo de estudantes do Ensino Médio dos contextos campo e cidade. Essas diferentes dimensões se interagem e determinam práticas sociais. Para a compreensão desses fenômenos, a utilização da Teoria das Representações Sociais (TRS) permite relacionar os contextos individual e social. No próximo subitem abordam-se seu surgimento, conceito e processos, que permitirão contextualizar a pesquisa em pauta.

2.3.1 Construção de uma teoria e o desenvolvimento de um conceito

O termo Representação Social foi utilizado por Serge Moscovici, psicólogo social radicado na França, em 1961, quando publicou um estudo sobre a representação social da psicanálise na população de Paris, intitulado “Psicanálise, sua imagem e seu público”. Nessa obra, o autor analisou como um grupo específico se apropria de um conhecimento para retrabalhá-lo e elaborar um novo conhecimento (CHAMON, 2007). A Teoria das Representações sociais que teve início com esse estudo é compreendida como “[...] uma forma sociológica da Psicologia Social [...]” (GUARESCHI, 2012, p. 27).

O conceito é desenvolvido a partir da Sociologia de Durkheim, da Antropologia de Lévi-Bruhl, da teoria da linguagem de Saussure, das representações infantis de Piaget e do desenvolvimento cultural de Vygotsky (MOSCOVICI, 2013; FARR, 2012).

Na época de seu surgimento, a Psicologia Social caminhava amparada por dois pressupostos: o materialismo e o individualismo. O primeiro diz respeito a uma psicologia materialista, experimental, sendo considerados verdade somente os experimentos materiais, biológicos, comportamentais. Wundt e Watson são autores importantes desse momento. A TRS é uma teoria que surge a partir da insatisfação de Moscovici em relação à abordagem da Psicologia Social da época, que separava o indivíduo e o social como objetos de estudo (GUARESCHI; ROSO, 2014).

A ênfase no individualismo e as dicotomias entre o individual e o social, o externo e o interno, são aspectos questionados por Moscovici, que inicia estudos e investigações sobre a própria Psicologia Social, destacando que lhe faltava compreender as desigualdades, a comunicação e as relações entre o individual e o social (GUARESCHI; ROSO, 2014)

Esse enfoque promove uma mudança de perspectiva: o social da Psicologia Social passa a ser compreendido como uma relação, e constitui os grupos. Os processos de interação acontecem na tríade Sujeito-Outro-Objeto. A TRS é sustentada pelo pressuposto da imprescindibilidade da representação – não há separação entre a representação mental do objeto, o sujeito e o objeto. Conhecer implica representar, mas essas representações se tornam fenômenos subjetivos, intersubjetivos, intrassubjetivos, intergrupais e objetivos. Outro pressuposto da TRS é que a realidade social não é concebida em termos dicotômicos – “[...] não há duas entidades, mas uma só” (GUARESCHI; ROSO, 2014, p. 28).

A partir da TRS, o panorama da Psicologia Social altera-se, incorporando uma “[...] teoria que lhe permitia atacar os problemas da cognição, da comunicação e do estudo do senso comum com um novo espírito” (CHAMON, 2007).

A construção do conceito de Representações Sociais teve influência direta do conceito da Representação Coletiva desenvolvido por Durkheim, que define os fenômenos produzidos por uma comunidade. No desenvolvimento teórico, o autor postula que todo conhecimento é verificado na experiência social, e que as representações coletivas seriam um conjunto de conhecimentos e crenças, tendo como função principal a transmissão de conhecimento de antepassados – heranças sociais e culturais, somando as experiências individuais. A individualidade constitui-se, assim, a partir da sociedade e de forma determinista, sem uma ação direta do indivíduo. As Representações Coletivas precedem o sujeito, são impostas, estáticas e homogêneas (CHAMON, 2015; FARR, 2013)

Moscovici, diferentemente de Durkheim, compreende que a construção da identidade e da sociedade se dá na transmissão de conhecimento, sendo o indivíduo um agente ativo nesse processo; é uma relação dinâmica e interdependente – o indivíduo atua na construção da sociedade e é criado por ela. As Representações Sociais (RS) não são impostas, mas elaboradas. É sempre produto da interação e comunicação de um grupo (CHAMON, 2007; ALEXANDRE, 2004).

[...] as representações sociais são conjuntos dinâmicos, seu estatuto sendo o da *produção* de comportamentos e de relações com o ambiente, da ação que modifica uns e outros, e não a *reprodução* de comportamentos ou relações, como reações a um dado estímulo externo (Moscovici, 2012, p. 47).

A teoria que se estabelece a partir dos postulados desenvolvidos por Moscovici possibilita a dinâmica de duas ciências do comportamento, que estudam separadamente o

indivíduo e a sociedade: Psicologia (foco no indivíduo) e Sociologia (foco na sociedade). Mostra-se transdisciplinar na medida em que abarca os fenômenos individuais e sociais, e situa-se no cruzamento das ciências sociais e psicológicas (MOSCOVICI, 2013). Diferentemente dos enfoques anteriores, esses aspectos não estão separados, ou isolados, mas inter-relacionados, interdependentes; o social é compreendido como uma relação (GUARESCHI; ROSO, 2014).

Moscovici desenvolve o conceito de representações sociais em busca de entender o processo de formação do pensamento social, de um saber prático que constitui a realidade. As RS podem ser compreendidas como uma ferramenta da Psicologia social, articulando o social e o psicológico num processo dinâmico que compreende e transforma a realidade (ALEXANDRE, 2004).

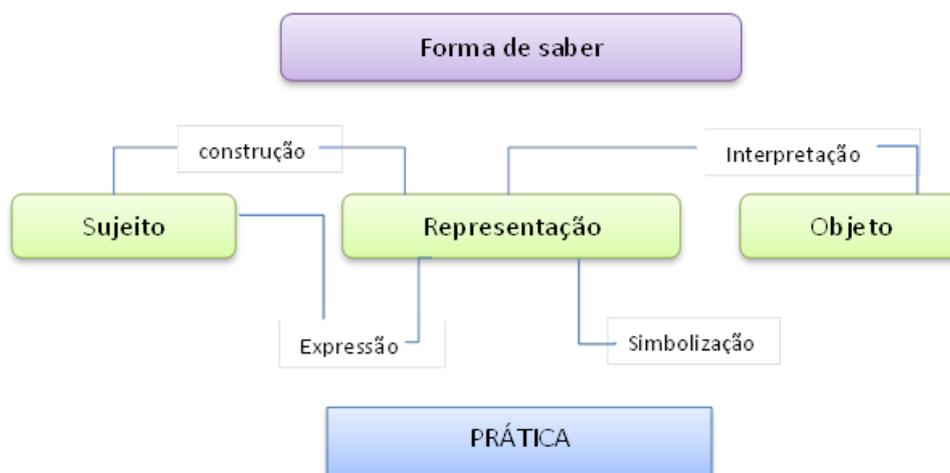
Como destacado por Jodelet (*apud* Spink, 1993), o estudo das RS permeia diversos campos, tendo dois eixos principais: o primeiro, as representações como forma de conhecimento prático que possibilita a compreensão do mundo e a comunicação; e o segundo, as expressões dos sujeitos sociais a respeito de objetos socialmente valorizados.

O conceito pode ser compreendido também no seu papel na formação de condutas – ao mesmo tempo em que modela o comportamento, justifica sua expressão. O indivíduo elabora os estímulos percebidos e os reproduz, compartilhando com o meio as suas impressões. As RS são abordadas, de forma concomitante, como produto e processo da atividade de apropriação da realidade exterior ao pensamento, e de elaboração psicológica e social dessa realidade (JODELET, 2001).

As RS podem ser compreendidas como conhecimento prático, o conhecimento do senso comum. Mais que um conceito, as RS são um fenômeno (SPINK, 2012; GUARESCHI, 2016) que envolve aspectos psicológicos e sociais. A Figura 2 ilustra a caracterização da Representação como uma forma de saber prático, ligando o sujeito ao objeto.

Sendo a Representação sempre de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito), as características de ambos são manifestadas. Com o objeto, a RS tem relação de simbolização – substituindo-o, e de interpretação, atribuindo-lhe significações. Essas significações são resultado da atividade que faz da representação uma construção e expressão do sujeito. Ao analisar esses processos, há de se integrar o lugar de onde fala o sujeito – processos de pertença e participação social e cultural. Outra particularidade no estudo das RS é a ênfase da atividade mental do grupo, enquanto efeito de processos ideológicos que atravessam os sujeitos. Cada grupo constrói um significado a partir de conhecimentos compartilhados sobre um fato ou ocorrência que se adapta ao contexto (JODELET, 2001).

Figura 2 – Estados e Processos das Representações Sociais



Fonte: Adaptado de Jodelet (2001).

A forma de saber, enquanto forma de conhecimento construído pela experiência, irá impactar na prática – no agir sobre o mundo e sobre o outro. No processo de produção e na circulação das RS, a linguagem e a comunicação têm papel fundamental que, sob seus aspectos interindividuais, institucionais e midiáticos, surgem como possibilidade e determinação das representações. (JODELET, 2001).

Para Jovchelovitch (2011) as RS referem-se, tanto a um fenômeno, quanto a uma teoria. Fenômeno formado por prática de um determinado grupo sobre um objeto social. E é uma teoria na medida em que busca explicar como os saberes sociais são elaborados e transformados em processos de comunicação e na interação social. Trata-se de “[...] uma teoria sobre saberes sociais” (JOVCHELOVITCH, 2011, p. 87)

No estudo em questão, o interesse é sobre os saberes dos estudantes (grupo) elaborados a partir das informações que circulam no próprio ambiente escolar, nos ambientes familiares e sociais e na mídia. A partir desses conhecimentos, objetiva-se verificar quais possibilidades identificam, o que esperam obter, conquistar, se tornar, e como esses saberes transitam e se sedimentam.

Na medida em que aspectos psicológicos e sociais são conteúdos das RS, a transversalidade e a complexidade caracterizam o fenômeno, e no seu estudo é necessário articular aspectos afetivos, mentais e sociais, integrando “[...] a consideração das relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social e ideativa sobre a qual elas têm que intervir” (JODELET, 2001, p. 26). Dessa forma, o espaço de estudo das Representações Sociais é multidimensional e interdisciplinar.

O próprio conceito de RS, segundo Chamon (2007), não tem uma definição simples. O termo “definição” refere-se a cerceado, limitado, daí se compreende a relutância de Moscovici em *definir* o conceito de RS: “[...] se a realidade das representações sociais é facilmente apreendida, o conceito não o é”, uma vez que “As representações sociais são entidades quase tangíveis; circulam, se cruzam e se cristalizam continuamente através da fala, do gesto, do encontro no universo cotidiano” (MOSCOVICI, 2012, p. 39). Ainda assim, vários /autores preocuparam-se em levantar os elementos, processos e conteúdos de RS. Dentre eles, Jodelet (2001, p17), para quem as representações sociais “[...] circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas.” São fenômenos sociais elaborados de forma cognitiva e transmitidos pela linguagem. As RS têm a função de estabilizar o quadro de vida do indivíduo e dos grupos, de orientar a cognição e a comunicação.

As RS, compreendidas como sistemas de interpretação, regulam as relações entre os indivíduos. Orientando o comportamento, intervêm em processos como a difusão e a assimilação de conhecimento, a construção de identidades pessoais e sociais, o comportamento intra e intergrupar, as ações de resistência e de mudança social. Sendo fenômenos cognitivos, as RS são consideradas como o produto de uma atividade de apropriação da realidade exterior e, simultaneamente, como processo de elaboração psicológica e social da realidade (JODELET, 2001)

Diante do exposto, é possível compreender que a TRS tem interesse no conhecimento de senso comum, na comunicação de crenças, valores, cultura e identidade, e envolve um determinado objeto social comum a um grupo. “Ela se centra sobre a análise da construção e transformação do conhecimento social, e tenta elucidar como o saber e o pensar se interligam na trama do tecido social” (JOVCHELOVITCH, 1998, p. 55). Tem interesse em uma modalidade de pensamento que se constrói socialmente (JODELET, 2001).

No que tange o aspecto grupal, elemento essencial na formação das RS, os sujeitos deste estudo, estudantes do Ensino Médio, constituem um grupo. Isso porque, além de fazerem parte de uma mesma categoria social (pela faixa etária, pelo grau de escolaridade, pela classe social), estabelecem uma relação psicológica entre eles próprios e o objeto de estudo. Os jovens pesquisados interagem no contexto educacional e compartilham dos mesmos anseios e expectativas frente às possibilidades de caminhos a serem traçados ao término do Ensino Médio. Torres e Camino (2011) destacam que o grupo tem importante papel, tanto no nível individual, promovendo o desenvolvimento de uma identidade social,

quanto no nível societal, na medida em que pertenças sociais dão origem aos posicionamentos diante de diferentes fatos da realidade.

No estudo em questão, o interesse é sobre os saberes dos estudantes (grupo) elaborados a partir das informações que circulam, seja no próprio ambiente escolar, seja nos ambientes familiares e sociais e na mídia. Busca-se compreender também quais elementos constituem a construção do conhecimento desses jovens sobre tema e, a partir desses conhecimentos, quais possibilidades identificam o que esperam obter, conquistar, se tornar, e como esses saberes transitam e se sedimentam.

Para tanto, há que se compreender os elementos constitutivos das RS discutidos no próximo subitem.

2.3.2. Elementos, Funções e Processos

Trata-se de discutir e nomear quais elementos, funções e processos a TRS elucida. O pesquisador que se propõe a estudar RS deve buscar apreender quais elementos? A partir de quê? Com quais objetivos?

Como se trata de fenômeno que circula um conhecimento elaborado socialmente, os elementos que compõem as RS são compostos de conteúdo (informações, crenças, valores, atitudes), um objeto social (um trabalho, um evento, um símbolo, uma idéia) e um grupo (indivíduos que têm algo em comum e que precisam se posicionar em relação ao objeto). Com relação, a este estudo, considera-se a escolha profissional um objeto compartilhado pelos jovens estudantes que formam o grupo que traz as informações, ideias e crenças a respeito desse objeto.

Voltando ao aspecto conceitual, como já citado, as Representações Sociais são fenômenos; entretanto, como destacado por Guareschi e Roso (2014), nem todo fenômeno é uma representação social. Sendo assim, quais critérios norteiam a identificação de um fenômeno como RS? Quais são suas dimensões representacionais?

Moscovici (2012) descreve as três dimensões das RS. Seriam condições necessárias para seu surgimento: a atitude, a informação e o campo de representação ou imagem.

A dimensão da informação diz respeito aos conhecimentos que o grupo possui em relação ao objeto. Mas há dispersão da informação – as informações que os sujeitos têm sobre o objeto não são suficientes “[...] para atingir um ponto de vista objetivo. Essa insuficiência gera incerteza e ambiguidade e favorece o aparecimento de um processo de reconstrução social” (CHAMON, 2007, p. 125).

A dimensão no campo da representação ou imagem diz respeito a imagens e opiniões que o grupo formula a respeito do objeto (MOSCOVICI, 2012). Há a focalização, que revela a posição específica de um grupo em relação ao objeto. Além disso, é necessário que o grupo se focalize num aspecto em particular do objeto, em função de interesses e valores que permeiam sua posição social (DECHAMPS; MOLINER, 2014).

A dimensão atitude determina a orientação tomada pelo grupo em relação ao objeto (MOSCOVICI, 2012). Há pressão à inferência, pois o objeto leva o grupo a tomar uma posição frente a ele (CHAMON, 2007).

Ampliando esses critérios, Moliner (*apud* CHAMON, 2007) acrescenta cinco questões a serem consideradas: 1. Quais objetos? 2. Para quais grupos? 3. Com quais compromissos em jogo? 4. Com relação a quem? 5. Representação ou ideologia?

Respondendo a essas questões, neste estudo, a escolha profissional é objeto de representação social compreendido como um fenômeno interdisciplinar, na medida em que aspectos familiares, culturais, sociais e econômicos fazem parte desse processo.

A compreensão de uma representação social é a compreensão de um grupo. Quem fala? De onde fala? Por que fala. Os grupos podem se configurar numa relação estrutural – sua formação está intimamente relacionada ao objeto, ou conjuntural – “[...] grupos preexistentes confrontados com um objeto novo e problemático” (CHAMON; CHAMON, 2007, p. 126).

Um grupo caracteriza-se por relações entre os indivíduos que o compõem de forma estruturada e padronizada (MICHENER; DELAMATER; MYERS, 2005). Os estudantes investigados estudam em espaços diferentes, entretanto constituem um único grupo, na medida em que apresentam objetivos compartilhados, mediados por normas e regras, tendo como objeto comum a escolha profissional.

Os compromissos envolvidos dizem respeito à Identidade e Coesão social. “É em razão desses compromissos que os indivíduos são colocados em situação de pressão à inferência” (CHAMON; CHAMON, 2007, p. 127). A identidade está relacionada ao sentimento de pertença ao grupo. Esses compromissos estão relacionados ao momento da escolha, constituindo uma identidade de jovens diante de possibilidades que poderão definir projeto de vida, e a coesão ocorre na busca de informações, de trocas dessas informações, nas influências durante o processo de escolha.

O objeto de representação social deve mediar as relações que o grupo mantém com o outro (outro generalizado – aquele que acredita que seja o outro). As relações nos diferentes

contextos – (escolar, familiar, social) serão mediados pelo processo de escolha profissional – influências sofridas e exercidas.

Para compreender a ideologia nos estudos de Moscovici, Sawaia (1995) descreve as fases da formação do conceito de Representações Sociais: fase científica – criação da nova teoria; fase representacional – difusão da teoria pela sociedade; fase ideológica – apropriação da representação por um grupo ou instituição e “[...] pela sua reconstrução como conhecimento criado pela sociedade como um todo e legitimado por seu caráter científico” (SAWAIA, 1995 p. 78). A autora pondera que o termo ideologia é “[...] usado para o conjunto de representações que se torna partilhado coletivamente pela reificação por meio de sua apropriação por órgãos estatais ou escolas de pensamento, e não pelo consenso e interação” (SAWAIA, 1995 p. 78). Como objetos de representação social, a escolha profissional e a questão ideológica seriam permeadas pelos processos de seleção para ingresso no ensino superior e/ou técnico, aspectos relevantes de influência no momento da escolha.

Esta seção, que trata da Teoria das Representações sociais, tem início com observações sobre os elementos de uma Representação Social. Em seguida os critérios são abordados. É necessário também esclarecer as funções das Representações Sociais: 1) a função do saber – permite ao sujeito compreender e explicar sua realidade, e se posicionar. Os jovens têm conhecimento sobre os processos relacionados ao trabalho e à oferta de cursos (técnicos e superiores) que podem fazer parte de um projeto de vida; 2) a função identitária, que permite situar o sujeito (e grupos) no campo social e elaborar identidade social; 3) a função de orientação, de guiar as práticas por meio de fatores relativos à definição da finalidade da situação, um sistema de antecipação (a representação precede a interação) e prescrição do comportamento – dita os comportamentos; e, 4) a função de justificação – permite justificar *a posteriori* a posição tomada diante do objeto – comportamentos e condutas são justificadas (CHAMON; CHAMON, 2007).

Na construção das Representações Sociais estão os processos de objetivação e ancoragem, que ocorrem de forma concomitante e complementar. De acordo com Vala (2000), são processos sociocognitivos no sentido de que são processos cognitivos regulados socialmente.

Pelo processo de objetivação, o desconhecido torna-se familiar, na medida em que “[...] torna concreto o que é abstrato, que materializa a palavra, que transforma o sujeito em objeto e os torna intercambiáveis” (CHAMON; CHAMON, 2007 p. 134).

Nesse processo, podem-se privilegiar certas informações em detrimento de outras, simplificando-as e associando-as ao contexto do conhecimento do sujeito ou do grupo. Tornar

concreto o desconhecido apoiando-se em concepções já familiares (TRINDADE; SANTOS; ALMEIDA, 2011).

Tem por função a comunicação, a transformação da crença ou da opinião em informação (DECHAMPS; MOLINER, 2014). O processo de objetivação transforma “[...] a palavra que substitui a coisa, na coisa que substitui a palavra” (MOSCOVICI, 2010, p. 71).

O processo de objetivação envolve três etapas – construção seletiva, esquematização e naturalização (VALA, 2000). Na primeira, as informações e as crenças acerca do objeto da representação sofrem um processo de seleção e descontextualização, permitindo a formação de um todo relativamente coerente, em que apenas uma parte da informação disponível é retida. Esse processo de seleção e reorganização dos elementos da representação não é neutro ou aleatório, dependendo das normas e dos valores grupais.

A segunda etapa da objetivação corresponde à organização dos elementos entre si, estabelecendo um padrão de relações estruturadas (VALA, 2000). A partir dessa esquematização, as respectivas relações constituem-se como categorias naturais, adquirindo materialidade – o que caracteriza a terceira etapa. Os conceitos tornam-se equivalentes à realidade e o abstrato torna-se concreto por meio da sua expressão em imagens e metáforas. O que era percepção torna-se realidade.

Ao analisar o processo de objetivação, identificam-se os elementos que dão sentido ao objeto, a seleção de um conjunto de conceitos, as relações entre estes e as modalidades que assumem a naturalização (VALA, 2000; CABECINHAS, 2004).

A segunda categoria de processos associados à formação das RS diz respeito à ancoragem, por meio da qual se torna familiar o novo: “[...] sua função é de realizar a integração cognitiva do objeto representado num sistema de pensamento preexistente” (CHAMON; CHAMON, 2007, p. 135). Um novo objeto é ancorado quando passa a fazer parte de categorias que são familiares ao sujeito (TRINDADE; SANTOS; ALMEIDA, 2011).

Cronologicamente, pode-se dizer que a ancoragem precede a objetivação e, por outro lado, situa-se na sua sequência. Enquanto processo que precede a objetivação, a ancoragem refere-se ao fato de qualquer tratamento da informação exigir pontos de referência; o objeto da representação é pensado a partir das experiências e dos esquemas já estabelecidos pelo sujeito (VALA, 2000; DECHAMPS; MOLINER, 2014).

Enquanto processo que segue a objetivação, a ancoragem refere-se à função social das representações, e permite compreender como os elementos representacionais constituem as relações sociais; “[...] refere-se a instrumentalização social do objeto representado” (VALA, 2000, p.474).

Dechamps e Moliner, (2014) destacam as três diferentes formas de ancoragem descritas por Doise: psicológica, sociológica e psicossociológica. A primeira diz respeito às crenças ou valores gerais que podem organizar as relações simbólicas com o outro. Decorre do nível de análise individual, ou interindividual (VALA, 2000).

A sociológica “[...] corresponde à inserção das representações nos grupos sociais” (DECHAMPS; MOLINER, 2014, p. 141). Os indivíduos, ao vivenciarem experiências em seus grupos de pertença, desenvolvem interesses comuns. Parte da hipótese de que as experiências comuns aos membros de um mesmo grupo suscitam representações semelhantes. Dessa forma, está articulada com o sistema de relações sociais (VALA, 2000).

A ancoragem psicossociológica ocorre a partir das interações sociais do sujeito e “[...] supõe que a representação de um objeto dependa simultaneamente da posição do grupo diante dele, [...] mas também das interações deste grupo com outros grupos sociais” (DECHAMPS; MOLINER, 2014, p.141). Nesse nível de análise, Vala (2000) destaca que os sistemas de comunicação podem ser incluídos, uma vez que se constituem como sistemas de relações sociais.

Conhecidos os elementos que constituem as RS, bem como suas funções, a utilização da Teoria das Representações sociais como base teórica deste estudo justifica-se por possibilitar a identificação das relações entre conhecimentos individuais e sociais, na interdependência desses aspectos e na influência das escolhas no presente, com repercussões no futuro.

No que diz respeito a esta pesquisa, cabe caracterizar a escolha profissional e, sendo este o objeto do estudo, nos próximos subitens aborda-se o tema em seus diferentes aspectos, quais sejam: a relação entre a escolha profissional, trabalho e profissão, e construção de identidade.

2.4 Escolha Profissional

O sentido da palavra escolha diz respeito a ter preferência por algo, optar por uma direção, escolher um caminho. Esse processo envolve aspectos individuais, sociais e relacionais que fazem parte da própria constituição do sujeito, de sua identidade. Os indivíduos são livres para escolher? O que define suas escolhas? Em que medida os contextos sociais definem as escolhas individuais, e vice-versa? Quais processos estão envolvidos na escolha de uma profissão?

Bock (2001) considera o processo de escolha como fenômeno que surge historicamente com o capitalismo. Apresenta como uma de suas características a existência de um trabalhador livre, com possibilidade de mobilidade social, sendo a educação e a vocação os mecanismos fundamentais que permitem a ascensão social, a realização pessoal e a profissional. Para o autor, toda escolha profissional é realizada pelo sujeito, mesmo que as condições socioeconômicas sejam restritas. Para tanto, há de se promover a reflexão sobre si, sobre seu entorno e sobre as possibilidades profissionais, tornando possível a construção de projetos de futuro.

Escolher é optar por uma direção, dentre tantas outras. Sendo assim, pressupõe a existência de dúvida, de conflito, de perda. Implica assumir o risco dessa decisão (BOCK, 2001). Segundo Levenfus (1997), o sujeito, ao escolher, deixa coisas para trás, e isso significa ganhos e perdas, sendo este um dos motivos de esse momento gerar conflito e ansiedade. Para a autora, a escolha de uma profissão é uma tarefa evolutiva, tendo início na infância e se desenvolvendo ao longo da vida.

Para Almeida e Magalhães (2011), escolher uma profissão implica elaboração de um projeto de vida e de um projeto profissional, no contexto social, econômico e político. Dessa forma, a ideia de ser *livre* pode ser utópica, uma vez que há diferentes influências incidindo na elaboração desses projetos. As autoras utilizam o termo projeto como antecipação de uma ação: projetar-se, pretender ser; antecipação de algo que se deseja para o futuro. O termo projeto é também utilizado por Audi (2006), como já citado.

De acordo com Bohoslavsky (1987), escolha profissional é o estabelecimento do que fazer, de quem ser e a que lugar do mundo pertencer por meio do trabalho. Essa nomenclatura é utilizada por Bargadi (2003) e Santos (2014), que destacam também que se trata de um processo que envolve mudanças, perdas, conflitos. Esse processo demanda constante revisão e que das decisões tomadas.

Compreendendo a inter-relação entre os dois processos, Frozino (2006) destaca a relevância das decisões frente ao aspecto profissional na elaboração do projeto de vida do sujeito.

No contexto deste estudo, a utilização do termo escolha profissional está pautada na premissa de ser um processo por meio qual o jovem decide por uma atividade ocupacional. É um processo que abrange a expectativa em relação à atividade a ser desenvolvida após o término do Ensino Médio.

Esses questionamentos demandam percorrer caminhos voltados ao entendimento da relação entre o processo de escolha profissional e a construção da identidade. Esse processo,

compreendido como dinâmico, em construção, ocorre nas interações do indivíduo com e no meio. Nessas interações, faz-se necessário também abordar a compreensão sobre trabalho e profissão, assunto que é tratado no próximo subitem.

2.4.1 Escolha Profissional - Trabalho e Profissão

A palavra trabalho deriva de *Tripalium*, que tem como significado “ferramenta de tortura”. Na antiguidade, trabalho estava associado a atividades repetitivas, braçais, manuais, que deveriam ser executadas por escravos. Aristóteles referia-se ao trabalho como atividade inferior, que impedia o desenvolvimento intelectual. Atividades consideradas superiores (intelectuais) não eram tratadas como trabalho (BORGES; YAMAMOTO, 2014). Faz sentido, então, ainda nos dias atuais, o trabalho ser antônimo de prazer, satisfação e realização.

Numa perspectiva marxista, a concepção de trabalho está relacionada à ação do homem que busca recursos na natureza, para atendimento às suas necessidades. No contexto capitalista, essa relação tem como objetivo a produção, além dos valores de uso e, principalmente, de valores de troca (COUTINHO, 2009). Nesse contexto, a reflexão sobre trabalho apresenta outra perspectiva: o trabalho torna-se central na vida das pessoas, como o único meio digno de ganhar a vida, independentemente do seu conteúdo, e possibilita o sucesso econômico (BORGES; YAMAMOTO, 2014). Dubar (2005) observa que o trabalho pode ser considerado um dos aspectos da construção da identidade pessoal e da própria atuação no meio social.

Numa perspectiva educativa, é por meio da atividade laboral que as ações do homem em seu ambiente produzem, tanto os meios de existência, quanto cultura e conhecimento (CHAMON, 2016).

O trabalho pode ser compreendido também como processo de humanização do homem, produtor de valores de uso e mediador na relação entre o ser social e a natureza, e na inter-relação entre os seres sociais. Possibilita a transformação da natureza, ao mesmo tempo em que transforma o homem. Assim, tem importância central na própria vida social, fazendo parte da constituição da própria identidade profissional (ANTUNES, 2003).

Se no início de sua concepção o trabalho tinha a função de atender às necessidades de sobrevivência do homem, ao longo da história essa concepção se alterou e, gradualmente, passou a ser criador de riquezas, investido de conotação econômica. Sendo a Revolução Industrial um marco para a transformação do trabalho, seu conceito e organização sofreram

mudanças. Assim, configurou-se como atividade desenvolvida institucionalmente, com pagamento de salários, forma concreta de valoração, voltado à produtividade e à obtenção de lucros, respondendo a demandas do mercado econômico (KRAWULSKI, 1998).

As atividades de trabalho, como troca de serviços por uma renda, possibilitam sustento e sobrevivência, mas podem ter significado negativo, torturante, e ser fonte de sofrimento. O contraponto dessa questão é desenvolver atividades imbuídas de significado positivo, que possibilitem, além da sobrevivência material, a identificação numa dimensão simbólica que permeia a construção (e confirmação) de uma identidade profissional, com realização pessoal e reconhecimento social. Dessa forma, “[...] dão sentido à existência individual e organizam a vida dos coletivos” (DUBAR, 2012, p. 354).

Apesar das transformações na configuração do trabalho e de sua relação com o homem, ele permanece como uma atividade que estrutura a sociedade (ANTUNES; ALVES, 2004; COUTINHO; KRAWULSKI; SOARES, 2007). Segundo Krawulski (1998), as atividades profissionais, núcleo da vida social, ocupam grande parcela do tempo disponível, apresentam importância simbólica do trabalho no contexto social e desempenham relevante papel na estruturação da identidade social.

Ainda sobre as alterações nas relações entre o homem e o trabalho, Antunes (2004, 2010, 2014) fornece dados com destaque para a classe trabalhadora, que define como “[...] a totalidade dos assalariados, homens e mulheres que vivem da venda da sua força de trabalho [...] e despossuídos dos meios de produção” (ANTUNES; ALVES, 2004, p. 336). Destaca tendências nessas relações em função das alterações das estruturas organizacionais como consequências da busca de otimização de recursos (materiais e humanos). As novas tecnologias exigem o envolvimento do trabalho vivo na produção capitalista. Apesar do maior envolvimento do trabalhador, “[...] a subjetividade que se manifesta encontra-se estranhada (alienada) com relação ao que se produz e para quem se produz” (ANTUNES, 2010, p. 346). A configuração do trabalho atual apresenta diferentes formas, como empreendedorismo, cooperativismo, trabalho voluntário, que, de acordo com Antunes (2010), escondem a autoexploração do trabalho e do desemprego, que são uma realidade mundial.

Considerando as alterações de forma mais global, o mundo do trabalho contemporâneo é marcado pelo modelo capitalista flexível, que demanda disponibilidade em se adaptar às necessidades que surgem, não necessariamente de forma linear, com aprofundamento das relações. A fluidez do mundo líquido pede a disponibilidade de assumir riscos em projetos de curto prazo, sendo desvalorizadas as alianças e o comprometimento nas relações em longo

prazo, dessa forma permitindo um esvaziamento de sentido nas ações e projetos de vida (SENNET, 2005).

Essa perspectiva é apontada também por Bauman (2001), uma vez que o mundo do trabalho, no contexto da modernidade líquida, marcada pela flexibilidade, incerteza e busca de satisfações em curto prazo, mostra-se como uma sucessão de episódios em busca de atendimento às exigências momentâneas.

Em relação ao cenário brasileiro, o país se estruturava, no passado, com base na produção de bens duráveis, atendendo a um mercado interno, e numa produção que visava à exportação (tanto de produtos primários, quanto industrializados). Essa produção apresentava como característica a acentuada exploração da força de trabalho.

A partir da década de 1990, instalou-se um processo de reestruturação produtiva, decorrente de diversos fatores, entre eles: a presença das multinacionais, trazendo métodos organizacionais participativos (inspiradas nas técnicas do toyotismo); a concorrência internacional; e, as novas formas de organização sindical. O que se observou nessa reestruturação produtiva foi a “[...] ampliação da flexibilização, da informalidade e da precarização da classe trabalhadora” (ANTUNES, 2014, p. 41). “As novas modalidades de exploração intensificada do trabalho, combinadas com um relativo avanço tecnológico em um país dotado de um enorme mercado consumidor tornaram-se elementos centrais da produção capitalista no Brasil” (ANTUNES, 2014, p. 41).

A partir da década de 1990, o número de terceirizados aumentou significativamente, caracterizando um cenário de superexploração.

A atividade de trabalho deve atender às necessidades humanas e sociais, portanto é importante que se construa um novo modo de produção, dotado de significado. Esse modelo deve desenvolver “Atividade baseada no tempo disponível para produzir valores de uso socialmente necessários, na realização do trabalho socialmente necessário e contra a produção baseada no tempo excedente para a produção exclusiva de valores de troca para a reprodução do capital” (ANTUNES, 2010, p. 635).

As mudanças atuais, tecnológicas, organizacionais ou de gestão, somam-se aos anseios e desafios que já fazem parte do processo de inserção no mundo do trabalho. Esse processo ocorre, conforme já citado, na transição do jovem para a vida adulta, também caracterizada por momento de mudanças (DUBAR, 2005). E há de se atentar que o cenário atual, de vulnerabilidade e fragmentação, pode dificultar processos de construção individual, pois “[...] as formas atuais de relações do homem com o trabalho diminuem as oportunidades de construção de narrativas individuais” (COUTINHO; KRAWULSKI; SOARES, 2007, p. 34).

A trajetória percorrida evidencia as mudanças nas relações do homem com o trabalho que, como já pontuado, no cenário atual mostra-se valorizado por possibilitar a aquisição de bens materiais e ascensão social. Neste momento, torna-se relevante abordar o conceito de Profissão, uma vez que traz a questão da valorização (ou não) de uma atividade de trabalho.

De acordo com Dubar (2012), o termo profissão pode ter dois sentidos: o de uma totalidade de empregos/ocupações reconhecidos, e o de profissões liberais, originárias das corporações, criadas como forma de controle dos ofícios.

Historicamente, de acordo com Le Goff, as corporações constituíam-se sob a forma de ofícios juramentados, nos quais se professava uma arte (*apud* DUBAR, 2005, p. 164). Incluía, tanto as artes liberais, intelectuais, quanto as artes mecânicas. Com o desenvolvimento das universidades, essas artes liberais e mecânicas começam a se dissociar, sendo atribuída às primeiras, associadas ao intelecto, uma conotação nobre, ao passo que as artes mecânicas ficam associadas ao manual, braçal e de menor importância. Este último aspecto remete ao que apontam Borges e Yamamoto (2014): a associação, nos primórdios da história, de trabalho com atividades manuais, braçais, destituídas de refinamento e valorização.

O Ministério do Trabalho e Emprego conceitua profissão como uma atividade desenvolvida mediante estudo e/ou qualificação reconhecida (BRASIL, 2016). Esse conceito está em consonância com os próprios estudos sociológicos sobre profissões, que indicam o momento da criação das universidades, no século XIII, como o início da legitimidade de ofícios já desenvolvidos. O surgimento de uma profissão ocorreria, então, quando um grupo de pessoas se utilizasse de uma técnica e tivesse uma formação específica (DUBAR, 2005).

Assim, uma profissão estaria relacionada às atividades intelectuais, que demandam conhecimento específico, com uma certificação que autoriza sua prática. Na construção do conhecimento sociológico das profissões, Dubar (2005) apresenta e provoca reflexões sobre as teorias funcionalista e do interacionismo simbólico.

Na abordagem funcionalista da socialização profissional, uma profissão é o conjunto de qualidades e características que a distingue dos ofícios, uma vez que demanda formação técnica fundamentada, controle das ações por meio de um código de ética e uma comunidade dos membros que regulam essas ações. Tem-se aí uma competência legitimada e que se posiciona de forma superior às demais. Outro aspecto constituinte da institucionalização da profissão é a relação entre o profissional, detentor dos saberes específicos e legitimados, e o cliente, que depende desses saberes para que suas necessidades sejam atendidas (características de profissões liberais). Nessa prática, defende-se a natureza altruísta dos

profissionais, numa “relação benevolente”, que buscam o bem comum e que não estão a serviço de uma “[...] lógica comercial e financeira do “mundo dos negócios [...]” (DUBAR, 2005, p. 172).

A abordagem do interacionismo simbólico, diferentemente da abordagem funcionalista, enfatiza os processos. Para além dos conhecimentos técnicos que se desenvolvem para dar conta das necessidades sociais e, como resultado das interações e processos sociais, a divisão de trabalho se estabelece e passa a ser o ponto de análise sociológica das profissões. Os dois atributos essenciais que caracterizam os profissionais e que estabelecem essa divisão de trabalho são o diploma e um mandato.

O primeiro diz respeito ao conhecimento específico legitimado pela licença (autorização legal) que constitui a relação entre profissional e cliente. O mandato é a obrigação legal de assegurar uma função específica (DUBAR, 2005). Esses atributos possibilitam que as diferentes funções, valorizadas pela sociedade, sejam distribuídas entre os componentes dessa sociedade e, dessa forma, promovam hierarquização das funções e identificação daquelas consideradas legítimas.

Outro aspecto dessa abordagem é a necessidade do credenciamento do profissional autorizado a exercer a profissão. Isso se torna um mecanismo regulador da relação entre o profissional e a sociedade, além da existência de instituições que regulamentam as práticas, tais como os conselhos. Ao mesmo tempo em que garantem o diploma e o exercício de seus membros, os conselhos têm papel fiscalizador na medida em que protegem a sociedade, tanto dos não profissionais, quanto daqueles que incorrem em erros e/ou não seguem as regras.

O mundo do trabalho nos processos de mudanças sociais, sendo compreendido, não apenas como uma transação econômica, mas como um mecanismo de socialização, destaca a personalidade individual e a identidade social do sujeito e torna possível ampliar o próprio conceito de profissão e articular-se com um sistema ocupacional (DUBAR, 2005).

Os conceitos de trabalho e profissão mostram-se diversos e dependem do meio cultural em que circulam (FARIA; GUZO, 2007). Em estudo realizado pelas autoras, constata-se que o trabalho não caracteriza, necessariamente, uma profissão, principalmente se tiver um prestígio menor – não demandando formação específica.

Uma profissão, entretanto, transmite aspectos da identidade do sujeito – ele é aquilo que ele faz. Neste sentido, a busca de uma escolha profissional implica reconhecer as próprias características e habilidades que lhe são próprias e optar por uma profissão que solicita esses recursos. De forma ampla, trabalho seria a atividade a ser feita, e profissão, o status de quem faz o trabalho (FARIA; GUZO, 2007).

Neste estudo, os conceitos de trabalho e profissão são abordados como complementares, sendo a profissão uma atividade reconhecida de forma legal que demanda capacitação específica, e o trabalho, as atividades a serem desenvolvidas.

Para os jovens do Ensino Médio de escolas públicas, o momento de decidir por caminhos a seguir é também a possibilidade de inserção profissional. A escolha determina e é determinada pelas possibilidades presentes que irão impactar no futuro. É uma escolha que não se dá de forma neutra; pois é permeada pelo mundo objetivo (o que proporciona) e pelo mundo subjetivo (o que representa para o jovem estudante).

Como descrito na seção que aborda a TRS, há de se retomar que as representações são construídas por um grupo de sujeitos, sobre determinado objeto, em um determinado contexto. Considerando os elementos do indivíduo e das relações que estabelece, abordar a questão relacionada à identidade faz-se necessário, sendo tema do próximo subitem.

2.4.2 – Escolha Profissional e Identidade

Uma das questões que aflige o indivíduo, principalmente diante do seu percurso de vida, é “Quem sou eu?”, até porque a resposta auxiliará na tomada de decisão sobre a continuidade dos caminhos a serem seguidos: Sendo eu quem sou, o que quero?

Questionamento dessa natureza reflete a busca por compreender a identidade, por conhecer a si próprio. Nesse trajeto, o objetivo final é desvendar o indivíduo, seus desejos, seus sentimentos, suas características e os diferentes aspectos de sua constituição (CIAMPA, 1984).

O indivíduo nasce num contexto familiar, que lhe atribui um nome, uma marca, com expectativas em relação a quem será, delimitando papéis que ele ocupa e ocupará (CIAMPA, 1984; DIAS, 2013). O nome fornece-lhe uma singularidade que o diferencia das demais pessoas que fazem parte da família. Entretanto, o sobrenome traz ao indivíduo uma igualdade em relação às outras pessoas da família. A identidade envolve, assim, diferença e igualdade, pois é um “[...] fenômeno subjetivo e dinâmico resultante de uma dupla constatação de semelhanças e de diferenças entre si mesmo, os outros e alguns grupos” (DECHAMPS; MOLINER, 2008, p. 14).

No entendimento do conceito de identidade, Dubar (2006) aponta para duas abordagens: a essencialista e a normalista. A primeira baseia-se na constância e permanência

de categorias essenciais ao indivíduo, que se mantêm inalteradas ao longo da existência. Assim, tanto a singularidade quanto a pertença são essenciais nesse processo.

A corrente normalista, que se opõe à primeira, aponta para a mutação permanente do ser; a identidade não é o que permanece idêntico, mas o resultado de uma identificação contingente. É a diferença, na medida em que há singularidade de alguém ou de algo, mas também é a semelhança, ao pertencer a determinado contexto – ponto comum entre elementos diferentes. O paradoxo da identidade repousa naquilo que existe de único e no que é partilhado, sendo elemento comum a identificação de e pelo outro (DUBAR, 2005).

Compreendendo a construção da identidade em função das relações sociais, em contextos sociais específicos, as mudanças podem determinar a percepção de si, do outro e pelo outro. Neste sentido, Hall (2006) discorre sobre as mudanças da sociedade que vêm a caracterizar diferentes concepções sobre identidade, elaboradas em diferentes momentos históricos: sujeito do iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

Na concepção do sujeito do iluminismo, o indivíduo é centrado, dotado de razão, consciência e de ação, sendo o centro um núcleo interior – identidade, que surgia com o nascimento e se desenvolvia, mas mantendo uma essência (HALL, 2006).

A complexidade do mundo moderno traz uma alteração na concepção de sujeito, compreendendo-o como sociológico. Mantém-se o entendimento de se ter um núcleo interior do sujeito, entretanto ele não é autônomo e autossuficiente, mas formado da relação com o outro. Assim, a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade. O indivíduo projeta-se no meio ao mesmo tempo em que internaliza seus valores e significados (HALL, 2006).

O sujeito pós-moderno surge nas alterações do cenário social e cultural. O estável e unificado dá passagem ao fragmentado e perene, constituindo “[...] identidades diferentes em diferentes momentos que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente” (HALL, 2006, p. 13).

Compreende-se, então, o processo de construção da identidade como dinâmico: o conhecimento de si se constrói na relação com o outro, que o reconhece e lhe atribui significado, e na dependência dos papéis sociais que desempenha nos diferentes grupos sociais em que interage. A identidade é estabelecida na atividade social, e compreender a identidade do indivíduo implica compreender a sociedade, porque as “As possibilidades de diferentes configurações de identidade estão relacionadas com as diferentes configurações da ordem social” (CIAMPA, 1984, p. 72). Diferentes facetas de uma totalidade da identidade são

expressas de acordo com os diferentes papéis a representar e, assim, o seu conjunto reflete a estrutura social, interagindo com ela, mantendo-a ou transformando-a (CIAMPA, 2005).

Esse processo de construção que se dá na relação com o outro, inicia-se nas primeiras interações e vai se reconstruindo ao longo da vida (DUBAR, 2005).

No contexto histórico e social atual, caracterizado pela fluidez, flexibilidade, e rapidez, as estruturas e as instituições tornam-se líquidas, uma vez que não se mantêm da mesma forma por muito tempo. Assim, não se pode esperar “[...] uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída”, uma vez que “[...] seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade” (BAUMAN, 2005, p. 60).

Sobre a importância do contexto social, Berger e Luckmann (2005) observam que se tornar pertencente a uma sociedade implica, inicialmente, compreender e apreender os acontecimentos objetivos, tornando-os subjetivos. A percepção e interpretação ocorrem de acordo com o repertório individual disponível. Assim, é possível assumir a realidade do outro, como a sua também, e dessa forma constituir uma identidade subjetiva. Os autores destacam que “[...] o indivíduo não nasce membro da sociedade. Nasce com a predisposição para a sociabilidade e tornar-se membro da sociedade” (BERGER; LUCKMANN, 2005, p. 173). Tornar-se membro implica assimilar, interpretar e assumir a realidade como sua. Assim, a realidade externa é apreendida pelo indivíduo, como ser social, caracterizando-se assim o processo de socialização (COUTINHO; KRAWULSKI; SOARES, 2007).

Esse processo tem início na infância, quando a criança absorve o mundo social como o único existente. A partir de um saber básico e com a aprendizagem da linguagem, categoriza as situações e as condutas sociais, que Berger e Luckmann (2005) definem como socialização primária. A família é o primeiro grupo social do indivíduo, uma realidade objetiva já constituída. Desse grupo social herda o nome (que o identifica e o difere) e também uma identidade étnica e social (DUBAR, 2005). A percepção do mundo passa pelos filtros, tanto da estrutura social objetiva, quanto do mundo social objetivo, considerando-se as particularidades dos atores que intervêm diretamente na mediação existente nesse processo, e considerando-se também os aspectos cognitivos e emocionais/afetivos do indivíduo.

A interiorização decorrente implica identificação e, para isso, há necessidade do componente emocional; “[...] a personalidade é uma entidade reflexa, que retrata as atitudes tomadas pela primeira vez pelos outros significativos com relação ao indivíduo, que se torna o que é pela ação dos outros para ele significativos” (BERGER; LUCKMANN, 2005, p. 177). Dessa forma, a identificação ocorre com o outro significativo (pai, mãe, cuidadores), e se estende e se generaliza para a sociedade, compreendendo que o ambiente/outro significativo

retrata o socialmente aceito – consciência do outro generalizado. Assumindo e incorporando os diferentes papéis sociais, constrói-se o sentimento de pertencimento. “A sociedade, a identidade e a realidade cristalizam subjetivamente no mesmo processo de interiorização” (BERGER; LUCKMANN, 2005, p. 179).

Esse processo de socialização caracteriza-se (também) como dinâmico e inacabado, e nele diferentes ambientes interagem, possibilitando o surgimento das socializações secundárias, por meio das quais ocorrerá a aquisição de conhecimento social, derivado de outras instituições, e de funções específicas, como no trabalho (BERGER; LUCKMANN, 2005). Sendo assim, ocorre em contexto de uma estrutura social, e os papéis, ao serem definidos, confirmam ou contrariam os conteúdos apreendidos inicialmente. Constitui-se na “[...] interiorização dos submundos baseados nas instituições, portanto com base na complexidade da divisão do trabalho e a distribuição social do conhecimento” (LISBOA, 1997, p. 115).

Nesse aspecto, a socialização secundária pode constituir uma cisão em relação à primária, diante de situações específicas – fracasso da socialização primária ou supremacia da secundária, por se estruturar de forma mais consistente e satisfatória. O ponto relevante é a articulação entre ambas, associada às identidades que se constroem e possibilitam transformação social (DUBAR, 2005).

A identidade é formada por meio dos processos sociais e mantida (ou modificada) pelas relações sociais. As estruturas sociais definem os tipos de identidades características dos diferentes contextos, sempre numa relação dialética entre o indivíduo e a sociedade (BERGER; LUCKMANN, 2005).

Como apontado pelos autores citados, compreender Quem sou envolve entender (e contextualizar) onde se está e com quem (ou quais grupos) há interação. Nesse ponto, merece destaque a discussão a respeito da identidade social que, de acordo com Deschamps e Moliner, (2009), é estabelecida no sentimento de pertença do indivíduo aos diferentes grupos sociais.

Destacando as esferas do trabalho e de formação escolar, Dubar (2005) observa que elas constituem áreas importantes nesse processo identitário. A escola pode ser considerada o primeiro ambiente formador de uma identidade social; “[...] é nas e pelas categorizações dos outros – e principalmente dos parceiros de escola (seus professores e seus colegas) – que a criança vive a experiência de sua primeira identidade social” (DUBAR, 2005, p. 147).

O autor aponta também, como outro importante momento na identidade social, a transição entre o sistema escolar e a confrontação no mercado de trabalho, que pode assumir

formas sociais diversas, de acordo com o contexto social, cultural e econômico (DUBAR, 2005).

Cabe aqui um breve destaque para a adolescência que, por ser um fenômeno psicossocial caracterizado por mudanças físicas, psíquicas e sociais, é o momento de definições dos caminhos a serem trilhados, em relação à atividade laboral futura. Assim, as decisões, durante essa fase, podem ser vivenciadas de forma conflitante (ERIKSON, 1987; SOARES, 2002).

Como também apontado por Bohoslavsky (1987), a adolescência é uma fase de passagem da infância para a vida adulta. Demanda adaptação e ajustamento em diferentes aspectos, entre eles o escolar, que permeia o início do profissional e que constitui um aspecto da identidade pessoal. A identidade ocupacional, segundo o autor, é a autopercepção de papéis ocupacionais no decorrer do tempo, elaborados a partir da interação e da dinâmica de aspectos internos e externos ao jovem, mediante suas expectativas referentes a esses papéis. É o momento em que o jovem começa a se preocupar com o futuro e, diante da demanda social em relação ao aspecto profissional, as expectativas sobre suas escolhas têm destaque.

Lisboa (1997) considera a formação da identidade profissional como desdobramento da identidade pessoal. Tem início já na fase de socialização primária descrita por Berger e Luckmann (2005). As possibilidades de escolhas e a formação profissional fazem parte da estrutura social, na qual os papéis serão desempenhados de acordo com cada classe.

O processo de aproximação das atividades laborais e inserção no mercado de trabalho tem início na adolescência, quando as figuras significativas de identificação primária (família) e secundária, como os professores, tornam-se relevantes, e também significativos, na construção do querer ser profissional (LISBOA, 1997).

No contexto brasileiro, Lisboa (1997) destaca que muitos jovens vivenciam a inserção no mundo do trabalho ainda durante o Ensino Médio, por necessidade de sobrevivência sua e da família, e as escolhas ocorrem no desenrolar de suas atividades.

A trajetória teórica percorrida até o momento destacou o processo de construção de identidade e socialização do sujeito, compreendendo que são aspectos fundamentais nas relações intra e interpessoais e que se refletem nas ações relacionadas aos diferentes âmbitos de atuação do indivíduo. No que tange o contexto do mercado de trabalho, vale abordar as teorias geracionais, uma vez que buscam compreender as relações entre os contextos de trabalho e a sociedade (SILVA, 2013).

Essas teorias têm interesse em compreender as relações, frente às atividades laborais dos sujeitos de diferentes idades, e apontar características específicas para jovens nascidos no

século XXI que começam a se inserir no mercado de trabalho (SILVA *et al.*, 2014). Silva (2013) destaca que os diversos estudos buscam verificar as diferenças entre gerações em termos de seus valores laborais motivadores, preferências, crenças, considerando também sua personalidade.

Compreendendo o conceito de Gerações, Smola e Sutton (2002) observam que uma geração se caracteriza como um grupo que compartilha faixa etária e experiências históricas e sociais, o que vem a influenciar seu posicionamento diante de aspectos de vida, dentre eles o sentido do trabalho.

Essas delimitações e descrições de gerações tiveram início após a Segunda Guerra, nos Estados Unidos, considerando-se o contexto daquele país. Entretanto, pesquisas realizadas em países de diferentes continentes, inclusive no Brasil, mostraram resultados semelhantes aos estudos norte-americanos, principalmente no que tange a relação frente ao trabalho (SILVA, 2013).

Silva (2013) descreve as classificações de gerações divulgadas, tanto no meio acadêmico, quanto na mídia e em organizações, como Geração *Baby Boomer* (nascidos entre 1946 e 1964), *X* (de 1965 a 1979) e *Y* (de 1980 até meados de 1991).

Nesse conceito de geração, o grupo mais novo, que já ingressa no mercado de trabalho, denominado de Geração *Y*, tem como característica a tecnologia, a familiaridade em lidar com múltiplas informações e a amplitude de relações do ponto de vista virtual. Mais acostumados a mudanças, os jovens dessa geração buscam desafios e ambientes que lhes proporcionem flexibilidade e rapidez no processo de desenvolvimento profissional. Por apresentarem maior interesse e participação social, são atraídos por atividades profissionais que proporcionem atuação ética e responsabilidade social (CAVAZOTTE, 2012).

Num estudo que investigou o sentido do trabalho em jovens caracterizados como sendo da Geração *Y*, Cavazotte *et al.* (2012) identificaram anseios semelhantes aos observados em jovens de gerações anteriores (*Boomers* e *X*), como o desejo de crescimento e desenvolvimento numa mesma empresa. Entretanto, essa geração deseja que esse crescimento e desenvolvimento sejam uma conquista rápida. Outro aspecto identificado no estudo foi o desejo de segurança e estabilidade no emprego, contrariando estudos que apontam o desprendimento dessa geração, que prefere o risco. As autoras elaboram a hipótese de que a busca por estabilidade e segurança não seria atemporal, mas anseio comum nas diferentes faixas etárias. Valorização da remuneração é outro aspecto desejado pelos jovens. O equilíbrio entre vida pessoal e profissional, busca de satisfação pessoal (hedonismo), flexibilidade, bom ambiente de trabalho, preocupação com questões sociais e ambientais,

honestidade e ética nos ambientes de trabalho fazem parte das especificidades dessa geração (CAVAZOTTE *et al.*, 2012).

Essas características são destacadas também por Borges (2012), que observa que, mesmo diante de algumas semelhanças entre as diferentes gerações, há diferenças substanciais relacionadas aos valores e visão de mundo, relação com a autoridade, sentido de lealdade, expectativas e equilíbrio entre as diversas áreas da vida.

No estudo realizado por Silva (2013) não foram encontradas diferenças significativas entre as gerações *Baby boomers* e Y, no que diz respeito aos aspectos pesquisados, quais sejam: comprometimento, significado do trabalho, remuneração, benefícios e equilíbrio entre vida e trabalho. Destaca-se que, para ambas as gerações, no período em que ingressaram no mercado de trabalho, ele estava mais aquecido, assim como a economia.

Santos (2011) destaca o contexto social e político brasileiro vivenciado pela geração Y. Os jovens do novo milênio participaram do *impeachment* de um presidente, cresceram num contexto de estabilidade econômica, de globalização e de rápido desenvolvimento da tecnologia. Mostram-se conectados e abertos a mudanças. No aspecto laboral, buscam um ambiente de trabalho que lhes proporcione desafio e realização, com afinidades de valores e equilíbrio entre a vida pessoal e profissional.

As características referentes ao contexto contemporâneo, como fluidez, imediatismo e busca pelo prazer, que já fazem parte das descrições referentes aos jovens da geração Y, são também apontadas nos adolescentes, e alguns modelos utilizam o termo geração *zapping* ou geração Z, que se refere ao comportamento de zapear - característico dessa geração, relacionado à frequente alternância entre as atividades: estar ligado e conectado a diferentes estímulos ao mesmo tempo. Esses jovens navegam por diferentes espaços (virtuais ou reais), entretanto não se aprofundam nas informações, e essa forma de ser relacionar pode ocorrer em diferentes níveis e tipos de relacionamentos e contextos (SANTOS; LUNA; BARGADI, 2014).

No que se refere à relação desses jovens com o processo educacional, e posteriormente com o profissional, Oliveira e Tomazeti (2012) apontam que eles estão posicionados numa sociedade voltada para o consumo. A abreviação do tempo na relação com as coisas deveria ter o objetivo maior de promover satisfação e felicidade; no entanto, se esse objetivo não é atendido, essa abreviação pode (e deve) ser substituída. Segundo Bauman (2008, p. 45), “Um ambiente líquido-moderno é inóspito ao planejamento, investimento e armazenamento de longo prazo”. Como pondera Levenfus (2016), na atualidade há a supervalorização do

presente e dos resultados em curso prazo, o que dificulta a reflexão sobre os projetos futuros, envolvendo, entre outros aspectos, a atuação profissional.

A relação entre identidade e escolha profissional é estreita, na medida em que reflete como o jovem elabora a construção da identidade num determinado contexto sociocultural. Neste sentido, na formação da identidade do jovem um dos aspectos presentes é a escolha da ocupação, e dessa forma ele estrutura sua vida a partir dos compromissos pessoais e laborais que assume (ERIKSON, 1987).

Durante esse processo é possível identificar influências da família, do mercado de trabalho, das amizades, do meio escolar (FAHT, 2011). Somando-se às questões individuais que permeiam esse momento da escolha estão os aspectos sociais, políticos e educacionais. Na atualidade, essas interações são permeadas pelo imediatismo, necessidade de projetos em curto prazo e pressão à flexibilidade.

Assim, é possível considerar os direcionamentos acerca das atividades laborais como um processo que envolve aspectos individuais, na medida em que refletem a própria formação da identidade, e aspectos sociais, como uma resposta aos estímulos externos envolvidos. Esses aspectos se relacionam de forma interdependente – influenciam e são influenciados, e assim compreendem as possibilidades profissionais vislumbradas por esses jovens. Pode-se afirmar que esses elementos auxiliam a compreender quais caminhos seguir na construção da própria sociedade.

Esses aspectos dizem respeito aos elementos e funções das RS. Enquanto forma de conhecimento elaborado socialmente e orientado para uma prática, revelam a construção da realidade de um determinado grupo, e têm como função permitir que o sujeito compreenda e explique sua realidade (CHAMON; CHAMON, 2007).

O percurso teórico traçado confirma a relevância do tema, caracterizando a Escolha Profissional como objeto representacional, na medida em que mobiliza no grupo de estudantes a necessidade de posicionamento frente a esse objeto. Os conhecimentos elaborados pelo grupo têm base nas informações que circulam nos ambientes disponíveis – escola, família, mídia, grupos sociais.

O levantamento de estudos sobre o tema, apresentado no subitem 2.1, revelam que as RS elaboradas pelos sujeitos envolvem aspectos sociais, econômicos, tanto da família quanto do mercado de trabalho. Destaca-se a relevância do estudo e capacitação, além da busca por ascensão social e realização pessoal.

Os estudos sobre RS demandam aprofundar o conhecimento sobre o lugar do grupo, o que permite compreender os elementos constitutivos dessas representações. Saber de onde

fala o sujeito – Ensino Médio (campo e cidade) – revelou as especificidades e conflitos do sistema educacional na relação com o aspecto laboral, ocorrendo tanto no campo quanto na cidade. As informações sobre possibilidade de atividades após o término do Ensino Médio, bem como os próprios conteúdos apresentados, não dão conta da demanda dos alunos frente à necessidade de tomada de decisão. Caracteriza-se, assim, a dispersão das informações sobre o objeto, sendo condição para o surgimento de RS.

O passo seguinte foi trazer a discussão teórica sobre trabalho e profissão, o que permitiu contextualizar, em aspecto macro, o objeto deste estudo: a escolha profissional, envolvendo elementos externos que impactam na realidade elaborada pelo sujeito.

Por fim, a discussão sobre identidade foi necessária porque a identidade é elemento de constituição do sujeito e da elaboração das RS. Como já referido, a identidade é construída na relação com o outro, e nessa relação a realidade é apreendida pelo sujeito, como ser social – socialização (BERGER; LUCKMAN, 2005). Considerando o contexto relacionado ao mercado de trabalho, percorrer as teorias geracionais permitiu compreender a ênfase das demandas e expectativas das diferentes gerações em relação ao trabalho e profissões. Permitiu também estabelecer relações com os resultados obtidos neste estudo.

Identificar as RS elaboradas pelos estudantes sobre a escolha profissional possibilita compreender como eles interpretam sua realidade social, familiar e/ou de formação educacional, e, a partir disso, estudar as ações que podem ser desencadeadas. Dessa forma, os conteúdos teóricos tratados permitem a discussão dos resultados à luz da TRS.

3 MÉTODO

A construção do conhecimento científico ocorre por meio de procedimentos que o legitimam, que o tornam possível de ser verificado. Para isso, utilizam-se métodos que possibilitam essa verificação. A pesquisa pode ser definida como um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico, que é uma busca racional de respostas às perguntas de um determinado problema do cotidiano. Sendo assim, método é o caminho pelo qual se chega ao conhecimento científico (GIL, 1999; KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010). Esse processo formal que utiliza procedimentos específicos, intelectuais e técnicos para se alcançar um determinado conhecimento é o método (GIL, 1999). “O conhecimento científico é sempre uma busca de articulação entre uma teoria e a realidade empírica; o método é o fio condutor para se formular esta articulação” (MINAYO; SANCHES, 1993 p. 240).

Para o desenvolvimento desta pesquisa, que tem como tema a Escolha Profissional, optou-se por um estudo transversal que se apresenta como um modelo que possibilita “[...] uma fotografia ou corte instantâneo que se faz numa população por meio de uma amostragem” (HOCHMAN, B. *et. al.*, 2005, p. 3).

3.1 Tipo de pesquisa

Com o objetivo de investigar as representações sociais de estudantes do ensino médio sobre a escolha profissional, realizou-se pesquisa de campo, sendo a coleta de dados realizada no contexto escolar dos jovens, sem a realização de controle rígido das variáveis (GIL, 1999). Neste sentido, Pesquisa de Campo “Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes para analisá-los” (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 186). De acordo com Sá (1998), pesquisas no campo das representações sociais apresentam interdependência entre a teoria e os respectivos métodos utilizados (SÁ, 1998).

Em referência aos níveis de pesquisa, Gil (1999) argumenta que a pesquisa exploratória tem como objetivo possibilitar uma visão geral sobre determinado fenômeno e, para tanto, pode utilizar um levantamento bibliográfico e documental. Numa pesquisa descritiva, o objetivo é descrever determinada população ou fenômeno com utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados. Estudos exploratório-descritivos combinados

possibilitam o entendimento do fenômeno com o objetivo também de descrevê-lo qualitativa e quantitativamente, por meio das informações coletadas (MARCONI; LAKATOS, 2003).

Sendo assim, o presente estudo tem caráter exploratório-descritivo, visto que o objetivo é investigar as representações sociais dos estudantes por meio de uma visão geral do fenômeno, e também descrevê-las e analisá-las, para verificar como são elaborados nos diferentes contextos – na cidade e no campo.

Quanto à abordagem, realizou-se uma pesquisa qualitativa e quantitativa. Para Bauer e Gaskell (2014 p. 23), a pesquisa qualitativa lida com a interpretação das realidades sociais. Turato (2005), por sua vez, considera que na pesquisa qualitativa o interesse do pesquisador está em um determinado fenômeno, buscando seu significado para o sujeito que o vivencia. O autor destaca também como uma das características de um estudo qualitativo a compreensão do fenômeno no ambiente em que acontece, sem controle de variáveis.

Já a pesquisa quantitativa lida com números e utiliza modelos estatísticos para explicar os dados coletados sobre determinado fenômeno (BAUER; GASKELL, 2014).

De acordo com Creswell (2007), estudos utilizando métodos mistos de investigação apresentam procedimentos de coleta de dados que envolvem informações quantitativas e qualitativas. Os estudos baseados na Teoria das Representações Sociais, por sua vez, utilizam instrumentos de coleta de dados verbais (qualitativas) e também de dados numéricos (quantitativas), tendo em vista que são ferramentas que possibilitam a captura do conteúdo de representações sociais (SÁ, 1998).

3.2 População/Amostra

Conforme definido por Gil (1999), a população de uma pesquisa diz respeito a um conjunto de elementos com determinadas características, e a amostra é um subconjunto dessa população conforme determinadas características. O processo de amostragem envolve um conjunto de técnicas que possibilita representatividade da população total (BAUER; GASKELL, 2014)

Neste estudo, a população é composta por estudantes do ensino médio (3 séries), de 5 escolas públicas localizadas em duas cidades da Região Metropolitana do Vale do Paraíba Paulista.

Para o estabelecimento da amostra foi utilizado cálculo proposto por Santos (2013), cujo erro amostral será considerado em 5%, e o nível de confiança, em 99%. A fórmula

utilizada está descrita na Figura 3, e o cálculo foi realizado com o auxílio de uma calculadora eletrônica *online*:

Figura 3 – Fórmula para cálculo de amostragem

$$n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1 - p)}{Z^2 \cdot p \cdot (1 - p) + e^2 \cdot (N - 1)}$$

Na fórmula, “n” significa a amostra a ser calculada; “N”, a população de referência; “Z”, a variável normal padronizada e associada ao nível de confiança; “p”, a verdadeira probabilidade do evento; e, “e”, o erro amostral (SANTOS, 2013).

A partir do cálculo utilizado, para a população de 1616 a amostra estabelecida foi de 471 estudantes do ensino médio. A população contemplou as escolas municipais de uma das cidades; na outra localidade o Ensino Médio é ofertado apenas pela rede estadual, sendo então consideradas as escolas estaduais.

Na pesquisa em Representações Sociais, em relação à quantidade de sujeitos Sá (1998), referindo-se aos instrumentos de coleta de dados, afirma que o uso de questionários com um tratamento estatístico é possível para aplicação em uma quantidade de sujeitos elevada, que constitui uma amostra representativa da população a que se destina a pesquisa.

No caso da entrevista, considerando o fator tempo, o autor acima citado destaca que a amostra poderá ser estabelecida pelo critério de saturação, entendendo-se que a representação manifestada por essa amostra seria a mesma que em um número maior de sujeitos. Utiliza-se esse critério no decorrer da pesquisa quando os temas começam a se repetir, pois entrevistar maior número de sujeitos não teria significância no conteúdo das representações (SÁ, 1998). “O processo de seleção é interrompido quando se torna claro que esforços adicionais não irão trazer mais nenhuma variedade” (BAUER; GASKELL, 2014, p. 512). Neste estudo foram realizadas 21 entrevistas, utilizando-se o critério acima descrito.

3.3 Instrumentos de coleta de dados

Como técnicas de coleta de dados, utilizaram-se questionário, entrevista semidiretiva e o jogo Critérios para a escolha profissional (NEIVA, 2008).

O questionário é uma técnica de investigação composta por uma quantidade de questões apresentadas aos sujeitos com o objetivo de colher informações pertinentes ao objeto

de estudo (GIL, 1999). Marconi e Lakatos (2003, p. 201) conceituam-no como “[...] um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”. Nos estudos em Representações Sociais, os questionários são utilizados pelo grupo de Genebra, que enfatiza a dimensão cognitivo-estrutural (SÁ, 1998). O questionário, desenvolvido por Chamon (2003), foi adaptado para o presente estudo.

A Entrevista é uma técnica de coleta de dados que possibilita interação entre pesquisador e pesquisado. O pesquisador formula perguntas para obter dados de interesse para a investigação. É um “diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação” (GIL, 1999, p. 117). O autor observa também que é considerada uma técnica bastante pertinente no campo das Ciências Sociais, pois possibilita a obtenção de dados de diversos aspectos da vida social, dados mais profundos do comportamento humano. Os dados obtidos são suscetíveis de classificação e de quantificação.

Sá (1998) destaca que, na prática das pesquisas em representações sociais, o mais comum é o uso de entrevistas individuais, e a análise de conteúdo, a técnica normalmente utilizada para análise de dados. De forma mais ampla, o material discursivo pelo qual se deseja identificar as representações sociais deve ser obtido por meio de técnicas que permitam ao sujeito espontaneidade de expressão, apesar de, segundo Flament (*apud* SÁ, 1998), o discurso espontâneo não ser necessariamente a representação social.

A entrevista semidiretiva possibilitou uma orientação parcial quanto aos temas a serem abordados no discurso do sujeito, validando as informações, ao mesmo tempo em que ele (o sujeito) estrutura o próprio discurso, favorecendo a confiabilidade da informação (CHAMON, 2007).

Como recomendações em relação aos tipos de perguntas a serem feitas, Grize (*apud* SÁ, 1998) orienta que se leve o sujeito a expressar aspectos relacionados a imagens mentais, a representações referenciais e a sistemas de relações. As perguntas devem também permitir a expressão do afeto, dos julgamentos de valor, e devem ser evitadas questões que levem a definições. Em pesquisas sobre RS, o objeto a ser estudado é definido *a posteriori*. Dessa forma, a estruturação da entrevista visa mobilizar e apreender mobilizações dos sujeitos quanto à RS do objeto.

Jodelet (*apud* SÁ, 1998 p. 90) reforça esses cuidados, na medida em que sugere que a entrevista tenha início com questões de “[...] caráter mais concreto, factuais e relacionadas às experiências cotidianas dos sujeitos, para, gradativamente, passar às perguntas que envolvam reflexões mais abstratas e julgamentos”. A autora destaca que é importante captar o que está

além da espontaneidade, uma vez que o conteúdo principal de uma representação social pode estar no não dito. Assim, como já destacado, a técnica deve estar diretamente relacionada à teoria.

Neste estudo, o roteiro de entrevista abordou questões que investigaram a temática das representações sociais da escolha profissional dos participantes.

O jogo Critérios para a escolha profissional (NEIVA, 2008) permite ao jovem entrar em contato com critérios que podem servir de base para sua escolha profissional. Os critérios definidos pelo instrumento e que norteiam a construção do jogo são: 1) Ambiente de trabalho; 2) Objetos/conteúdos de trabalho; 3) Atividades de trabalho; 4) Rotinas de trabalho; e, 5) Retornos de trabalho.

Na aplicação desse instrumento são apresentados cartões coloridos com uma palavra em cada um deles, referente a cada categoria. O sujeito é convidado a identificar e separar todos (quantos desejar) os cartões que representam o que gostaria que fizesse parte de seu futuro profissional. É apresentado um total de 201 cartões: 39 (cor verde) da categoria Ambiente de trabalho; 74 (cor amarela) da categoria Objetos/conteúdos de trabalho; 53 (cor azul) da categoria Atividades de trabalho; 12 (cor vermelha) da categoria Rotinas de trabalho; e, 23 (cor branca) da categoria Retornos de trabalho. Após a aplicação, são registradas as palavras escolhidas em cada categoria. Por ser um instrumento comercializado, seu conteúdo não foi anexado neste trabalho.

O uso de três técnicas (questionário, entrevista e jogo já estruturado) caracteriza procedimento de Triangulação, que permite a utilização de diferentes técnicas com o objetivo de ampliar as informações acerca do objeto de pesquisa (MINAYO, 2010).

3.4 Procedimentos para coleta de dados

Para realização deste trabalho, foi solicitada autorização junto à Secretaria Municipal de Educação de Taubaté e à Diretoria de Ensino da Região de Guaratinguetá.

Por se tratar de um trabalho que envolve seres humanos, o estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (CEP-UNITAU), sob o CAAE: 48849115.2.0000.550, aprovado conforme parecer 1.266.013 (ANEXO A).

Autorizada a realização da pesquisa pela Secretaria Municipal de Educação, pela Diretoria de Ensino e pelo Comitê de Ética, realizou-se reunião com os gestores das escolas

definidas, para esclarecimento dos objetivos do estudo e para acordar os períodos de contato com os alunos.

Após definição de dias e horários, realizou-se o primeiro contato com a população a ser pesquisada, para apresentação da proposta de participação. Foi realizada leitura do Termo de Assentimento aos indivíduos que aceitarem participar do estudo, sendo-lhes garantido o sigilo de sua identidade, bem como assegurada sua saída do presente estudo a qualquer momento, se assim o desejassem. Considerando a participação de jovens menores de idade, solicitou-se assinatura dos responsáveis no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Em todas as escolas o envolvimento da direção e coordenação foi positivo, pois acompanharam o processo e participaram dele. Nas escolas do município de Taubaté, as séries do Ensino Médio funcionam no período noturno. Na escola localizada na região rural, a aplicação ocorreu no período de três semanas no mês de outubro de 2015, uma vez por semana, sendo necessários três dias para conclusão da aplicação. Inicialmente foram aplicados os questionários por sala (em grupo), durante a aula, com duração média de quarenta minutos. Depois da aplicação em todas as séries, os alunos foram convidados a participar da entrevista e do jogo. A escolha foi aleatória, sendo entrevistado um aluno de cada série.

Na escola localizada na região central da cidade adotou-se o mesmo procedimento – aplicação do questionário, em grupo, durante a aula, e logo em seguida a entrevista e a aplicação do jogo (individual) com os alunos que se candidataram a participar. A aplicação nessa escola ocorreu inicialmente com a 3ª série, tendo em vista a aproximação do período de férias (novembro de 2015). Em março de 2016, a pesquisa foi aplicada nas 1ª e 2ª séries. Para a aplicação dos questionários, a pesquisadora teve a colaboração voluntária de alunos concluintes do Programa de Pós-graduação da UNITAU - Gilmar Dias e Nilsen Marcondes, e de alunas de Graduação em curso em que a pesquisadora leciona.

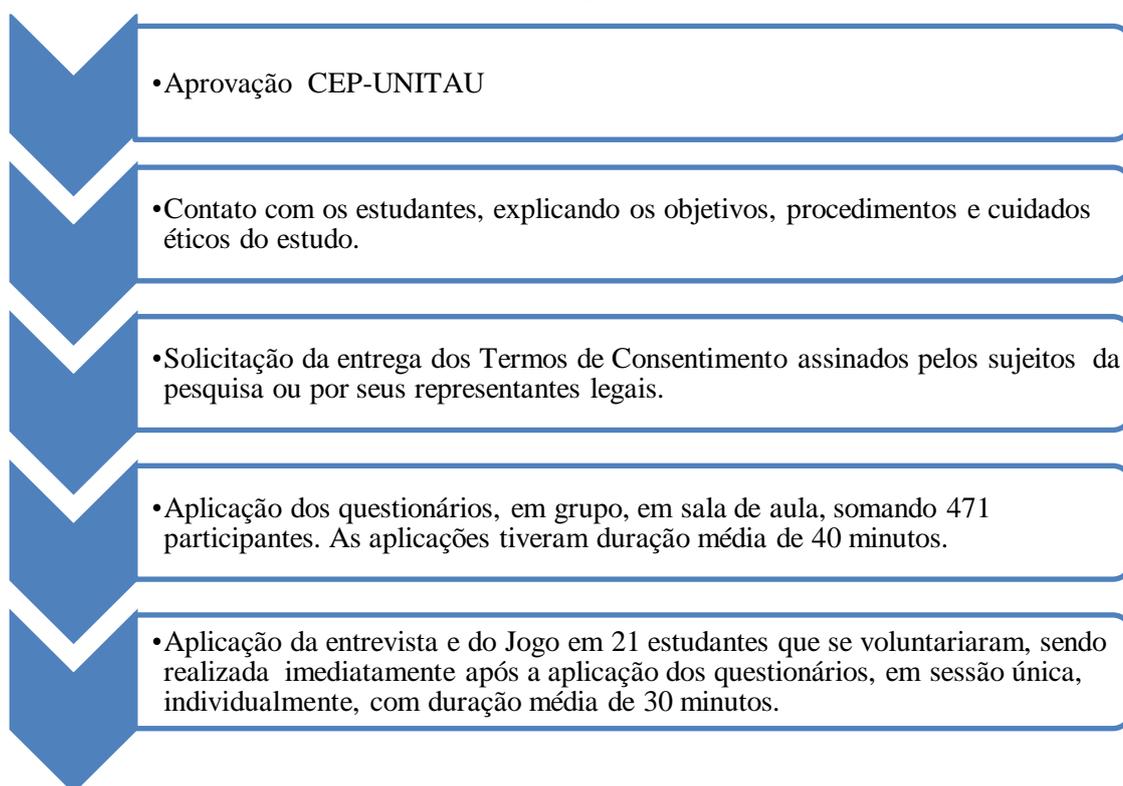
Nas escolas localizadas na cidade de Cunha/SP, a aplicação ocorreu nos meses de outubro e novembro de 2015. Foram necessários seis dias, dois dias em cada escola. A pesquisadora contou com a participação da mestre Shirley Rosane Aparecida Fernandes Monteiro, do Programa de Pós-graduação da UNITAU – Mestrado Profissional de Educação, que colaborou voluntariamente, realizando aplicação do questionário na escola da região urbana. A aplicação do questionário ocorreu durante as aulas, com duração média de quarenta minutos, e as entrevistas ocorreram após a aplicação do questionário, com sujeitos que voluntariamente manifestaram desejo de participar. O total de questionários aplicados foi de 471, ou seja, toda a amostra definida.

Todas as entrevistas foram aplicadas de forma individual, com tempo médio de 30 minutos, sendo gravadas em mídia digital e transcritas posteriormente, para serem analisadas por meio da Análise de Conteúdo. As informações armazenadas no formato digital estão mantidas sob a guarda do pesquisador e serão destruídas após o período de 5 anos.

O jogo Critérios para a escolha profissional (NEIVA, 2008) foi aplicado nos sujeitos entrevistados após a aplicação da entrevista, de forma individual e seguindo a aplicação descrita em seu manual.

Os instrumentos, a entrevista e o jogo foram aplicados em 21 sujeitos, considerando o critério de saturação, conforme já citado na seção anterior. A Figura 4 ilustra o processo de coleta de dados para o estudo.

Figura 4 - Fluxo do processo de coleta de dados



3.5. Procedimentos para Análise de Dados

Para análise dos dados, foi utilizada a técnica da Triangulação, que prevê dois momentos: preparação dos dados coletados utilizando procedimentos pertinentes a cada uma das técnicas de coleta de dados, e análise propriamente dita, do conteúdo e da articulação entre os diferentes dados (MARCONDES; BRISOLA, 2014).

Os dados obtidos por meio do questionário foram tabulados pelo *software* Sphinx[®], que possibilita a apresentação dos resultados na forma de gráficos e tabelas. Fornece também os valores relativos à média aritmética e ao desvio padrão, e faz análises fatoriais (DIAS, 2014; FERREIRA, 2014).

O questionário permitiu reunir questões em categorias com a mesma temática. Como já citado, por um instrumento adaptado foi necessário identificar categorias pertinentes às adaptações realizadas. Dessa forma, foram mantidas duas categorias, já definidas na elaboração original do instrumento, e foram alteradas as demais, configurando-se da seguinte forma: 1) Características sociodemográficas; 2) Escolha Profissional; 3) Significado da profissão/trabalho; 4) Relação Trabalho X Estudo.

Na categoria Caracterização sociodemográfica estão reunidas questões que identificam o perfil pessoal e social dos sujeitos. Em Escolha profissional estão reunidas questões que investigam aspectos relacionados aos fatores que auxiliam a escolha profissional. A categoria Significado da profissão/trabalho abarca questões que abordam o que esperam, em termos de retorno, da profissão que escolherem. Na categoria Relação trabalho X estudo estão incluídas questões que abordam a valoração do estudo e do trabalho em relação ao futuro profissional e pessoal.

Para a análise dos dados obtidos por meio das entrevistas, inicialmente foram realizadas transcrições do material gravado, preparando-o para ser submetido a análise de conteúdo informatizada com auxílio do *software* ALCESTE, desenvolvido na Universidade de Toulouse II, França. O programa “[...] realiza uma classificação do texto em função das ocorrências simultâneas do seu vocabulário” (CHAMON, 2007 p. 41).

Os dados são classificados em categorias que, por sua vez, formam as representações sociais do grupo pesquisado, e são analisados à luz dessa teoria. O objetivo foi fazer uma análise automática dos textos transcritos, classificando-os em função de ocorrências simultâneas do vocabulário dos indivíduos pesquisados.

O programa permitiu identificar cinco categorias de discursos: 1) Profissões; 2) Experiências de trabalho; 3) Lazer; 4) Estudo/ escola; e, 5) Escolha profissional.

Na categoria Profissões estão reunidas falas relacionadas às profissões que pretendem cursar e que a família sugere. A categoria Experiências de trabalho reuniu conteúdos acerca das experiências (passadas e/ou atuais) de trabalho dos sujeitos pesquisados. Na categoria Lazer há conteúdos que evidenciam as atividades de lazer – familiares e sociais. A categoria Estudo/escola revela conteúdos que indicam histórico escolar e as relações com os estudos. A

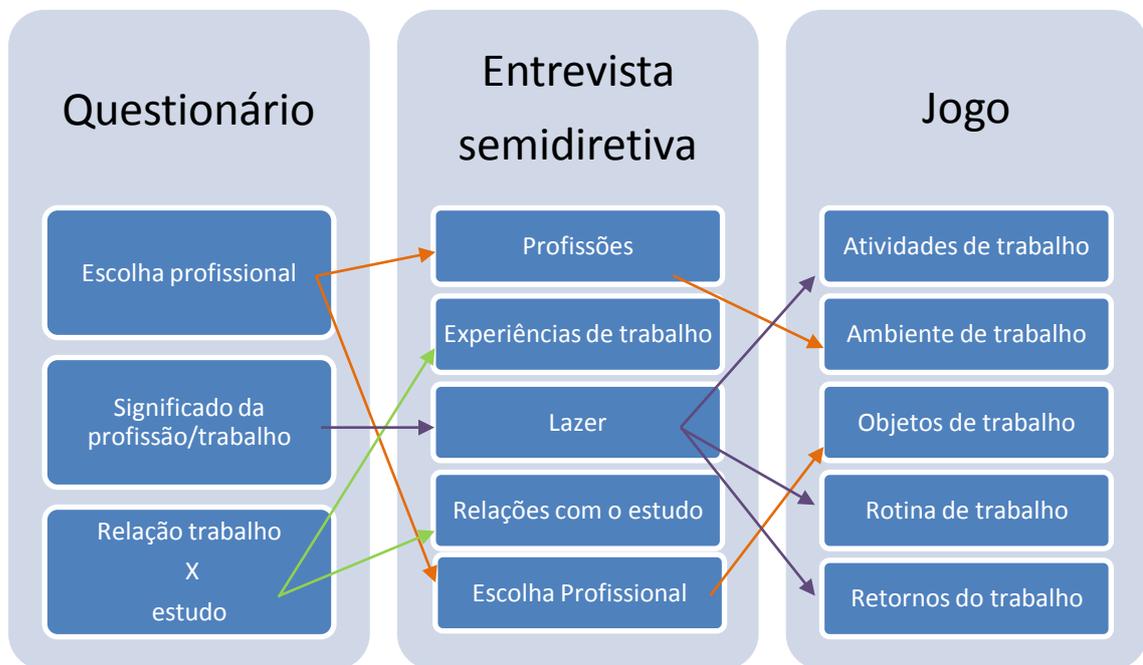
categoria Escolha Profissional apresenta conteúdo relacionado a profissões que eles anseiam e também suas expectativas em relação ao que gostariam de obter com essas escolhas.

Os dados obtidos por meio do jogo Critérios para a escolha profissional (NEIVA, 2008) já definem as categorias investigadas: 1) Ambiente de trabalho; 2) Objetos/conteúdos de trabalho; 3) Atividades de trabalho; 4) Rotinas de trabalho; e, 5) Retornos de trabalho.

4. RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados os dados obtidos na pesquisa, bem como as análises e discussões. A partir da análise de cada instrumento, conforme descrito na seção anterior, realizou-se a triangulação dos métodos que, como destacado por Ferreira (2014), possibilita que dados obtidos por diferentes técnicas possam ser complementares na compreensão do objeto de estudo. A Figura 5 ilustra a triangulação entre as técnicas utilizadas.

Figura 5: Modelo de triangulação de métodos a partir das análises dos instrumentos de coleta de dados utilizados



Fonte: Elaborado pela autora

A apresentação dos resultados foi organizada conforme as categorias definidas no Questionário, e os dados, conforme os blocos que seguem. Inicialmente é apresentada a **Caracterização Sociodemográfica** e, em seguida, os blocos de análises. Esses blocos, em que estão reunidos os resultados das diferentes técnicas, abordam aspectos semelhantes, nomeados da seguinte forma: **Escolha Profissional** (questionário), envolvendo as categorias Escolha Profissional e Profissões obtidas pela análise da Entrevista, e as categorias Objetos e Ambientes de Trabalho (Jogo); **Significado da Profissão/trabalho** (questionário), envolvendo a categoria Lazer (entrevista) e as categorias Retorno, Rotina e Atividades de

trabalho (Jogo); e, **Relação Profissão X Estudo** (questionário), envolvendo as categorias Experiências de trabalho e Relações com o Estudo (entrevista).

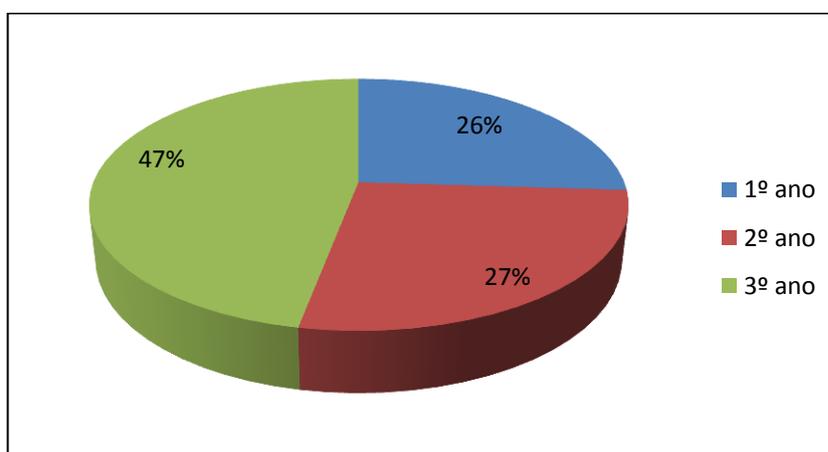
Ao apresentar os dados, é importante enfatizar que a referência às falas dos adolescentes que participaram da etapa qualitativa da pesquisa é apontada por nomes dos personagens da obra literária “O Sítio do Pica Pau Amarelo”. Trata-se de uma homenagem a Monteiro Lobato, que é natural de uma das cidades onde se deu este estudo. Os sujeitos do gênero feminino são denominados por Narizinho, e os do masculino, por Pedrinho. Assim, garante-se o sigilo dos sujeitos de pesquisa.

4.1 Caracterização sociodemográfica – *Quem fala?*

Inicia-se a apresentação dos dados, bem como suas discussões, a partir da caracterização da amostra, partindo da descrição dos dados quantitativos relativos às distribuições dos sujeitos quanto à série escolar, características de gênero, idade, renda familiar e escolaridade dos pais. Foram pesquisados cerca de 500 estudantes, sendo considerada para apresentação dos resultados a amostra de 471 estudantes do Ensino Médio de escolas públicas de duas cidades da Região Metropolitana do Vale do Paraíba Paulista. A Figura 6 apresenta a distribuição de estudantes por ano escolar.

Identificou-se maior número de estudantes na região urbana (75%), e esse dado é evidenciado pelo INEP (2014) em relação ao número de matrículas nesses municípios. Em ambos os municípios o número de estudantes em região rural é, em média, 6% do número de estudantes das escolas da região urbana.

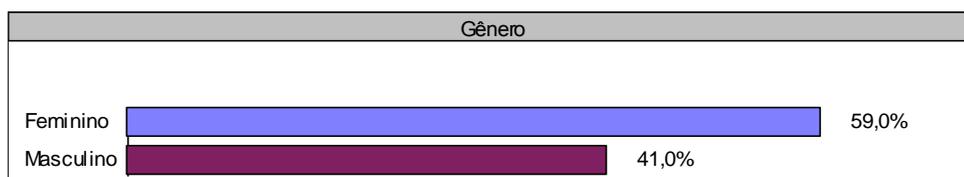
Figura 6 – Distribuição de estudantes por ano letivo



Fonte: Elaborado pela autora

Em relação ao gênero, 59% são mulheres, e 41%, homens, conforme demonstrado na Figura 7. Esses dados confirmam quadro nacional apontado pelo IBGE (2010), no qual a porcentagem de mulheres no ensino médio é de 53,8%, e a de homens, 46,1%. Comparando dados de 2000 a 2010, houve aumento da frequência escolar feminina de 9,8%, em relação à masculina (PORTAL BRASIL, 2014). Esses dados também foram identificados por Ferreira (2014), que pesquisou população dessa faixa etária em cidade localizada na mesma região deste estudo.

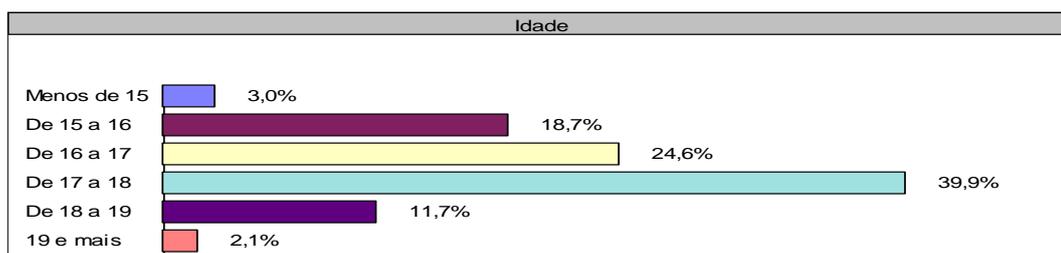
Figura 7 – Distribuição dos estudantes estudados por gênero



Fonte: Elaborado pela autora

No que se refere à idade, os sujeitos têm entre 14 e 20 anos, sendo a média de 16,59 anos, e o desvio padrão, 1,06. Foram identificados 6 grupos de faixa etária: 44,2% estão com 17 anos, seguido por 22,7% com 16 anos, 16,3% com 15 anos, 13% com 18 anos, 1,4% com 14 anos e 1,2% com idade entre 19 e 20 anos. Considerando que o maior número de estudantes pesquisados cursa o 3º ano (53%), é pertinente, o maior percentual na faixa etária de 17 anos. Esses dados estão demonstrados na Figura 8.

Figura 8 – Distribuição dos estudantes estudados por idade



Fonte: Elaborado pela autora

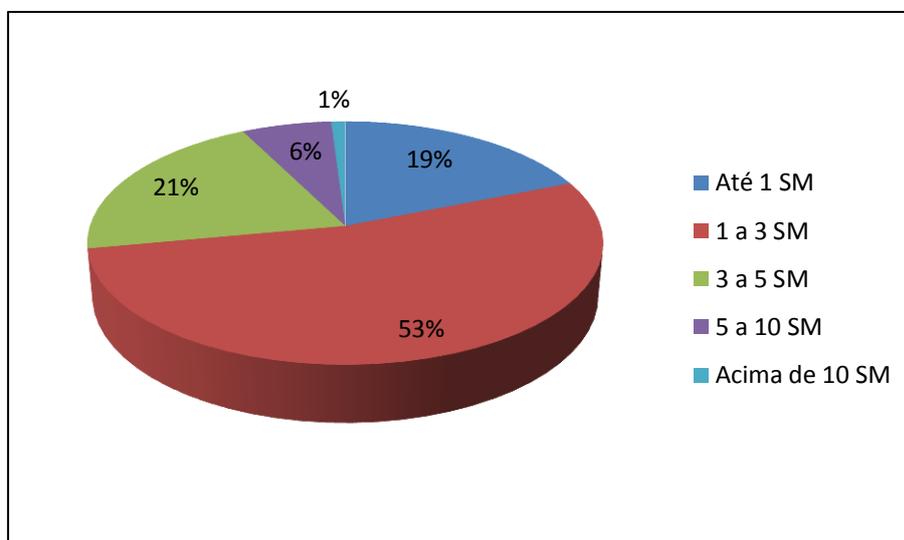
Em relação ao indicador “Distorção idade-série” acompanhado pelas normativas educacionais, tem-se como meta diminuir essa distorção, possibilitando aos jovens que, além de ingressarem no sistema educacional, finalizem o programa nas faixas etárias esperadas. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Nº 9.394/96, o Ensino Médio é destinado aos jovens de 15 a 17 anos. Com idade superior (2 anos) no Ensino Médio, os

jovens são considerados como estando em distorção idade-série. Esse índice é medido pelo INEP (2015) e se aplica aos demais níveis da educação básica.

Os dados de 2014 do referido órgão revelam que no Brasil a taxa de distorção idade-série foi de 28,2%. Nas cidades pesquisadas neste estudo, a média foi de 16,7% (INEP, 2015). Somando as idades acima de 17 anos, o índice foi de 14,2%, ainda abaixo dos dados apontados. Esses resultados estão coerentes com o próprio índice do IDHM (2015), que em ambas as cidades teve seu melhor desempenho na área da Educação.

Investigados os aspectos relacionados à configuração familiar, 98,8% são solteiros, 0,5% são casados e 0,7% vivem maritalmente. Em relação ao tipo de moradia, 75,7% informam que residem em casa própria, 13,9%, em casa alugada, 9,7%, em casa emprestada, e 0,7% não responderam. Quanto à renda familiar informada, 52,7% apontam ser entre 1 e 3 salários mínimos (SM), 20,3%, entre 3 e 5 salários mínimos, 18,7%, até 1 salário mínimo, 6,4% entre 5 e 10 salários mínimos, 0,9%, acima de 10 salários mínimos, e 0,9% não responderam (ver Figura 9). Quanto ao aspecto Trabalho, 62% dos participantes não trabalhavam no momento da participação no estudo, e 52% nunca haviam trabalhado.

Figura 9 - Renda familiar

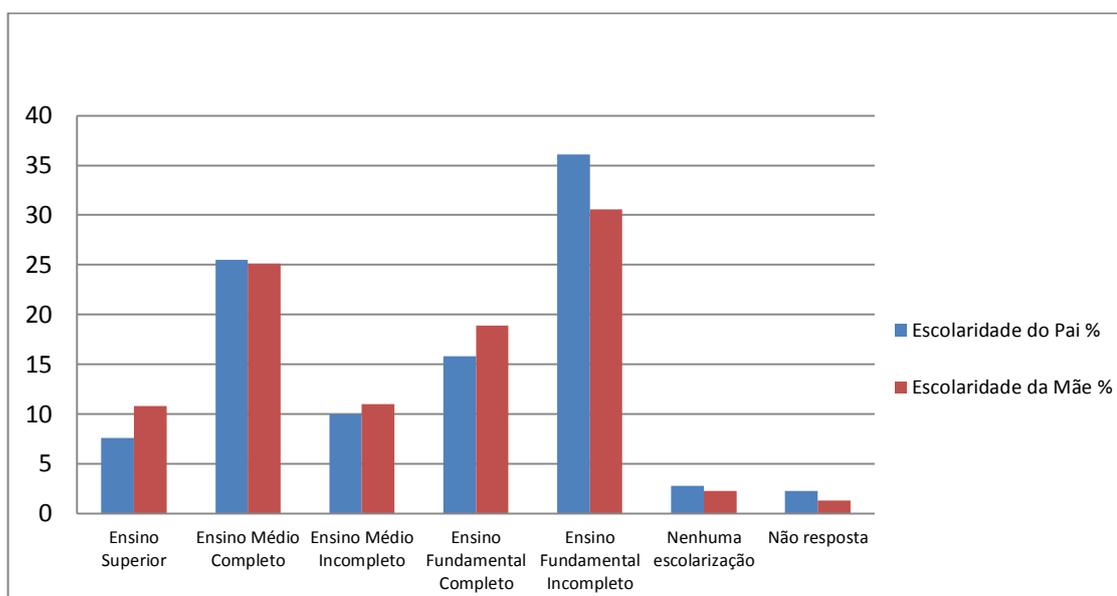


Fonte: Elaborado pela autora

Quanto à caracterização do grau de escolaridade dos pais e/ou responsáveis pelos jovens (Figura 10), o maior porcentual, tanto em relação à escolaridade do pai, quanto à da mãe, é referente ao Ensino Fundamental incompleto (36,1% em relação ao pai e 30,6% em relação à mãe). Entretanto, o grau de escolaridade da mãe revela maiores índices em relação aos anos de escolaridade mais elevados. Esses dados corroboram estudos anteriores, que

apontam essa diferença (DIAS, 2013; FERREIRA, 2014), e vão ao encontro dos resultados do Censo 2010. As mulheres apresentam melhor nível de instrução, em relação aos homens. No Ensino Médio completo e no Superior incompleto, homens, 24,1%, e mulheres, 25%; no Superior completo, homens, 9,95%, e mulheres, 12,5% (IBGE, 2010).

Figura 10 – Distribuição dos participantes pelo grau de escolaridade dos pais



Fonte: Elaborado pela autora

Considerando os itens referentes à renda familiar e ao grau de escolaridade dos familiares, mais de 50% dos jovens pesquisados encontram-se na classe social D, de acordo com o Critério Brasil (ABEP, 2015), e nível socioeconômico (NSE) médio-baixo (ANUÁRIO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO BÁSICA, 2017).

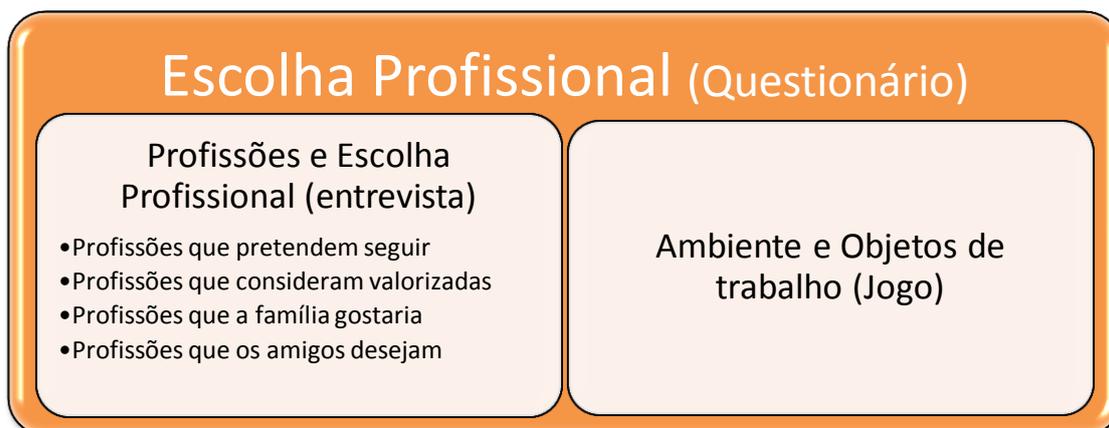
Conclui-se que: os sujeitos pesquisados estão em sua maioria nos anos escolares próprios das suas faixas etárias; as famílias, em sua maioria, recebem entre um e cinco salários mínimos; moram em residências próprias, sendo em número menor os aluguéis ou as casas cedidas. Na sua maioria, os sujeitos nunca haviam trabalhado e/ou não trabalhavam no momento da realização do estudo, se for considerado o trabalho remunerado. Quanto ao grau de escolaridade dos responsáveis, o maior número apresenta Ensino Fundamental incompleto. Não é objetivo neste estudo, comparar os resultados dos sujeitos provenientes de escolas do campo e da cidade, entretanto é importante destacar que, no tange os dados de caracterização sociodemográfica, não se identificaram diferenças significativas.

Estando caracterizada a amostra, passa-se a discorrer sobre os dados conforme os blocos de análises já descritos, quais sejam: Escolha Profissional, Significado da Profissão/trabalho e Relação Profissão X Estudo.

4.2 Escolha Profissional

O bloco de análise Escolha Profissional foi elaborado a partir das questões 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 14 do Questionário que abordam os aspectos considerados relevantes na escolha de uma profissão. Estão reunidos os conteúdos, identificados na entrevista, referentes às categorias Profissões e a Escolha Profissional, e as categorias Ambiente de trabalho e Objeto de trabalho do Jogo Critérios para escolha profissional. A Figura 11 ilustra os itens analisados.

Figura 11 - Categorias consideradas no bloco de análise “Escolha Profissional”



Fonte: Elaborado pela autora

Os discursos das classes identificadas nas entrevistas contêm elementos que indicam quais profissões os jovens pretendem seguir, as mais valorizadas por eles, as que a família gostaria que exercessem e as que os amigos pretendem seguir. Identificaram-se também quais aspectos ajudam no momento da escolha.

As escolhas profissionais que os jovens pretendem seguir coincidem com as profissões que eles consideram valorizadas, e fazem parte de atividades de nível de formação superior que envolvem pessoas, saúde e educação. Dentre as mais citadas, destacam-se: medicina, psicologia, administração, engenharia, veterinária, professor (magistério), direito. Apontar como possíveis opções profissões que consideram valorizadas sugere que os sujeitos da

pesquisa buscam a valorização como profissionais e como pessoas. É importante destacar que esses discursos foram expressos por jovens provenientes de escolas, tanto do campo, quanto da cidade.

Associando esse resultado à história das profissões, percebe-se que atividades de formação acadêmica eram consideradas de maior valor, conforme descreve Dubar (2005), em detrimento dos “ofícios”, relacionados às atividades mecânicas e braçais. Esse valor destinado aos diferentes segmentos profissionais é transmitido nos dias atuais, atrelado à ligação dessas profissões com o desenvolvimento tecnológico na busca de inovação. Dessa forma, a formação no Ensino Superior passa a ser um importante critério de seleção, atendendo às necessidades de um contexto que valoriza as informações e os conhecimentos como ferramentas que ajudam a manter a competitividade no mercado de trabalho.

Essa ênfase é observada no Brasil, de acordo com Barbosa (1998) e Barbosa e Santos (2011), desde o início do século XX, na atuação dos médicos sanitaristas. No decorrer do século, estendeu-se às demais profissões, como engenharia, arquitetura e direito. Foi intensificado no final do mesmo século, com o aumento da população no Ensino Superior, um critério de grande importância nos processos seletivos empresariais. Esse critério continua sendo disseminado como condição básica para o exercício de atividades que oferecem melhores condições remuneratórias.

Nos *sites* destinados aos temas do mundo do trabalho e em revistas especializadas, além de número significativo de títulos, encontram-se listas de características, conhecimentos e comportamentos que são tidos como essenciais e necessários para que o indivíduo possa fazer parte do mundo atual. A formação técnica, formal, é considerada essencial, sendo critério de exigência para participar de processos seletivos no meio profissional.

Neste sentido, as representações sociais mostram-se ancoradas nas informações acerca de atividades valorizadas, tanto socialmente, quanto financeiramente, e como importantes elementos na própria empregabilidade – ter uma profissão significa exercer uma atividade com formação superior, reconhecida, que possibilite agregar valor ao social. Esses conteúdos são encontrados nos discursos dos sujeitos entrevistados, isto é, alunos do Ensino Médio.

Analisando os efeitos dos contextos de comunicação, é possível destacar o processo de difusão de informações como elemento na elaboração das representações sociais. Por meio deste processo, as mensagens sobre o objeto ocorrem de forma indiferenciada, uma vez que são ignoradas as diferenciações sociais (VALA, 2000). Em outras palavras, as informações acerca das profissões ditas valorizadas e que possibilitam melhoria da condição social são disseminadas de forma geral, independentemente de o jovem ser da área urbana ou rural.

Outro aspecto identificado no discurso dos sujeitos é a motivação em exercer uma atividade que possibilite ajudar pessoas, fazer o bem, fazer a diferença, ensinar, trabalhar com pessoas, com crianças e em organizações não governamentais (ONG). A seguir, trechos de entrevistas com esse conteúdo.

Poder ajudar pessoas. Às vezes a gente vai ao hospital e falam que não tem profissional qualificado. Eu quero fazer medicina e ajudar as pessoas (Narizinho3, 15 anos).

Queria muito ajudar os outros, primeiramente. Uma vontade que eu tenho é poder fazer o bem pra quem precisa. Psicólogo eu acho que entende, não pensa só em si mesma. Queria poder entender os outros. Poder conversar com as pessoas (Narizinho2, 15 anos).

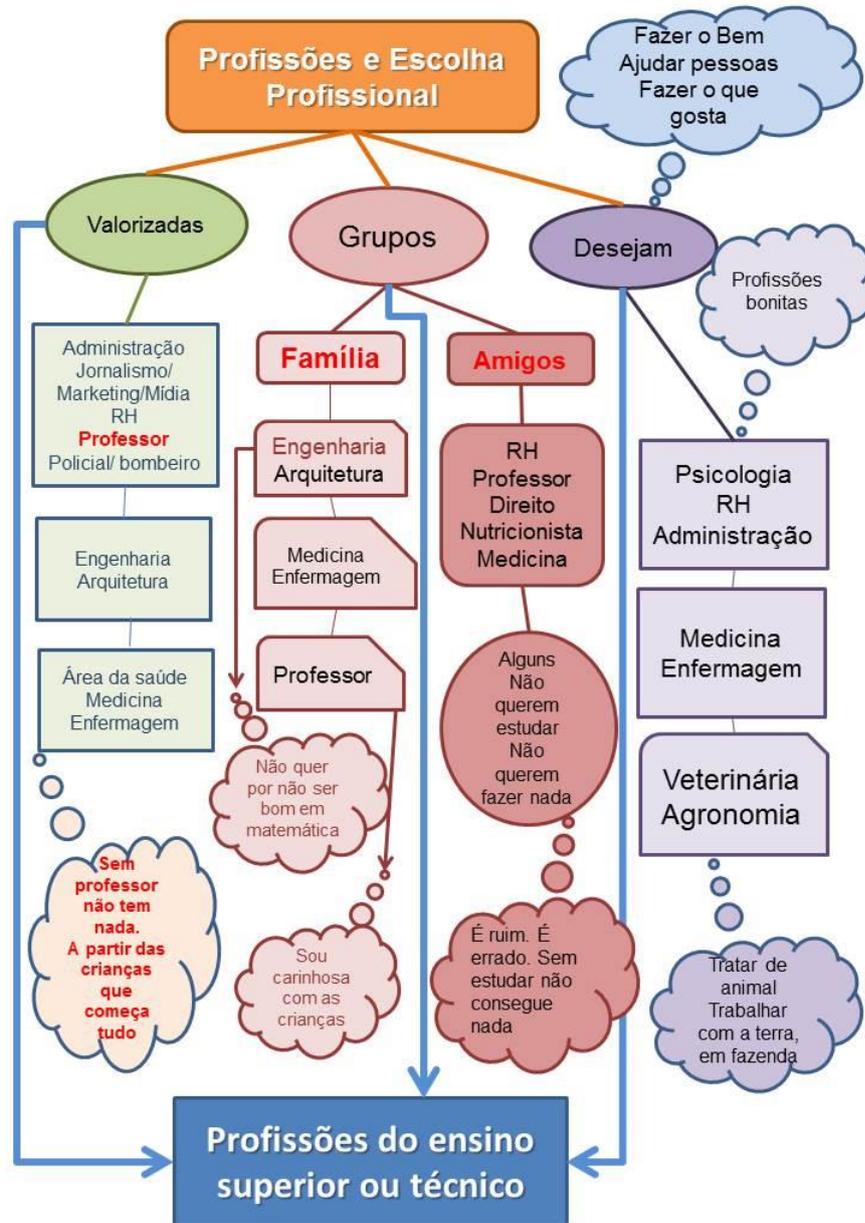
Como eu quero reprodução e Cunha está desenvolvendo a parte de pecuária, eu penso que se desenvolver um gado, Cunha pode ser uma referência, melhorando a qualidade do rebanho e a cidade ser uma referência (Pedrinho1, 17 anos).

Os discursos característicos das categorias Escolha Profissional e Profissões estão demonstrados graficamente, na forma de Mapa Conceitual, conforme Figura 12. Entre as profissões que os jovens identificam como valorizadas, ser professor é referido como importante atividade na formação das demais profissões. Ainda sobre essa atividade profissional, há referência ao grupo de pertença, sobre a habilidade com crianças ser indicativo de poder seguir essa profissão, isto é, ser professor vincula-se à questão de gostar de crianças.

No mapa conceitual, esses discursos estão inseridos nos textos explicativos em forma de desenho de nuvens. Nesse formato estão destacadas também as crenças sobre a relação entre as profissões de engenharia e a matemática. Neste sentido, a sugestão da família em relação a essas atividades não é aceita de pronto. Outro aspecto ilustrado é a crença sobre a relação entre o estudo e as conquistas (ascensão social), uma vez que consideram como aspecto negativo o fato de alguns amigos não desejarem continuar os estudos após o término do Ensino Médio.

As informações sobre profissões e o mundo do trabalho, mesmo disseminadas em diferentes espaços e campos de saberes, são amplas, causando a incerteza e a busca pela construção do conhecimento para esses jovens. Tem-se, dessa forma, a dispersão da informação - dimensão da informação, enquanto característica do objeto de Representações Sociais (CHAMON; CHAMON, 2007; MOSCOVICI, 2012).

Figura 12 – Mapa conceitual das categorias Profissões e Escolha Profissional



Fonte: Elaborado pela autora

Diante da incerteza, a focalização se dá no posicionamento que revelam ao atribuir valor às profissões com formação no Ensino superior ou técnico. Apoiam-se nas informações divulgadas em diferentes canais de informações (televisão, redes sociais, revistas), acerca da importância da formação na construção de projeto de vida profissional, principalmente no que tange a ascensão social. No entanto, nem sempre, atualmente, a formação superior em uma determinada área é sinônimo de ascensão social.

Identificadas as condições necessárias que configuram a construção de uma Representação Social, a escolha profissional se dá a partir dessas representações, que

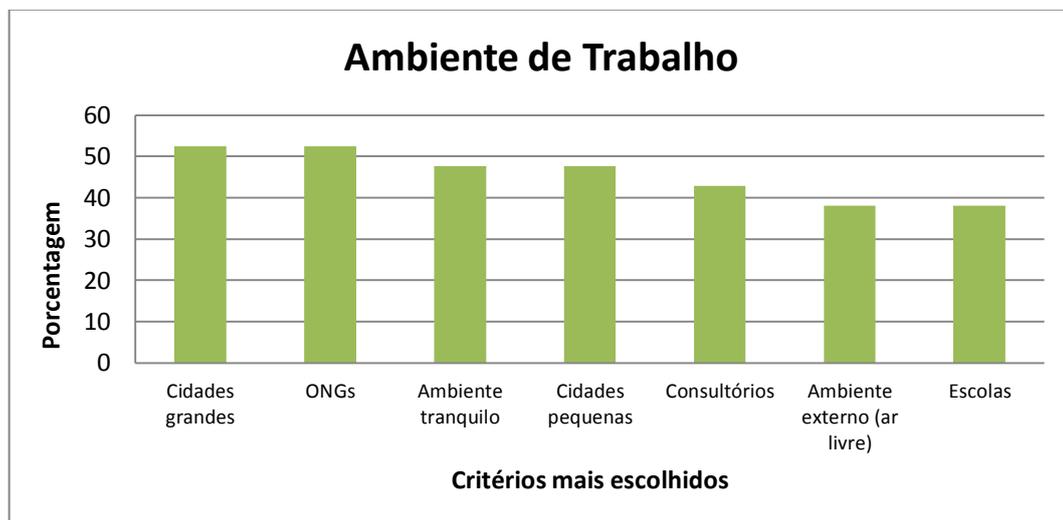
influenciam as decisões acerca dos caminhos profissionais idealizados. É nessa direção, da idealização, que se observam as decisões tomadas em relação à escolha profissional,

Outras profissões apontadas, como bombeiro, professor, policial, são essenciais em uma sociedade, mas nem sempre valorizadas financeiramente. O que se valoriza nessas atividades são os papéis desempenhados na sociedade – segurança e educação, e a vontade de fazer diferença no ambiente em que se vive.

Em contrapartida, tem-se a área de saúde (medicina, enfermagem), e a área de exatas (engenharia, arquitetura) como valorizadas, o que vai ao encontro das RS que ao longo do tempo também as valorizaram, tanto social quanto financeiramente (DUBAR, 2005). As expectativas familiares vão ao encontro do que se construiu socialmente como atividades cujo valor simbólico persiste nos dias atuais, quais sejam: direito, medicina, engenharia.

O conteúdo identificado nos resultados do jogo Critérios para a escolha profissional (NEIVA, 2008), conforme a Figura 13, demonstra que os Ambientes de Trabalhos que os jovens gostariam de ter na profissão estão relacionados a atividades voltadas ao atendimento de pessoas, como Organizações não governamentais (ONGs), consultórios, escolas, tanto em cidades grandes quanto em cidades pequenas.

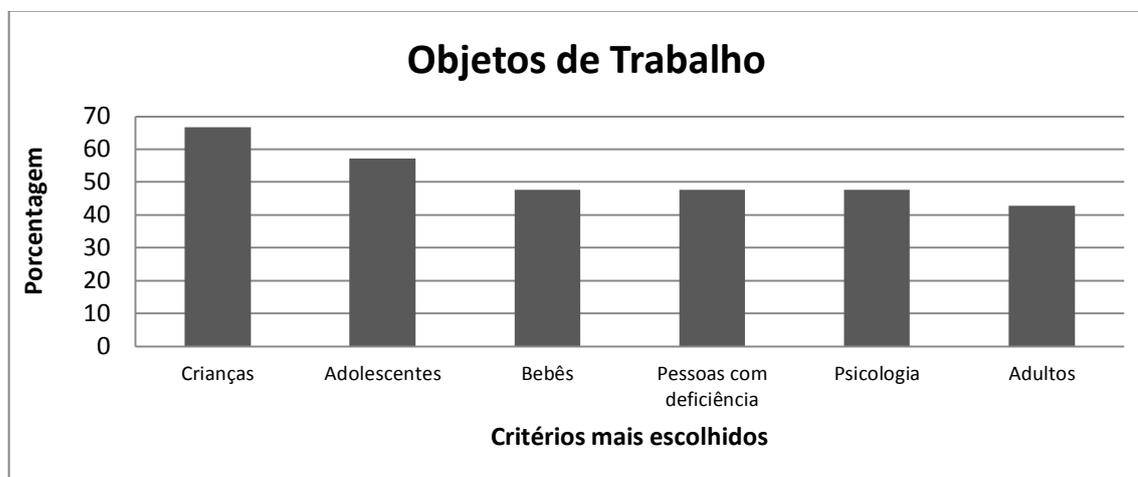
Figura 13 – Ambiente de trabalho mais escolhidos no jogo Critérios para a escolha profissional (NEIVA, 2008)



Fonte: Elaborado pela autora

Os Objetos de trabalho mais escolhidos envolvem pessoas, conforme demonstrado na Figura 14. Esses resultados confirmam os discursos apresentados durante as entrevistas.

Figura 14 – Objetos de trabalho mais escolhidos no jogo Critérios para a escolha profissional (NEIVA, 2008)



Fonte: Elaborado pela autora

Desenvolver uma atividade que contribua com o desenvolvimento de pessoas e da própria comunidade são conteúdos considerados relevantes para os jovens pesquisados. Esses resultados vão ao encontro dos estudos que apontam a preocupação dos jovens com o compromisso social da profissão, e enfatizam a coletividade. Trata-se, de acordo com os estudos geracionais, de característica da juventude moderna, apesar das descrições de perfis individualistas relacionados às gerações mais novas (VALORE; CAVALLET, 2012).

As motivações relacionadas a ajudar pessoas, a fazer o bem, podem ser compreendidas numa perspectiva normativa. Assim, acredita-se que a norma de responsabilidade social ajuda a explicar as representações dos jovens. Essa norma estabelece que os indivíduos devem ajudar outros que dependam deles, associada a uma disposição a ajudar pessoas percebidas como semelhantes (MICHENER; DELAMATER; MYERS, 2005). Os jovens idealizam profissões que proporcionarão melhoria econômica, financeira, dando-lhes condições de ajudar pessoas que se encontram em situação desfavorável, percebida como similar àquela em que atualmente se encontram.

Neste sentido, o estudo desenvolvido por Faria e Guzzo (2007) pode confirmar essa tendência. Buscando identificar as RS de profissão, observaram que, em comparação entre estudantes do ensino privado e público, o grupo da escola pública mostrou conceito de profissão no sentido solidário, uma vez que tem interesse em um mundo melhor. Em contrapartida, para os estudantes do ensino privado o interesse está voltado às suas próprias necessidades.

Na perspectiva que aborda o desenvolvimento moral, essas motivações podem ser explicadas pelos pensamentos, comportamentos e sentimentos do que seria certo ou errado, identificado na fase da adolescência (SANTROCK, 2014).

À pergunta “O que você gostaria de fazer após concluir o ensino médio?”, as respostas revelam o desejo de continuar estudando e frequentar um curso de nível superior. Seguem algumas falas que ilustram as opções dos jovens:

Fazer veterinária ou agronomia, em Lavras ou Viçosa. Já tenho amigos que fazem lá, e são faculdades públicas (Pedrinho1, 17 anos).

Fazer medicina veterinária. Eu estou fazendo curso de auxiliar veterinário, ano que vem acaba o curso e já quero começar a trabalhar (Pedrinho2, 15 anos).

Faculdade de educação física – gosto de esporte, sempre gostei (Narizinho4, 17 anos).

Tentar procurar algum curso pra fazer e estudar, porque eu quero fazer medicina de faculdade e como é super difícil tem que estudar bastante (Narizinho3, 15 anos).

Conforme já ilustrado na Figura 12, Agronomia e Veterinária são justificadas pelos estudantes de escolas da área rural como possibilidade de atuar com animais, com a terra, revelando o desejo de melhorias pessoais e de colaborar no desenvolvimento do entorno. Há que se destacar que essas profissões foram também citadas por estudantes de escolas da área urbana.

Confirmando os dados sobre as profissões que desejam seguir, esses resultados revelam a valorização do estudo. Assim, são tratados também no bloco de análise “Relação Profissão X Estudo. Nesse aspecto, o discurso de valorização do estudo e da formação como condição para o próprio desenvolvimento mostra-se representacional na medida em que reproduz o conteúdo que é disseminado no contexto educacional e de trabalho, e referente também à inserção no mercado.

Esse conteúdo é compartilhado pelo grupo de estudantes, e não se identificaram diferenças em função da região em que esses estudantes estão. Em ambos os espaços, campo e cidade, os jovens revelaram a expectativa de manter as atividades de estudo como forma de obter melhores condições e de garantir possibilidades de inserção no mercado de trabalho.

Quanto aos amigos, as profissões apontadas coincidem com as opções já feitas por eles próprios, tais como: direito, engenharia, medicina, docência. Nos discursos dos jovens, nota-

se a valorização de aspectos pessoais relacionados a fazer aquilo de que se gosta, como determinantes no processo de decisão para a continuidade dos estudos.

Escolhem coisas que eles vão se dar bem. Seguir na área que eles gostam. Tem amigos que querem ser professor (Narizinho1, 17 anos).

Eles vão seguir o que amam, o que eles querem, que se sentem bem (Narizinho5, 19 anos).

Alguns falam que vão seguir área militar, outros, arquitetura, medicina, engenharia (Pedrinho2, 15 anos).

Eles dizem que é um sonho também fazer medicina. Tem uma amiga que quer ser advogada. Os outros quase não falam nada (Narizinho2, 15 anos).

Os resultados obtidos por meio do questionário, a partir das questões que tratavam dos elementos a serem considerados ao decidir qual atividade seguir ao término do Ensino Médio, estão demonstrados na Tabela 1. Essas questões permitiram investigar os conteúdos representacionais referentes à posição específica do grupo em relação ao objeto (focalização).

Tabela 1 - Resultado das questões que investigaram aspectos individuais na escolha profissional

Questões	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Não responderam
	%	%	%	%
Saber o que gosta é importante	96,5	2,4	1,2	0
Informações sobre profissões ajudam a decidir	96,2	2,8	0,7	0,2
Seus talentos ajudam na escolha	89,1	9,5	1,4	0
Ter planos futuros ajuda a definir a escolha	63,8	24,3	11,8	0
Escolher a profissão de alguém que admira	62,1	24,8	12,8	0,2

Fonte: Elaborado pela autora

Os resultados apontam que o elemento mais importante para os sujeitos é saber de que gosta para poder decidir por uma determinada profissão. Somando respostas de concordância (concordo e concordo totalmente), 96% consideram esta variável importante, seguida dos itens como ter informações sobre profissões que possibilitem o desenvolvimento de seus talentos e habilidades.

Esses resultados vão ao encontro dos dados identificados nos trabalhos de Frozino (2006), Marcelino, Catão e Lima (2009) e Conde (2012), que revelaram a busca dos jovens por profissões que possam desenvolver suas habilidades, considerando a necessidade de gostar da profissão escolhida. Conforme Faria e Guzzo (2007), o conceito de profissão para estudantes do Ensino Médio está relacionado ao estilo de vida, e neste sentido pautam suas escolhas por profissões que imaginam ser próximas dos jovens.

Esses dados tornam-se coerentes com a concordância sobre a importância de ter informações sobre as profissões no processo de decisão sobre qual atividade seguir. Entretanto, essas informações, absorvidas nos diferentes espaços midiáticos, podem ser imprecisas, e a escolha por seguir esta ou aquela profissão pode pautar-se em representações fantasiosas.

“Saber o que gosta é importante” é um elemento valorizado também na abordagem sobre empregabilidade, constituindo um tema tratado amplamente entre os jovens.

Entre os pilares da empregabilidade, valoriza-se a responsabilidade pelo próprio projeto de vida. Assim, o jovem deve desenvolver atividades de acordo com suas habilidades, além de uma multiplicidade de competências para solucionar diferentes problemas e tornar-se atrativo ao mercado de trabalho (MINARELLI, 2010).

Nota-se, nos discursos dos jovens, que suas opções coincidem com os desejos dos pais. Acreditam que seus pais desejam que eles façam aquilo de que gostam.

Eu acho que eles vão querer que eu faça o que eu gosto. O que me dá prazer (Narizinho3, 15 anos).

Meu pai queria que fosse engenheiro, mas não gosto de matemática (Pedrinho4, 15 anos).

Minha mãe apoia que eu faça medicina (Pedrinho2, 15 anos).

O sonho do meu pai é ver a gente (eu e minha irmã) estudando na área de agronomia ou veterinária. Eu gosto também (Pedrinho1, 17 anos).

Os discursos dos jovens revelam suas crenças quanto à preocupação da família com a questão econômica, considerando seguir profissões que possibilitem retorno financeiro satisfatório.

Minha mãe fala pra fazer alguma coisa que te dê dinheiro, mas nem tudo que dá dinheiro é bom. Quero fazer algo que eu goste e, se der dinheiro, melhor ainda (Narizinho6, 16 anos).

Meus pais falam que tenho que fazer algo que eu goste e que dê dinheiro também (Pedrinho5, 17 anos).

Conhecer suas próprias habilidades e saber sobre as atividades que envolvem uma determinada profissão são conteúdos identificados nos discursos dos jovens:

Pensar muito sobre o que quer fazer. Saber sobre a profissão pra saber se é aquilo mesmo (Narizinho3, 15 anos).

Eu tenho que gostar. Se não fizer porque eu gosto vai ser uma coisa chata, por obrigação, e isso não é legal (Narizinho1, 17 anos).

Fazer uma coisa que gosta. Se você gostar do que faz, você consegue tudo (Pedrinho1, 17 anos).

Acho que ou você faz o que ama ou aprende a amar o que faz (Narizinho5, 19 anos).

O grau de importância atribuído ao saber sobre si (saber de que gosta) e às atividades que possam desenvolver suas habilidades é permeado pela questão identitária – saber de que gosta. Diz respeito a saber quem é e quais são suas qualidades. Além disso, questionar-se: o que me realiza? O saber sobre o externo (informações sobre as profissões), na medida em que são necessárias comparações com suas qualidades e anseios, também permeia a questão relacionada ao fato de o sujeito compreender quem é e definir para onde vai.

A construção identitária permeia esses aspectos na medida em que está vinculada às formas de identificação pessoal socialmente identificáveis. A identidade que se constrói ao longo da infância é reconstruída no decorrer da vida, na interação com o outro. Dessa forma, a construção identitária é produto de sucessivas socializações, e o contexto profissional é relevante, nesse processo (DUBAR, 2005).

Esses resultados revelam a relação com o trabalho no sentido de proporcionar, não apenas uma atividade que possibilita o sustento primário e a sobrevivência, mas também um caminho para desenvolvimento, crescimento, aprendizagem e realização. Esse aspecto vem ao encontro do que Antunes (2010, p. 653) aponta como uma mudança necessária na construção “de vida com significado”, com atividades voltadas essencialmente às necessidades humanas e sociais.

Diz respeito também ao que Erikson (1987) aponta sobre a percepção do jovem frente à escolha de uma profissão com significado que exceda a questão de remuneração e que esteja relacionada com a construção de uma identidade ocupacional.

Esse caminho, da construção identitária, de conhecimento sobre si mesmo, envolve o saber sobre o outro. Pode-se buscar na Teoria de Atribuição a compreensão desses resultados. A teoria explica as estratégias que o indivíduo utiliza para inferir as causas e as razões de seus comportamentos e dos outros. O processo de atribuição possibilita ao sujeito ter domínio (ainda que ilusório) sobre seu meio (DECHAMPS; MOLINER, 2014).

Esse enfoque teórico tem início com Heider, que desenvolveu estudos mostrando que os sujeitos utilizam o raciocínio de senso comum, a partir de suas crenças, para compreender as causas dos comportamentos de si e dos outros (MICHENER; DELAMATER; MYERS, 2005; FERREIRA, 2002). Estudos desenvolvidos nas décadas de 1970 e 1980 enfatizaram a distinção entre causalidade interna e externa, a auto e heteroatribuição e as dimensões sociais da atribuição.

Os fatores determinantes de atribuições externos ou internos merecem atenção, uma vez que o tipo de atribuição terá consequências sobre os comportamentos futuros, pois dependem da percepção das pressões do ambiente, do meio. A atribuição interna (disposicional) diz respeito à tendência de se considerarem os comportamentos e acontecimentos como resultantes de aspectos internos e, dessa forma, com a possibilidade da liberdade de escolha (mesmo que ilusória) pelo sujeito (DECHAMPS; MOLINER, 2014).

Na atribuição externa (situacional), as causas do comportamento estão relacionadas ao ambiente externo ou ao contexto da situação, isto é, estão fora do controle do sujeito (DECHAMPS; MOLINER, 2014; MICHENER; DELAMATER; MYERS, 2005).

Quando se identifica que há superestima na importância dos fatores internos em detrimento dos externos, os autores nomeiam esse viés no processo de atribuição de “erro fundamental de atribuição” (DECHAMPS; MOLINER, 2014; MICHENER; DELAMATER, MYERS, 2005)

Como desdobramento desse viés, a Norma de Internalidade explica como as causas internas são mais valorizadas do que as explicações ou fatores situacionais ou socioestruturais (VALA, 2000). Dechamps e Moliner (2014) observam que a norma de um grupo social é pautada por uma norma social de julgamento, por meio da qual os indivíduos que dão explicações internas aos próprios comportamentos são avaliados positivamente pelo grupo.

Ao verbalizar que é importante, ao escolher uma profissão, considerar aquelas atividades das quais se gosta, os jovens pesquisados fazem uso de atribuição interna, o que lhes possibilita liberdade de escolha, ainda que relativa.

Os sentimentos de autonomia e de ser valorizado por se responsabilizar pela escolha justificaria esses resultados, isto é, privilegia-se a norma interna de atribuição, colocando em prática o sujeito como o responsável pelo seu futuro.

Nessa vertente, como características da adolescência Erikson (1987) destaca a preocupação que os jovens têm com as opiniões dos outros. Aponta também sua preocupação em associar as aptidões desenvolvidas, até o momento, com possibilidades futuras, e buscam liberdade de escolha.

Nos ambientes de trabalho, a partir das alterações ocorridas em meados das décadas de 1970 e 1980, relacionadas à forma de abordar a construção de carreira, o posicionamento tem sido de buscar indivíduos com perfis que denotem competências, inovação e empreendedorismo pessoal (DUTRA, 2007). Os jovens deste estudo parecem posicionar-se como atores, nas suas escolhas, muito embora não se aborde carreira, neste estudo.

Nota-se que desconsideram as dificuldades que teriam para seguir determinadas profissões, por exemplo, medicina. Esses jovens são oriundos de escolas públicas, e seu poder aquisitivo, na maioria, está na classe social D. Seria difícil para eles manter-se em um curso privado, e nas universidades públicas a concorrência é muito grande. Assim, boa parte dos cursos escolhidos seriam difíceis de serem custeados. Essa idéia de que eu posso, eu sou responsável, vem dessa norma de internalidade, tão valorizada nos dias atuais.

Paralelamente, os contextos sociais estão sendo marcados pela diversidade das oportunidades profissionais; assim, intensifica-se a exigência do posicionamento das pessoas diante do mercado de trabalho. À disseminação da ideia de que as pessoas podem e devem definir seu próprio futuro soma-se a valorização social em relação à busca constante pelo crescimento e desenvolvimento, em conjunto com mobilidade, flexibilidade e busca por oportunidades que atendam aos desejos e anseios pessoais (DUTRA, 2007).

Esses conteúdos circulam fortemente nos ambientes de formação, entre os jovens que se veem em momentos de escolha. As representações sociais que elaboram sobre escolher uma atividade de que gostem e na qual se realizem, tanto no aspecto financeiro e material quanto no pessoal, torna-se um caminho almejado.

Outra possibilidade para o entendimento desses resultados são as teorias relacionadas às diferenças geracionais, que destacam, entre as características dos jovens das gerações Y e Z, a importância que atribuem ao próprio prazer. Os conteúdos representacionais identificados neste estudo vão ao encontro dessas características apontadas para essa faixa etária. Estudos nacionais apontam que as gerações mais novas valorizam o aprendizado e o desenvolvimento, buscando identificação com o trabalho e equilíbrio entre vida pessoal e profissional (SILVA, 2013).

Neste sentido identifica-se, tanto a dimensão informativa das representações, que diz respeito às informações que circulam nos meios de comunicação, quanto a dimensão no campo da representação – que é a posição do grupo mediante os conteúdos formulados sobre o objeto. Bom nível de empregabilidade pressupõe saber o que se quer, desenvolver habilidades e escolher atividades que satisfaçam os próprios anseios.

Quanto às influências dos grupos sociais, a profissão dos pais e as escolhas dos amigos mostraram-se menos significativas, visto que 74,7% (somando as respostas de discordância) discordam que esses fatores sejam relevantes na sua própria escolha. Consideram a opinião dos professores mais relevantes, em comparação à dos pais e dos amigos, conforme demonstrado na Tabela 2.

No estudo de Audi (2006), verificou-se que jovens de escolas públicas buscavam profissões que possibilitassem melhorias na sua condição econômica, geralmente diferentes das profissões exercidas pelos pais/responsáveis. Vale lembrar que a população desse estudo é proveniente de escola pública, sendo 52,7% pertencente a famílias com renda mínima abaixo de 3 salários mínimos.

Tabela 2 - Resultado das questões que investigaram as influências dos grupos sociais na escolha profissional

Questões	Concordo	Nem concordo nem discordo	Discordo	Não responderam
	%	%	%	%
PROFESSORES				
A opinião dos professores é importante	35	34	31	0
FAMÍLIA				
A opinião da família é importante	25	29,5	45,3	0,2
Ter a mesma profissão dos pais	6,8	21,9	71,3	0
AMIGOS				
Saber a escolha dos amigos é importante	9,5	20,6	69,9	0

Fonte: Elaborado pela autora

Numa perspectiva sociológica, o baixo índice de jovens que concordam em seguir a mesma profissão dos pais sugere desejo de ascensão social. Buscam nos grupos de referência (professores), percebidos como estando em um status superior ao do seu grupo de origem (família), a mobilidade social (DUBAR, 2005).

A análise desses resultados pode se dar também pela compreensão da construção identitária. Nesta, o outro significativo apresenta alterações ao longo do desenvolvimento de crianças e jovens. Discorrendo sobre esse fenômeno, Michener, Delamater e Myers (2005) relatam um estudo com crianças e jovens de 7 a 17 anos, que tinha por objetivo identificar o outro significativo mencionado nas autodescrições. Observou-se que as crianças de 7 anos, em relação a pessoas da família (pais e irmãos), apresentam maior grau de identificação. Esse resultado apresenta-se invertido, aos 17 anos, quando a identificação com os professores e amigos torna-se maior (MICHENER; DELAMATER; MYERS, 2005).

Segundo Erikson (1987), destaca-se ainda que, como forma de se diferenciar da identidade infantil, os jovens tendem a rejeitar os pais e voltam-se para outros referenciais que lhes mostrem ou lhes proporcionem possibilidades futuras.

Os resultados apresentados sugerem que, para os jovens pesquisados, em se tratando da questão relacionada aos aspectos de formação, os professores assumem posição privilegiada, uma vez que representam figuras que propõem diferentes possibilidades a serem percorridas. Assim, a relevância dada a esse grupo de referência destaca-se, em relação ao grupo de pertença.

Apesar de a opinião da família não se caracterizar como mais importante que a dos professores, o discurso apresentado indica que é coincidente com as próprias escolhas dos jovens, pois a família também deseja que seus filhos conquistem melhores condições de vida, tanto material, quanto social e pessoal. A influência do grupo de pertença se dá neste aspecto – de incentivo à ascensão social.

Entretanto, a influência do grupo de referência, os professores, é maior. Esse resultado sugere o grau de relevância que os jovens atribuem às informações no âmbito profissional, conforme já evidenciado na Tabela 1. Os professores podem auxiliá-los no processo de definição dos caminhos profissionais, uma vez que têm informações sobre as diferentes profissões. Assim, a influência está nos conhecimentos desses professores que os jovens julgam ser importantes.

Os resultados tratados neste bloco de análise revelam que as representações sociais elaboradas pelos jovens dizem respeito a realizar atividades profissionais com as quais se identificam. São norteadoras do projeto de vida pautado na construção pessoal, possibilitando o desenvolvimento de suas capacidades e a realização de seus desejos.

Pode-se identificar a ancoragem psicossocial na elaboração dos conteúdos representacionais, uma vez que as informações, compartilhadas entre os jovens e socialmente, destacam a importância de gostar do que faz, mantendo uma relação de satisfação e bem-estar na atividade profissional.

Esses conteúdos também fazem parte das informações que circulam nos meios organizacionais, com ênfase na empregabilidade. Paralelamente, as teorias geracionais enfatizam a busca, pelos jovens, do equilíbrio entre vida pessoal e profissional, estando a segunda em função da primeira.

Na perspectiva da teoria de atribuição, Dechamps e Moliner (2014) explicam que o que determina a atribuição de um comportamento ou fenômeno a causas internas ou externas são as pressões exercidas pelo entorno. No contexto atual, ser responsável pelas próprias

escolhas e definir projeto de vida é valorizado nos contextos sociais, uma vez que se pode ter controle sobre o entorno.

4.3 Significado da Profissão/trabalho

O estudo de Representações Sociais implica a investigação de saberes do cotidiano, num processo relacional envolvendo mundos subjetivos, intersubjetivos e objetivos. Essas dimensões representacionais são variáveis em função dos contextos nos quais são elaboradas, e para compreendê-las é necessário identificar quem, como, por quê e para quê de uma representação (JOVCHELOVITCH, 2011).

Neste bloco de análise estão reunidos dados sobre Significado da Profissão/trabalho, obtidos pelo questionário (questões 15 a 16, 21 a 27, 33, 34 e 36), pela categoria Lazer da entrevista e das categorias de Atividades de trabalho, Rotina de trabalho e Retorno do trabalho do Jogo.

Foi possível verificar as representações que permeiam o que significam, para esses jovens, uma profissão e um trabalho, relacionando por quê e para quê. Esses conteúdos dizem respeito à dimensão no campo da representação, buscando apreender a posição do grupo em relação ao trabalho e profissão, que impacta no processo de escolha profissional. Os aspectos que constituem esse bloco de análise estão ilustrados na Figura 15.

Figura 15: Categorias consideradas no bloco de análise Significado da Profissão/trabalho



Fonte: Elaborado pela autora

A expressão dos saberes cotidianos que constituem as representações circula, tanto nos discursos, quanto nas práticas e nas relações que ocorrem no cotidiano.

Relacionando profissão e trabalho às relações de lazer e familiares, as informações disseminadas pelos meios de comunicações destacam a importância do equilíbrio entre os diferentes aspectos de vida (social, familiar, pessoal e profissional) no contexto da empregabilidade (MINARELLI, 2010).

Relacionado ao contexto familiar, os sujeitos dizem fazer parte de uma estrutura caracterizada como tradicional, isto é, nuclear (pai, mãe, irmãos), conforme evidenciado pelos discursos apreendidos por meio das entrevistas.

Em casa sou eu, meus pais. Minha irmã faz faculdade em Poços de Caldas. A gente tem uma relação boa (Pedrinho1, 17 anos).

Moro com meu padrasto, minha mãe e meu irmão mais novo. No geral, nos damos bem, tem briguinhas, mas normal (Narizinho6, 16 anos).

É uma relação boa, meus pais sempre estão comigo. Minha mãe me ajuda muito (Narizinho7, 15 anos).

A vivência em família fornece apoio e reflete no grau de importância que atribuem a ter uma família estruturada, conforme resultado do questionário (Tabela 3).

Os resultados mostram que mais de 80% dos sujeitos pesquisados atribuem elevados graus de importância a ter família estruturada e estabilidade financeira, e 68% consideram importante ter um relacionamento estável. Esses dados evidenciam a relevância desses aspectos de vida para os sujeitos pesquisados.

Tabela 3 - Resultado das questões que investigaram expectativas futuras

Questões	Importante	Importância Média	Pouca importância	Não responderam
	%	%	%	%
Ter família estruturada	84,3	8,5	7,2	0
Ter um relacionamento estável	68	13,2	17,9	0,9
Ter estabilidade financeira	83,3	11,9	4,5	0

Fonte: Elaborado pela autora

Trazendo as teorias geracionais à discussão, questões relativas ao equilíbrio afetivo e financeiro são valorizadas de forma geral, independentemente de faixa etária (CAVAZOTTE; LEMOS; VIANA, 2012).

Os resultados mostram a dimensão informativa das representações elaboradas, ancoradas nos conteúdos difundidos nos diferentes meios de comunicação que preconizam a valorização da busca do equilíbrio entre aspecto pessoal e profissional. Como função de

orientação de conduta e comunicação, as expectativas de seguir profissões valorizadas socialmente, como discutido na seção anterior, estão pautadas na crença de que essas atividades possibilitam conquistar harmonia no aspecto pessoal e familiar.

Esses conteúdos podem ser somados às expectativas em relação à profissão que pretendem seguir, o que foi identificado por meio do questionário. As questões tratam da dimensão do campo da representação, na medida em que revelam as imagens, as opiniões que o grupo tem a respeito das características relativas ao local e ao tipo de atividade, conforme demonstra a Tabela 4.

Tabela 4 - Resultado das questões que investigaram aspectos relacionados às expectativas sobre trabalho e profissão

Questões	Importante	Importância média	Pouca importância	Não responderam
	%	%	%	%
Melhorar condição social	83,6	11	5,1	0,2
Ter profissão dinâmica	79,9	12,3	7,8	0
Ter negócio próprio	64,7	19,7	15,5	0
Trabalhar em empresa grande	52,4	24,6	19,9	0
Trabalhar na região onde moro	49	18,9	31,8	0,2
Ter profissão que seja rotineira	46,5	23,8	29,7	0
Trabalhar em uma fábrica	31,2	25,5	43,4	0

Fonte: Elaborado pela autora

Melhorar a condição social foi considerado um aspecto importante por 83,6% (somando os itens muito importante e importante), seguido de ter uma profissão dinâmica, 79,9%. Há de se destacar que os sujeitos deste estudo pertencem a classe social menos favorecida. Como nos estudos de Rizzo (2008) e de Marcelino (2009), essa população objetiva suas representações sociais do trabalho na necessidade de ascensão social.

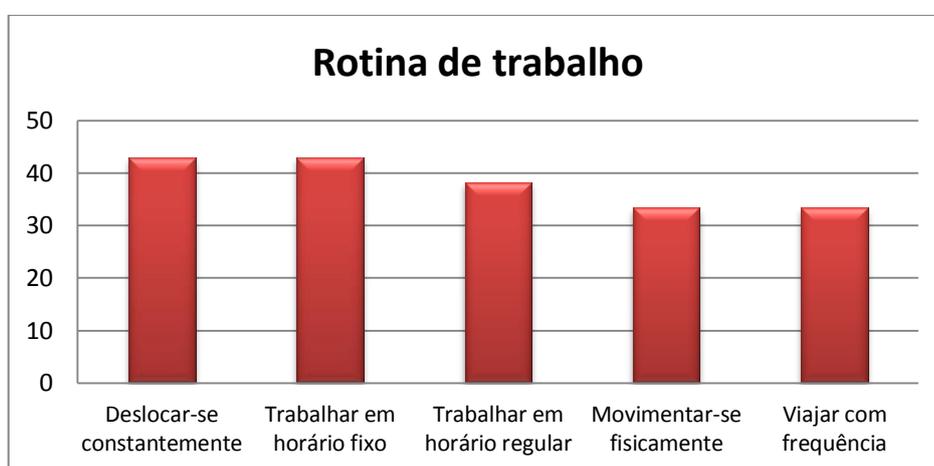
O desejo de mobilidade social, atrelado a possibilidade de dinamismo e independência (ter negócio próprio), faz parte do rol de características desses jovens que convivem com as informações transmitidas pelas diferentes mídias, destacando-se as necessidades do mercado de trabalho. No mundo globalizado e marcado pela valorização da flexibilidade, multiplicidade de competências e empreendedorismo, o trabalho destaca-se como possibilidade de desenvolvimento pessoal e profissional para conquistar bens materiais (SANTOS; LUNA; BARDAGI, 2014).

Os resultados em relação ao item Rotina de Trabalho, que investigou aspectos que os jovens esperam vivenciar na profissão que escolherem confirmam os dados obtidos no questionário, visto que revelam as expectativas de exercer uma atividade que permita

deslocar-se constantemente (43%), num horário fixo (43%) e regular (38%), e que possibilite ter atividade física envolvida (33%) e poder viajar (33%) (Ver Figura 16).

Os resultados em relação a Rotina de Trabalho sugerem a idealização dos sujeitos: uma atividade segura, mas que também possa garantir o dinamismo que acreditam ser necessário para seu desenvolvimento pessoal e material. Esses dados estão coerentes com os já apontados em relação aos desejos de independência, autonomia, mas, ao mesmo tempo, em relação à busca por estabilidade e segurança. Neste aspecto respondem ao “como”, dentre os saberes elaborados pelos sujeitos.

Figura 16 – Itens de Rotina de trabalho mais escolhidos no jogo Critérios para a escolha profissional (NEIVA, 2008)



Fonte: Elaborado pela autora

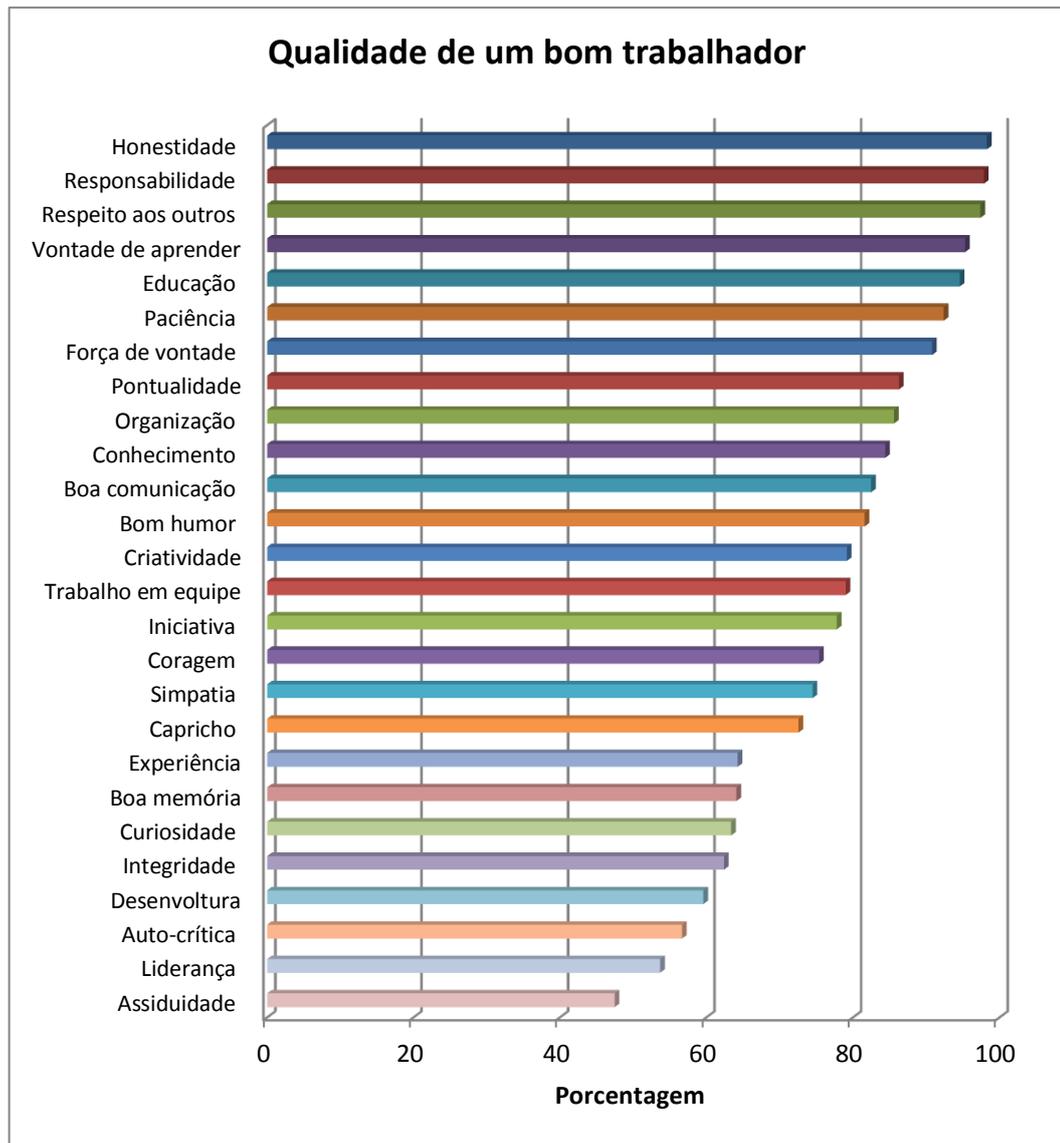
Por que, para que e como, que constituem a elaboração das representações sociais desses jovens a respeito da profissão e do trabalho, estão vinculados às expectativas de desenvolvimento pessoal. Por meio da apropriação de diferentes conhecimentos, pretendem promover mobilidade social, melhorar a condição econômica e alcançar vivências pessoais positivas.

Esses resultados vêm ao encontro dos aspectos identificados no estudo realizado por Oliveira, *et al.* (2010), que investigaram as RS do trabalho entre adolescentes. Nesse estudo foram identificados conteúdos representacionais, tais como: o mercado de trabalho é associado a independência, a maior liberdade de ação social e a reconhecimento familiar. Os autores discutem o predomínio de significados positivos relacionados ao trabalho para os jovens pesquisados, e acreditam que, além de desenvolvimento psicossocial, eles têm possibilidade de benefícios financeiros e ganhos futuros (OLIVEIRA, *et al.*, 2010).

Os dados apreendidos pelo questionário investigam os conteúdos representacionais nas dimensões da informação, da atitude e do campo da representação relacionados ao significado do trabalho, bem como o que os jovens esperam da profissão que escolherem. Esse significado está associado às qualidades de um bom trabalhador. Em relação à questão Qualidades de um bom trabalhador, os estudantes tinham 26 opções, e poderiam marcar quantas quisessem. Os resultados estão na Figura 17.

Os resultados apresentados em porcentagem revelaram as cinco características consideradas pelos jovens como mais importantes para ser um bom trabalhador: Honestidade, 98%, Responsabilidade, 97,9%, Respeito aos outros, 97,4%, Vontade de aprender, 95%, Educação, 94%.

Figura 17 - Distribuição dos resultados sobre as Qualidades de um bom trabalhador



Fonte: Elaborado pela autora

Vale uma ressalva para o item menos pontuado, Assiduidade, visto que durante a aplicação alguns jovens verbalizaram não saber o significado dessa palavra, e pediram explicações. Entretanto, essa solicitação não foi observada em todas as aplicações, e não há garantias de que todos tivessem total conhecimento e familiaridade especificamente com essa palavra.

Resultados semelhantes foram obtidos no estudo de Ferreira (2014), quanto às duas qualidades mais assinaladas: Honestidade e Responsabilidade. Como analisado pela autora, essas características e comportamentos esperados para um bom trabalhador são divulgados na mídia de forma geral. Esse resultado também foi obtido por Rizzo (2008): as três características mais assinaladas foram Honestidade, Responsabilidade e Educação.

Essas características são apreendidas socialmente e valorizadas no mercado de trabalho, que incentiva seu desenvolvimento. Frente a essas qualidades, o posicionamento favorável dos sujeitos revela a dimensão da atitude na elaboração das representações sociais. A imagem que elaboram sobre ser um bom profissional, ancoradas nos aspectos pertinentes à empregabilidade considerada no mercado de trabalho configura o fator do campo representacional. Dessa forma, é possível identificar as dimensões que constituem as representações sociais elaborados pelos sujeitos.

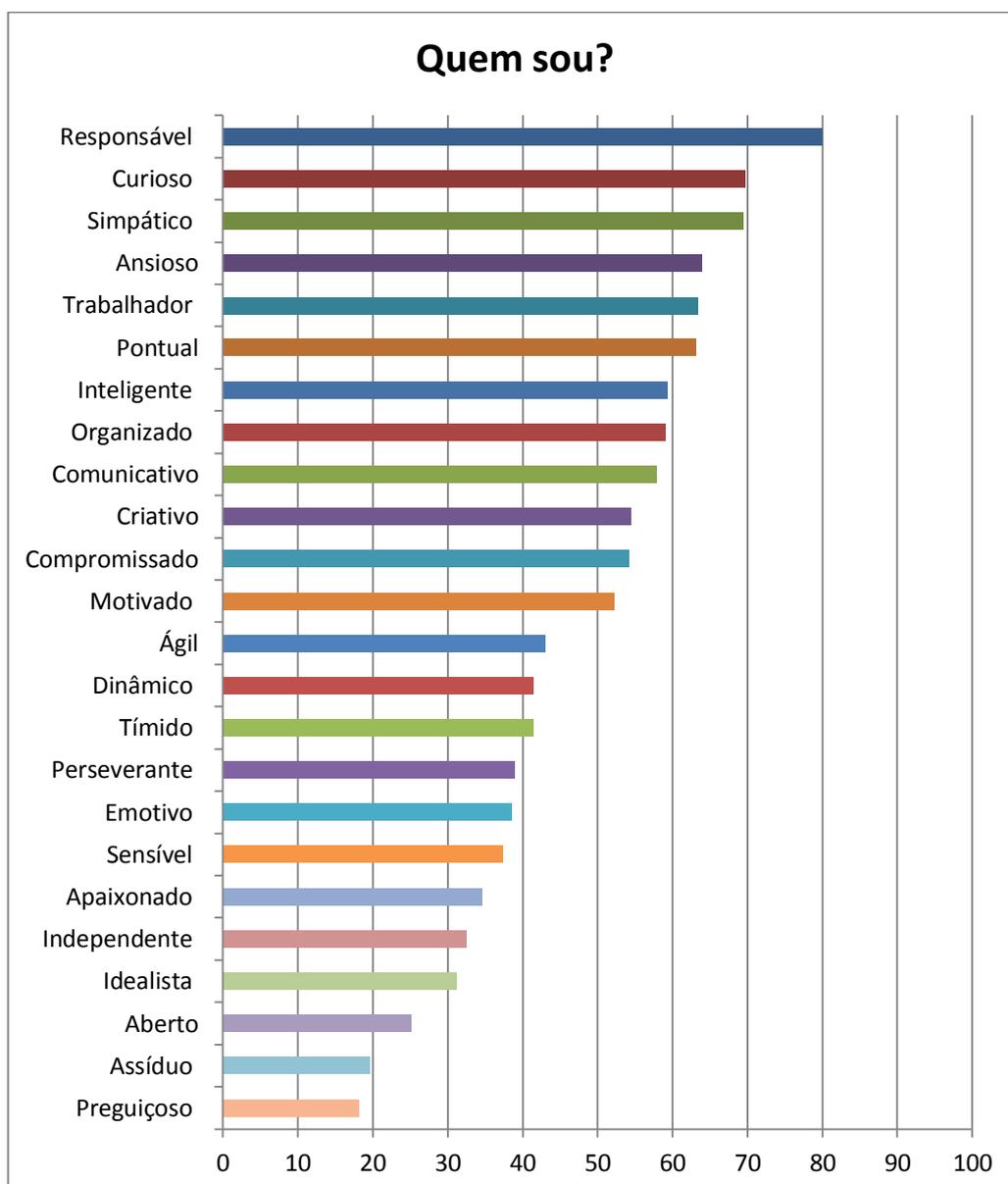
A pesquisa, por meio do questionário, investigou também a percepção que o jovem tem dele mesmo, sendo interessante associar o resultado ao item já descrito Qualidades de um bom profissional. Os resultados sobre a percepção de características pessoais estão apresentados na Figura 18.

As características atribuídas ao bom profissional, como honestidade, responsabilidade, respeito aos outros e reconhecer a si próprio como responsável, simpático, curioso, trabalhador, atende à demanda que circula na mídia, em termos de características necessárias à empregabilidade, compreendida como condição para conseguir trabalho e boa remuneração. Nesse aspecto, Minarelli (2010) observa que uma das condições necessárias para um bom nível de empregabilidade é que o indivíduo seja percebido com capacidade de fornecer soluções para diferentes necessidades. Para tanto, incentivam-se as pessoas a adquirirem múltiplos conhecimentos e habilidades, o que permitirá sua atuação em diferentes ramos de atividades.

As características mais assinaladas neste estudo foram: Responsável (80%), seguida de Curioso e Simpático (70%), Ansioso e Trabalhador (64%) e Pontual (63%). Resultado semelhante foi verificado no estudo de Ferreira (2014), no qual os jovens se identificaram

com as características de Responsável (78,6%), Trabalhador (68,6%), Simpático (60,7%) e Pontual (58,6%).

Figura 18 - Distribuição dos resultados acerca das características pessoais dos jovens pesquisados



Fonte: Elaborado pela autora

As características pessoais apontadas são importantes e valorizadas no mercado de trabalho, sendo um aspecto relevante na construção identitária. Como citado na seção que trata do bloco de análise Escolha Profissional, a construção da identidade perpassa o conhecimento sobre si e sobre o outro, ocorrendo nas interações sociais.

Para Erikson (1987), a identidade é o resultado das interações entre as dimensões biológicas, sociais e individuais dos seres humanos.

Os resultados sugerem que, nessa articulação, os aspectos sociais e as informações disseminadas pelos diferentes meios de comunicação relacionados ao que se espera de um bom trabalhador influenciam na formação dessa identidade. Ao apresentar competências que são valorizadas no mercado de trabalho, o sujeito acredita que será valorizado e reconhecido como bom trabalhador.

Trazendo os conteúdos teóricos referentes à empregabilidade, Lemos (2006) aponta as mudanças nas atitudes em relação ao trabalho, uma vez que na atualidade elas alteram as relações do homem com sua atividade laboral. Nesse contexto, para estar em nível adequado de empregabilidade, destaca-se a qualificação profissional como condição essencial para participar no espaço de trabalho, somada à produtividade individual (MINARELLI, 2010; LEMOS, 2006;).

Os autores Lemos (2006) e Minarelli (2010), que defendem esse conceito, pautam-se nas alterações do trabalho em função do desenvolvimento da tecnologia, no processo de globalização, na reengenharia nas estruturas organizacionais, no aumento da concorrência e na corrida pela vantagem competitiva – tanto das empresas quanto dos profissionais. Os vínculos entre empregado e empregador sofrem mudanças significativas, e nesse aspecto a postura do indivíduo como sujeito gestor da própria carreira é valorizada.

Nessa configuração, as competências técnicas fazem parte de um dos pilares da empregabilidade, como afirma Minarelli (2010), somando-se às competências de ordem comportamental. Dessa forma, o profissional reconhecido como adequado para esse contexto é o que se compromete, tanto de forma objetiva, quanto de forma subjetiva.

A obtenção do emprego tem, assim, uma perspectiva individualista. Isso porque, com o desdobramento de uma percepção de liberdade, na medida em que está em suas mãos a construção de sua vida profissional, o sujeito pode escolher quais caminhos deseja seguir (LEMOS, 2006). Entretanto essa liberdade necessita de autocontrole, autodisciplina, e novamente volta para o indivíduo a responsabilidade de tornar-se o profissional que o mercado de trabalho demanda.

Os jovens incorporam essa responsabilidade e esperam exercer profissões que lhes tragam satisfação e valorização, ao mesmo tempo em que lhes proporcionem segurança. Esses aspectos podem ser conflitantes: de um lado, a busca pela independência e autonomia, e de outro lado, a dependência e a conformidade (LEMOS, 2006).

Aspectos relacionados à necessidade de desenvolvimento técnico alinhado com características pessoais vêm ao encontro das demandas do mundo do trabalho, uma vez que desde o final do século XX tem sido anunciada a crescente valorização de bens intangíveis,

ligados ao conhecimento. Assim, o século XXI pode ser considerado como a Era do Conhecimento, em que o capital intelectual é diferencial competitivo e fonte de poder. O comportamento humano torna-se um elemento fundamental, nessa diferenciação, e o progresso profissional está relacionado com desenvolvimento de competências pessoais (DUTRA, 2007).

Os conteúdos representacionais relacionados ao lazer, obtidos por meio das perguntas “Fale-me o que você faz no final de semana” e “O que gosta de fazer para se divertir?”, possibilitaram identificar seu lugar na vida dos jovens e suas relações com o objeto deste estudo. É interessante destacar a referência do tempo relacionada às atividades sociais, uma vez que é nos fins de semana que os sujeitos se ocupam dessas atividades, como: sair com amigos, jogar bola, namorar, ir à igreja, ficar com a família.

Também foi possível identificar que atividades relacionadas ao trabalho e ao estudo estão presentes no período de tempo que consideram como de lazer – fim de semana. Isso porque as respostas remetem ao mesmo período.

Nos discursos obtidos por meio das entrevistas, os sujeitos destacam as atividades de trabalho informal, associadas à ajuda à família.

Eu ajudo meu pai e minha mãe. Minha mãe abriu uma pastelaria e eu ajudo. Fico passando troco, embalo, faço de tudo (Narizinho6, 16 anos).

Fico em casa, durmo até umas 11h, ajudo o pai a fazer alguma coisa em casa, limpo a casa (Pedrinho3, 19 anos).

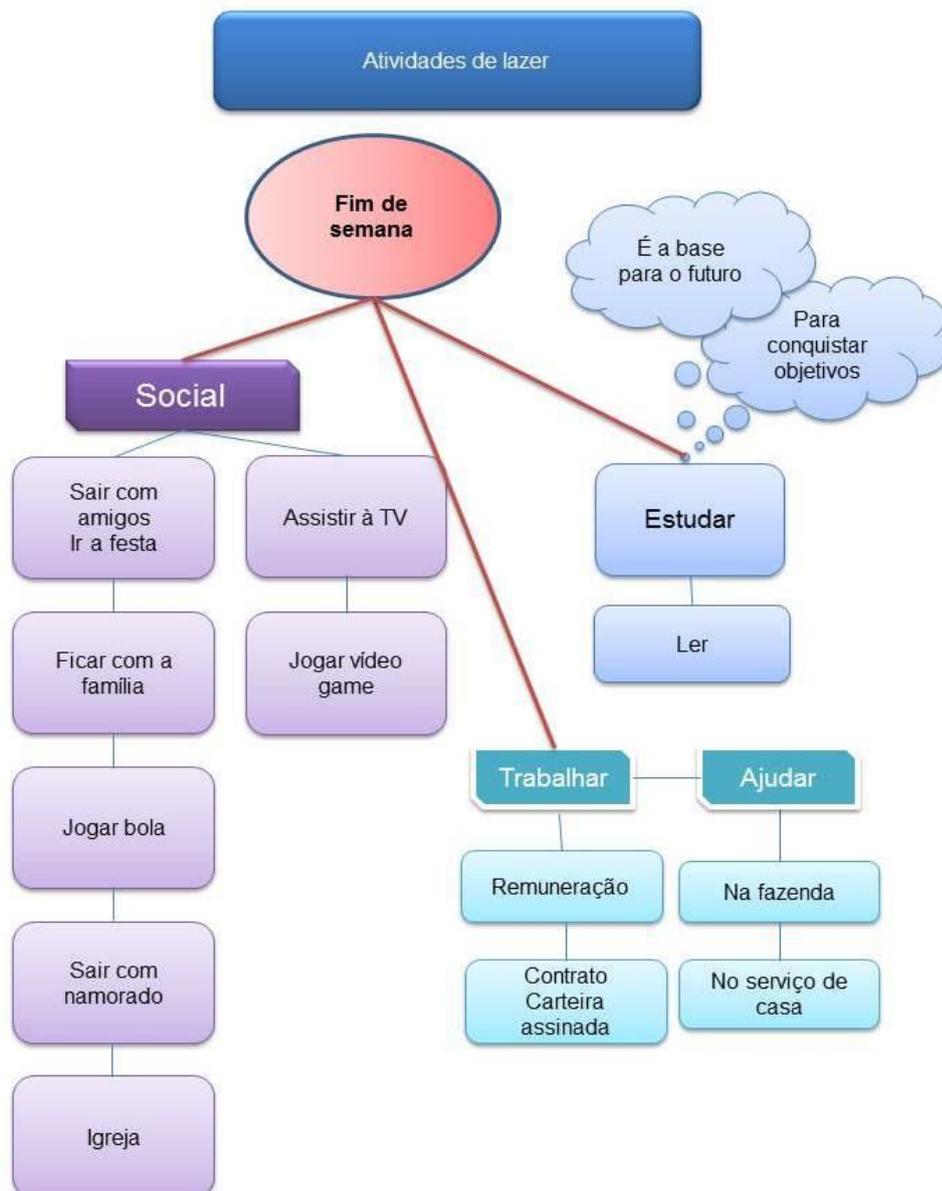
Passeio, leio, estudo, quando surge trabalho, também trabalho e ajudo em casa (Narizinho8, 16 anos).

Gosto de sair, me divertir com os amigos. Gosto de teatro, sair com os amigos, jogo como todo adolescente. Próximo das provas eu estudo (Pedrinho6, 16 anos).

Quanto ao conteúdo da classe de discurso Lazer, obtida nas entrevistas, elaborou-se Mapa Conceitual, apresentado na Figura 19.

Nota-se que, nas referências às atividades de trabalho que exercem, os participantes consideram apenas aquelas pelas quais recebem valor monetário por meio de contrato formal. As atividades que desenvolvem em casa ou no negócio da família são percebidas como “ajuda”, e não propriamente como um trabalho.

Figura 19 - Mapa Conceitual da classe Atividades de Lazer



Fonte: Elaborado pela autora

Estes resultados trazem para a discussão as concepções de trabalho, que destacam as relações entre a atividade de produção em troca dos bens materiais. No contexto capitalista, as pessoas vivem da sua força de trabalho e buscam o sucesso econômico (COUTINHO, 2009; BORGES; YAMAMOTO, 2014; ANTUNES; ALVES, 2004).

As relações de trabalho e profissão são permeadas por essas concepções, que constituem os conteúdos representacionais do trabalho, da profissão, e que impactam nas expectativas e escolhas dos caminhos profissionais. Como discutido no estudo de Faria e Guzzo (2007), o trabalho possui a conotação de atividade remunerada, e a profissão, atividade

também remunerada, exige maior qualificação, merecendo assim maior prestígio e revelando o aspecto identitário do sujeito.

Compondo os conteúdos que constituem o significado que os estudantes deste estudo atribuem ao trabalho e à profissão, investigou-se também como os jovens esperam ajudar o desenvolvimento da sua região por meio do trabalho.

Esses conteúdos revelam o desejo de se desenvolver, conquistar recursos materiais e promover melhorias nas condições de vida dos familiares e da comunidade, tanto no aspecto financeiro quanto no social e relacional, conforme discursos que seguem.

Gostaria de fazer melhorias na saúde, fazer com que a população se sinta bem (Narizinho2, 15 anos).

Eu quero trabalhar não só pra mim, mas pra minha família, pra ver eles bem (Narizinho1, 17 anos).

Gostaria de me destacar na área que eu escolher, ser reconhecido. Realizar alguns desejos como ter uma casa (Pedrinho7, 16 anos).

Ter meu próprio negócio, ter uma loja no centro. Evoluir, ter outras lojas (Pedrinho8, 18 anos).

O sonho de qualquer pessoa é ter uma casa. Ter dinheiro pra não passar necessidade. Ajudar quem precisa também (Narizinho9, 18 anos).

Esses resultados complementam os já apresentados no bloco de análise “Escolha Profissional”, que diz respeito à expectativa de seguir profissões por meios das quais seja possível promover o bem comum.

O questionário investigou o significado do trabalho para os sujeitos, por meio da questão em que constavam várias frases sobre o trabalho, e eles poderiam marcar três delas.

As alternativas abrangiam as três dimensões das representações sociais: a informativa, que diz respeito à organização dos conhecimentos compartilhados pelo grupo; a dimensão do campo de representação, que se relaciona a imagem, a ideia que elabora sobre os elementos do objeto; e, a dimensão das atitudes, que se refere à disposição (favorável ou desfavorável) do grupo frente ao objeto (CAMARGO; BOUSFIELD, 2014).

As alternativas que pertenciam à dimensão informativa eram: O trabalho me ajuda a aprender uma profissão; Trabalhando você aprende a ter mais responsabilidade, cumprir horários e se esforçar para fazer o que é esperado que você faça; e, O trabalho me ajuda a enxergar a vida de outro modo, e eu posso crescer como pessoa e profissional.

Em relação à dimensão do campo da representação, as alternativas eram: Somente o trabalho pode me garantir um futuro melhor; O trabalho é importante porque com ele eu ganho o meu dinheiro e sou independente, não preciso mais dos meus pais para me bancar; O meu trabalho é uma oportunidade de mostrar o meu potencial, que eu posso ser útil; e, No trabalho eu posso ser visto como pessoa que pensa, tem opiniões e pode contribuir com alguma coisa importante.

E em relação às atitudes, a alternativa apresentada foi: Mesmo se eu tivesse muito dinheiro e não precisasse, eu continuaria a trabalhar.

Associado à característica de um bom trabalhador ser Responsável, conforme já discutido, o resultado sobre esta questão revelou que 75,9% acreditam que com o trabalho se aprende a ser responsável. Este mesmo índice foi observado no item que revela o trabalho como promotor de desenvolvimento pessoal e profissional. Os resultados estão apresentados na Figura 20.

Figura 20 - Distribuição dos resultados sobre o significado do trabalho

O que significa trabalho para você	%
Trabalhando você aprende a ter mais responsabilidade, cumprir horários e se esforçar para fazer o que é esperado que você faça.	75,9
O trabalho me ajuda a enxergar a vida de outro modo, e eu posso crescer como pessoa e como profissional.	75,9
O trabalho é importante porque com ele eu ganho meu dinheiro e sou independente, não preciso mais dos meus pais para me "bancar".	36,9
O meu trabalho é uma oportunidade de mostrar meu potencial, que eu posso ser útil	36,4
No trabalho eu sou visto como pessoa, que pensa, tem opiniões e pode contribuir com alguma coisa importante.	21,5
O trabalho me ajuda a aprender uma profissão	20,6
Mesmo se eu tivesse muito dinheiro e não precisasse, eu continuaria a trabalhar.	20,3
Somente o trabalho pode me garantir um futuro melhor	8

Fonte: Elaborado pela autora

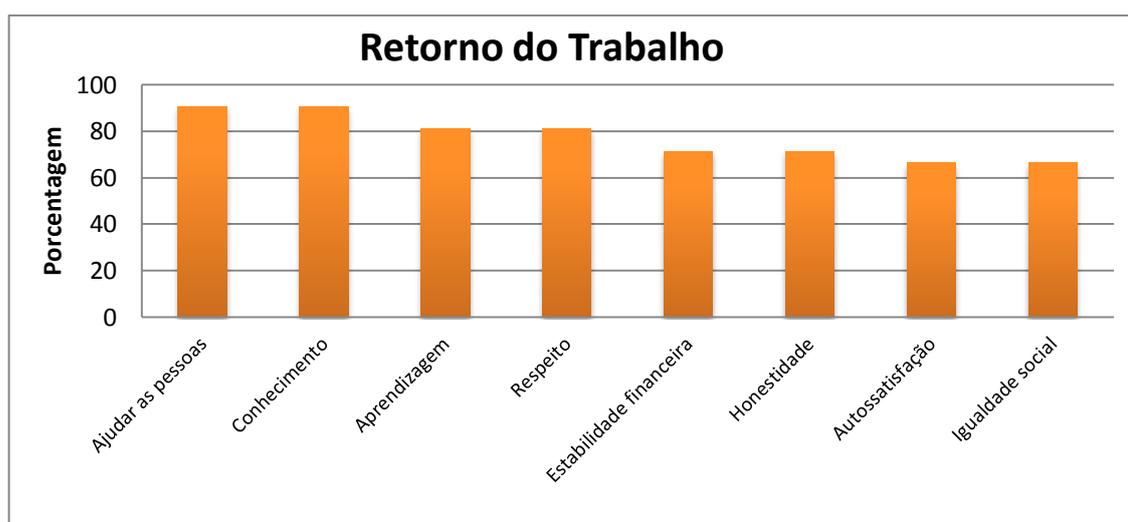
Os conteúdos representacionais estão imbuídos desses elementos informacionais, apreendidos pelos sujeitos, a partir dos quais eles imaginam o trabalho como promotor de condições financeiras que garantam autonomia – a terceira opção mais sinalizada e que diz respeito à dimensão campo da representação.

As representações sociais dos jovens sobre o trabalho como forma de desenvolver responsabilidade e possibilidade de independência financeira são elaboradas pelos estudantes deste estudo. Resultados semelhantes são descritos nos estudos realizados por Ferreira (2014)

e Rizzo (2008), nos quais as representações sociais do trabalho elaboradas por jovens dizem respeito ao desenvolvimento de responsabilidade.

No processo de constituição das representações sociais, é possível evidenciar os conteúdos informacionais que os jovens detêm sobre o objeto (trabalho trazendo responsabilidade) e os elementos focalizados – trabalho possibilitando independência financeira. A partir desses elementos, as atitudes diante da atividade de trabalho podem ser evidenciadas pelos resultados obtidos por meio da técnica do Jogo, conforme demonstrado nas Figuras 21 e 22, em que os jovens revelam em quais atividades gostariam de atuar e o que gostariam de ter como retorno dessa atividade.

Figura 21 – Itens de Retorno do trabalho mais escolhidos no jogo Critérios para a escolha profissional (NEIVA, 2008)



Fonte: Elaborado pela autora

Trabalhar em atividades nas quais possam Ensinar e Organizar é apontado por 67% dos sujeitos, seguido de Observar e Analisar, 57%, e Enfrentar desafios e Ler, 52%.

Como retorno do trabalho, Ajudar pessoas e adquirir Conhecimento foram apontados por 90% dos sujeitos, seguido por Aprendizagem e Respeito, 81%, Estabilidade financeira e Honestidade, 71% e Autossatisfação e Igualdade Social, 67%.

Os resultados confirmam e complementam os conteúdos obtidos por meio das entrevistas e do questionário, referentes ao posicionamento dos jovens frente às atividades profissionais que esperam seguir, discutidas na seção 4.2, Escolha Profissional. Revelam a

expectativa em seguir profissões que possibilitem desenvolvimento pessoal e independência financeira. Para isso, o estudo e a capacitação são elementos essenciais.

Figura 22 – Itens de Atividades de trabalho mais escolhidos no jogo Critérios para a escolha profissional (NEIVA, 2008)



Fonte: Elaborado pela autora

Este bloco de análise permitiu identificar que os significados do trabalho e da profissão estão relacionados à expectativa de melhorar a própria condição social, conquistando independência por meio de uma atividade dinâmica. Como resultado, poder ajudar pessoas e a comunidade, além de aprender, desenvolver-se e ser reconhecido.

É importante destacar que a identificação do trabalho se constitui formalmente, tendo por consequência o retorno material.

Para além de sentido material e financeiro, busca-se sentido social para a atividade laboral, o que vem ao encontro das características apontadas pelas teorias geracionais, em relação a essa faixa etária denominada geração Z (CAVAZOTTE, 2012). São características também descritas na abordagem de Kohlberg, identificadas em um dos níveis de desenvolvimento do pensamento moral (SANTROCK, 2014).

Os resultados apontam para a crença dos sujeitos de que as conquistas de bons trabalhos, em profissão valorizada socialmente dependem de conhecimentos e habilidades técnicas adquiridas por meio de estudo e capacitação, sendo responsabilidade do próprio sujeito desenvolver todos esses elementos.

Características pessoais definem o bom trabalhador, o que é valorizado no ambiente de trabalho formal e compartilhado nos diferentes grupos sociais. O Estudo destaca-se, como já

discutido no bloco de análise Escolha Profissional, como aspecto relevante na conquista de objetivos e construção do projeto de vida.

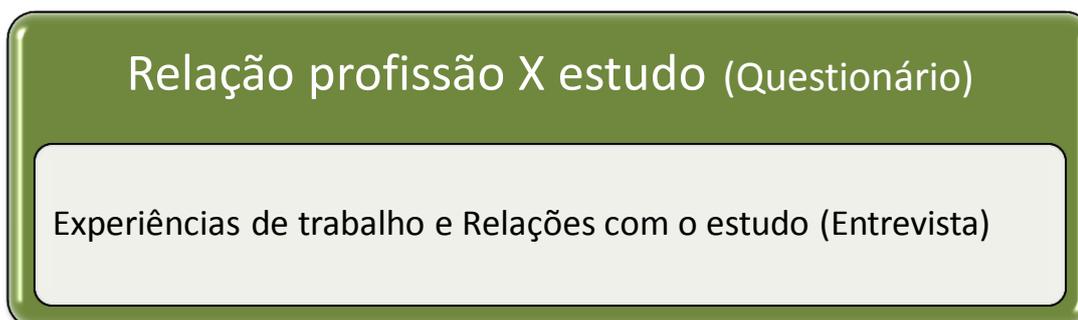
As representações sociais mostram-se ancoradas em elementos psicossociais, na medida em que abarcam conteúdos de ordem individual – elaboração cognitiva e afetiva do trabalho como determinantes no processo de desenvolvimento pessoal, profissional e material, sendo o próprio sujeito o promotor dessa construção. E também no aspecto social, uma vez que esses elementos são internalizados e reproduzidos nos diferentes ambientes educacionais, profissionais e midiáticos.

Dando continuidade à análise, no próximo subitem abordam-se as relações que os jovens fazem entre profissão/trabalho e estudo.

4.4 Relação Profissão x Estudo

Seguindo a exposição dos resultados e das discussões de acordo com o processo de triangulação de métodos, é apresentado nesta seção o bloco de análise intitulado Relação Profissão X Estudo. O questionário (questões 4, 10, 13, 19, 31, 32, 35) e a entrevista forneceram dados sobre as experiências de trabalho e a relação do trabalho com o estudo. Apresentam-se, na Figura 23, os aspectos pertencentes a este bloco de análise.

Figura 23 - Categorias consideradas no bloco de análise Relação Trabalho X Estudo



Fonte: Elaborado pela autora

Os resultados revelam a importância que os jovens atribuem ao estudo como forma de conquistar um bom trabalho, que pode estar associado à atividade laboral reconhecida como uma profissão, na medida em que demanda formação acadêmica reconhecida. Esse aspecto confirma os resultados já discutidos nos blocos de análise Escolha Profissional e Significado

do trabalho, sendo a formação e a capacitação elementos considerados importantes na conquista de objetivos de vida.

Em relação à importância que os sujeitos atribuem aos estudos, a questão 35 apresentava várias afirmações, e os sujeitos poderiam escolher três frases que expressassem as crenças sobre o que o trabalho proporciona. Dessa forma, identificaram-se conteúdos da dimensão do campo da representação, uma vez que as respostas apontaram o que os jovens imaginam sobre a relação entre trabalho e estudo. Os resultados estão na Figura 24.

Relacionando estes resultados com os apresentados na Figura 19, pode-se afirmar que, para os sujeitos, o trabalho é importante na construção do projeto de futuro, entretanto somente o trabalho não garante um futuro melhor. Esse dado revela e corrobora a relevância que os jovens atribuem ao estudo: possibilidade de conquistar melhores condições materiais e sociais.

Figura 24 - Distribuição dos resultados sobre afirmações sobre trabalho e estudo

Afirmações sobre trabalho e estudo	%
O trabalho é importante sim, mas não deve atrapalhar os estudos.	76,8
O trabalho é fundamental para que eu construa uma família e para garantir o meu futuro.	54,6
Uma pessoa que tem muito dinheiro deve ajudar os mais necessitados.	40,9
É pelo trabalho que eu vou ter a oportunidade de ser alguém na vida.	37,4
Se eu não me dedicar e terminar a escola agora, depois que casar e tiver a minha casa será muito mais difícil.	25,5
No trabalho eu conheço pessoas de níveis sociais diferentes e aprendo a conviver com elas.	16,8
Quando eu trabalho, ocupo o meu tempo com coisas boas.	16,1
O adolescente sem trabalhar só cria confusão,	11,6
O trabalho ajuda-me a ser mais respeitado em casa.	6,9
O trabalho pode contribuir para que eu me afaste um pouco dos estudos.	4

Fonte: Elaborado pela autora

O resultado sobre o trabalho e sua importância fica em menor grau de valor em relação aos estudos. Trata-se de uma representação bastante atual e própria dessa juventude, associada aos aspectos já apontados em relação às demandas do mercado de trabalho e dos critérios de empregabilidade, na medida em que a formação acadêmica é valorizada e compõe uma das competências (MINARELLI, 2010).

Em relação ao que pode ajudar a ter bons empregos, 91,7 % dos jovens pesquisados consideram que estudo, como faculdade e cursos, é importante nesse processo, conforme demonstrado na Tabela 5.

Tabela 5 - Questões que investigaram a relação entre estudo e trabalho

Questões	Concordo	Nem concordo Nem discordo	Discordo	Não responderam
	%	%	%	%
Estudo e trabalho garantem melhor futuro	96,4	2,5	1	0
Faculdade e cursos ajudam a ter bons empregos	91,7	7	1,3	0
Trabalho e estudo garantem melhor futuro	90	8,2	4,8	0,8

Fonte: Elaborado pela autora

Atribuem também elevado grau de importância a terminar os estudos, 98,6% (somando muito importante e importante), conforme demonstrado na Tabela 6.

Tabela 6 - Questões que investigaram a importância atribuída ao estudo e trabalho

Questões	Importante	Importância média	Pouca importância	Não responderam
	%	%	%	%
Terminar os estudos	98,6	0,2	1	0,2
Estudo é essencial para ter um bom futuro	84,7	2,3	0,2	0
Trabalho é essencial para ter um bom futuro	78,4	13,8	7,4	0,5

Fonte: Elaborado pela autora

Resultados semelhantes foram identificados no estudo de Franco e Novaes (2001), com estudantes de Ensino Médio de escolas públicas da cidade de São Paulo. Na pesquisa, identificaram representações sociais acerca da escola e do estudo como possibilidade de ter oportunidade de melhorar de vida, ter um futuro melhor, uma vez que se torna possível ingressar em profissões mais qualificadas e com melhor *status*.

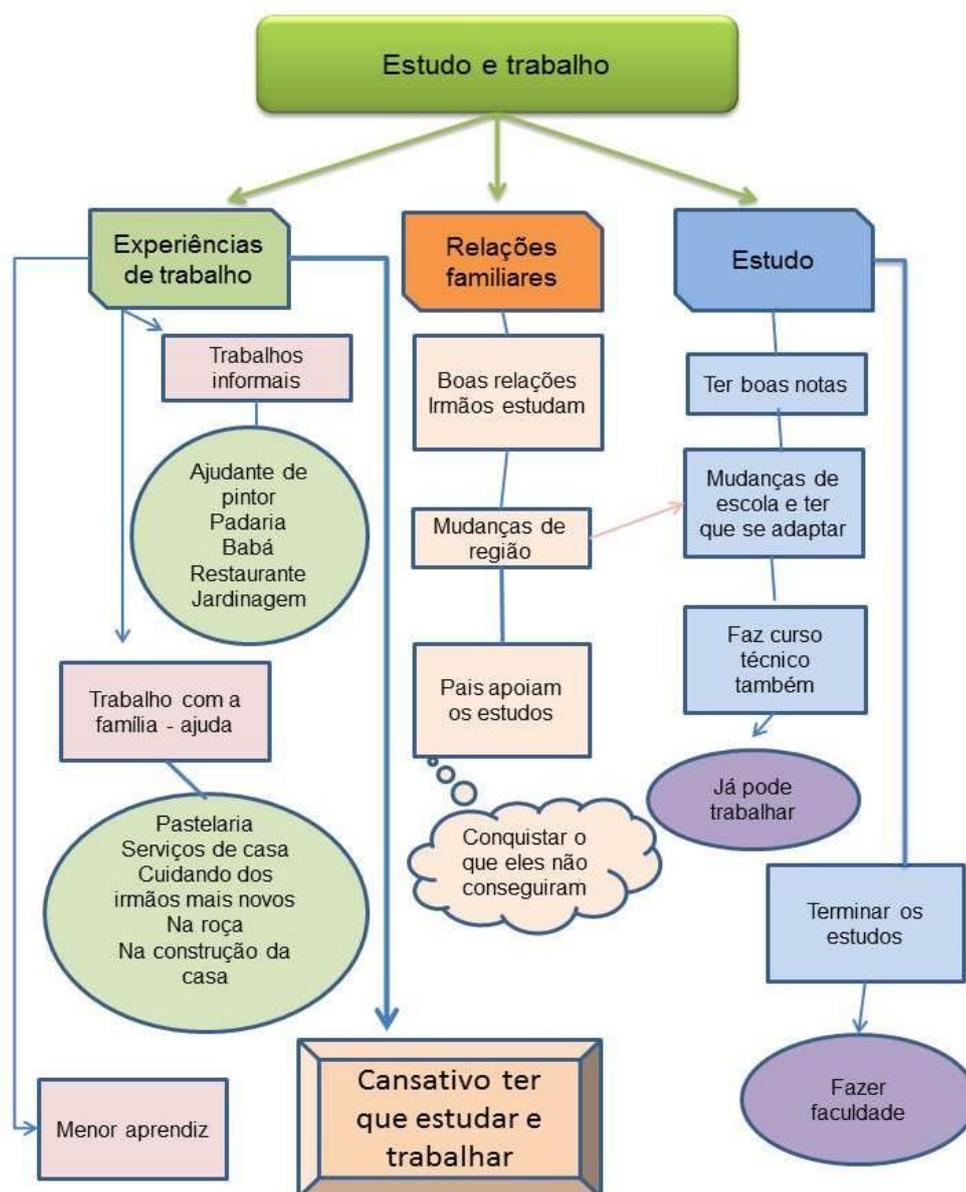
Apesar de o estudo de Franco e Novaes (2001) apontar dados de uma geração anterior à da população desta pesquisa, a ocorrência de resultados similares sugere que as representações se mantêm, uma vez que as exigências do mercado de trabalho também se mantiveram. As demandas do mercado apontam como características essenciais para o trabalho a autonomia, o autodirecionamento, a capacitação e a diversidade de competências.

A entrevista permitiu também apreender conteúdos representacionais referentes à relação que os jovens estabelecem com o trabalho e com o estudo, identificados nas categorias Experiências de trabalho e Relações com o estudo, representados na Figura 25.

Como já identificado e apontado nos blocos de análises discutidos nos subitens anteriores, os jovens atribuem importância ao estudo, considerando-o como condição para conquistar melhor colocação no mercado de trabalho. Relatam suas experiências de trabalho,

tanto formais quanto informais, como necessárias, uma vez que precisam contribuir com a família, seja de forma material, seja nas atividades domésticas.

Figura 25 – Mapa Conceitual das classes Experiências de trabalho e Relações com o estudo



Fonte: Elaborado pela autora

Entretanto, sentem dificuldades para conciliar essas atividades, e, na medida em que atribuem ao estudo a possibilidade de mudar sua condição, ter que trabalhar também é percebido como cansativo e como um elemento que pode dificultar e atrapalhar o desenvolvimento educacional.

Neste aspecto, identifica-se desconforto cognitivo – preciso estudar, mas preciso trabalhar também (o ideal e o real). A perturbação advinda desse impasse é denominada

dissonância cognitiva. Nessa teoria coexistem elementos contraditórios e que perturbam o equilíbrio cognitivo (MICHENER; DELAMATE; MYERS, 2005).

Para diminuir esse desconforto, é necessário mudar atitudes, ou a importância associada aos elementos. Para alguns dos estudantes pesquisados, esse conflito foi reduzido eliminando-se um dos componentes: ajuda nas tarefas domésticas somente quando não precisa estudar. Abaixo, os relatos sobre as experiências de trabalho que revelam a dificuldade para conciliar essas atividades.

Era muito corrido, eu tinha que estudar de manhã, chegava da escola e ia trabalhar, então eu ficava estressada, não conseguia ter um foco numa coisa só, e ia mal na escola (Narizinho1, 17 anos).

Trabalhei como jovem aprendiz. Tinha que ficar cinco horas de pé. Foi numa loja no centro. Fiquei seis meses lá. Era muito cansativo, eu chegava da escola, e já tinha que ir pra loja, mas não gostava (Pedrinho5, 17 anos).

Trabalho na farmácia, desde 2014, é o primeiro emprego. Eu gosto. Não pretendia farmácia, mas preciso trabalhar pra ajudar em casa (Narizinho10, 20 anos).

Trabalho de menor aprendiz na LG, como fiscal da Qualidade. São 5 horas por dia, mas em semana de prova, eles deixam sair mais cedo para estudar (Narizinho7, 15 anos).

Foram evidenciadas as experiências de trabalho informal e/ou no negócio familiar, conforme relatos abaixo:

Trabalho ajudando meu pai na parte de grama, jardim (Pedrinho7, 16 anos).

Trabalhei em Paraty, trabalho nas férias, em pousada. Sem carteira assinada, só contrato (Narizinho1, 17 anos).

Sempre trabalhei com meu pai, desde 14 anos. Depois que chego da escola, se não tiver tarefa, nem semana de prova, ajudo no curral (Pedrinho1, 17 anos).

Só com meu pai, ele é pedreiro e ajudo nas obras (Pedrinho2, 15 anos).

Ajudo no mercadinho do meu pai, mas fichada nunca trabalhei (Narizinho9 18 anos).

Atribuir aos estudos importância para se conseguir melhores condições de vida no futuro foi observado também nas entrevistas. Em resposta à pergunta sobre o que pretende fazer quando terminar o Ensino Médio, os discursos revelam o desejo de continuar estudando:

Quero fazer uma faculdade, eu acho bem legal, de medicina veterinária e de agronomia. Acho bem interessante. E também fazer uns cursinhos também. Eu queria fazer cursinho de administração, e também de medicina veterinária, para conhecer mais (Narizinho8, 18 anos).

Meu objetivo é, quando terminar aqui, passar no Enem e fazer uma faculdade de direito (Narizinho9, 18 anos).

Pretendo trabalhar e fazer curso técnico, na área de saúde, em radiologia. Pretendo me formar em cursos de saúde e educação, e vai ter oportunidades no futuro, porque não tem profissionais nestas áreas (Narizinho5, 19 anos).

Queria fazer faculdade de medicina ou veterinária. Medicina envolve gente, pessoas, e eu gosto de trabalhar com pessoas, de cuidar das pessoas, E veterinária porque eu gosto muito de animal também (Narizinho6, 16 anos).

O conteúdo apreendido e discutido neste bloco de análise revelou que, para o grupo pesquisado, as experiências de trabalho são consideradas necessárias, mas prejudicam os estudos. Os estudantes mantêm uma relação positiva com o estudo, uma vez que o consideram como essencial na construção de um projeto de vida que contemple uma ocupação profissional reconhecida e valorizada.

As relações familiares reforçam a importância atribuída aos estudos, condição necessária para conquista de melhores condições de vida, uma vez que possibilitam o exercício de uma profissão.

Esses resultados apontam para a valorização atribuída aos estudos e seguem a lógica do mercado de trabalho, na medida em que a qualificação propicia maiores e melhores oportunidades.

Entretanto, pode-se refletir sobre a idealização em torno desse aspecto, uma vez que dados do Censo Escolar da Educação Básica 2013 (INEP, 2014) mostram que a média do número de matriculados no Ensino Médio, no período 2007–2012, foi de 8.367.974, ao passo que a média de concluintes foi de 1.798.272 alunos – 21,8% dos alunos matriculados.

O Anuário Brasileiro de Educação Básica (2017) aponta ainda que, em 2015, 14,6% dos jovens de 15 a 17 anos não concluíram o ensino médio. Em relação aos jovens na faixa etária de 19 anos, 58,5% deles concluíram o Ensino Médio. No que se refere a jovens dessa mesma etária provenientes de classe social menos favorecidas, essa taxa podem ser maiores.

Em relação ao Ensino Superior, o Censo da Educação Superior de 2014 (INEP, 2015) aponta que 3.110.848 eram ingressantes em cursos de graduação do Ensino Superior, dos quais 2.562.306 estavam nas redes privadas, e 548.542, nas redes públicas. Assim sendo,

constata-se grande quantidade de jovens fora do sistema de educação brasileira, uma vez que muitos não concluem o Ensino Médio nem ingressam no Ensino Superior.

Não é objetivo, neste estudo, aprofundar as razões da evasão educacional, entretanto faz-se necessário trazer esses dados, evidenciando uma realidade que não aparece nos discursos dos jovens pesquisados, destacando que eles fazem parte de classe social desfavorecida.

Nota-se que os resultados obtidos nos três blocos de análises se confirmam e se complementam, visto que conteúdos representacionais sobre trabalho/profissão revelam a importância atribuída ao estudo como fator determinante na construção de projeto de vida. O trabalho, como veículo na condução desse projeto, é sustentado pelo desenvolvimento de conhecimentos, técnicas e características comportamentais específicas.

Assim, a interação dos diferentes conteúdos – trabalho, estudo, lazer, família – mostram-se relevantes no processo de Escolha profissional, para os estudantes desta pesquisa.

Com o fim deste quarto bloco de análise, encerra-se a apresentação dos resultados e discussões. Na próxima seção, das considerações finais, os apontamentos realizados são revisitados, juntamente com os objetivos definidos para este estudo, com o intuito de definir as representações sociais da escolha profissional para os estudantes do Ensino Médio.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta seção, é pertinente retomar os objetivos sobre os quais se baseou o percurso traçado nesta pesquisa: descrever o perfil sociodemográfico dos estudantes pesquisados; identificar as atitudes, crenças e valores dos estudantes diante da escolha de profissão; e, descrever a relação trabalho/estudo.

Sobre a caracterização dos jovens, a maioria está em escolas da cidade, sendo a maior parcela do gênero feminino, com média de idade de 16 anos, majoritariamente solteiros e sem filhos. Esses jovens fazem parte de estrutura familiar com renda de até três salários mínimos. A maioria dos pais ou responsáveis possui grau de escolaridade até o Ensino Médio. Essas características são de uma classe social e econômica menos favorecida. Uma parcela significativa desses jovens já trabalha, para contribuir na composição da renda familiar.

As informações contidas nesta caracterização são importantes, visto que revelam a realidade desses jovens de escolas públicas e impactam no processo de escolha profissional. As atividades de trabalho significam uma possibilidade de melhoria de sua condição social, das relações e condições familiares e, também, da comunidade, denotando o interesse com o caráter social do trabalho.

As profissões que desejam estão no rol de atividades valorizadas socialmente ao longo da própria história das profissões que demandam formação de nível superior. Nesse aspecto, mostram-se idealizadas, uma vez que a condição social e econômica desses jovens e suas famílias limitam o ingresso nos cursos de nível superior que demandam custos efetivos que estão além das possibilidades reais dessa população: medicina, por exemplo. Há de se destacar a ausência de instituições de ensino superior em uma das cidades desta pesquisa, o que pode ser mais um fator a dificultar o acesso desses jovens a cursos de graduação.

As representações sociais da escolha são por profissões que proporcionem sentimentos de realização, desenvolvimento, possibilidade de contribuir com a própria conquista material e pessoal, bem como de contribuir com a família e a comunidade.

O desenvolvimento de uma profissão/trabalho implica ter e/ou desenvolver qualidades que, para esses jovens, dizem respeito a responsabilidade, honestidade, respeito aos outros e estudo/formação/capacitação. Esses elementos representacionais ancoram-se nas informações veiculadas na mídia e no próprio mundo do trabalho, em que as características essenciais de empregabilidade abarcam conhecimentos, habilidades e atitudes – saber, saber fazer, saber ser.

Os retornos almejados mostram as representações que envolvem a comunhão de realização pessoal, na medida em que pretende fazer o que gosta, o reconhecimento como profissional e pessoa e os bens materiais como consequência.

Dessa forma, as atitudes diante do processo de escolha profissional refletem a incorporação dessas exigências do mundo do trabalho, associadas à crença de que todas as conquistas, tanto pessoais quanto profissionais, serão possíveis por meio da formação de Ensino Superior e em atividades de reconhecimento e status. Apesar de terem experiências pessoais e familiares, em atividades braçais ou técnicas, elas não são valorizadas nem percebidas como possibilidade de ascensão social.

Nota-se a influência dos professores, como grupo de referência que detém as informações e conteúdos necessários e que pode auxiliar no processo de escolha profissional. Isso porque, segundo os jovens, os professores conhecem as atividades que desejam seguir. É um dos aspectos que consideram importantes.

A família, enquanto grupo de pertença, detém menor influência sobre esses jovens, que não consideram as atividades realizadas pelos pais e/ou responsáveis como modelos a serem seguidos. Além disso, eles avaliam o discurso desses adultos, que destacam a importância de se conquistar melhores condições, o que poderá advir do estudo e da capacitação formal.

O estudo e o desenvolvimento de competência técnicas e comportamentais atendem à demanda do mercado de trabalho e dos conceitos de empregabilidade. A atitude de responsabilidade pessoal sobre esse processo é condição importante que deve ser desenvolvida. Esses aspectos, incorporados pelos sujeitos deste estudo, mostram-se como componentes importantes na escolha profissional.

Enquanto responsáveis por seus próprios projetos de vida, para esses jovens o fato de fazerem aquilo de que gostam é condição fundamental no direcionamento profissional. Esse conteúdo, que diz respeito à crença acerca do posicionamento frente à vida, vem ao encontro, tanto das questões relacionadas à empregabilidade e ao mercado de trabalho, quanto das características da geração atual, que considera o valor social da atividade de trabalho. Fazer e gostar, com competência e agregando valor ao entorno, apresenta-se como um discurso incorporado por esses jovens.

Assim, o significado do trabalho para os sujeitos deste estudo é a possibilidade, não somente de ascensão social, mas também de desenvolvimento pessoal e social. Para tanto, a relação entre estudo e trabalho torna-se estreita na medida em que possibilita melhores condições ou oportunidades, apesar de isso não ser uma garantia.

A partir dos resultados obtidos, pode-se afirmar que as representações sociais elaboradas pelos estudantes do Ensino Médio, do campo e da cidade, envolvem seguir profissões que possibilitem mudança de vida pessoal, familiar e social, para conquistar reconhecimento e bens materiais. É importante destacar que não se identificaram diferenças entre estudantes do campo e da cidade. Neste sentido, confirmam-se os estudos que mostram que representações sociais dessa população estão ancoradas nas representações do urbano (WHITAKER; ONOFRE, 2006; NAIFF; MONTEIRO; NAIF, 2009; ANJOS; CALDAS; 2014).

Os estudantes do campo desconsideram as possibilidades de trabalho vinculadas ao espaço do campo e mantêm a expectativa de atender a uma demanda do contexto urbano. A representação do camponês relacionada ao atraso e a desvalorização são abordadas pelos pesquisados. Dessa forma, as atividades profissionais citadas pelos jovens são de formação superior – veterinária, agronomia, e mais relacionadas ao agronegócio –, mais valorizadas socialmente.

É interessante observar que mesmo a área de Turismo, que tem relevância no cenário nacional e que é área de destaque em uma das cidades onde ocorreu este estudo, não foi mencionada pelos estudantes. É um dado que reflete os conteúdos representacionais urbanos absorvidos pelos estudantes do campo.

A concepção sobre escolha profissional, neste estudo, tratou das expectativas frente às possibilidades de atividade profissional ao término do ensino médio. Dessa forma, foi ao encontro do que Bohoslavsky (1987) define como estabelecimento do que fazer, de quem ser e a que lugar pertencer no mundo, por meio do trabalho.

Como apontado, a escolha envolve mudanças, conflitos, lutos (pela possibilidade não escolhida) e demanda reavaliações constantes. Entretanto, há concordância com Bardagi *et al.* (2003), que apontam a ausência de decisões refletidas, sem oportunidade de análise de contextos (social, econômico, político) da realidade. Somando-se a esta questão, há de ser considerado que ocorre a reativação, já no período de formação, das crises vocacionais, de confrontação com a realidade ocupacional e de afirmação da escolha feita (BOHOSLAVSKY, 1987).

O resultado pode ser a insegurança dos jovens adultos em períodos posteriores da vida profissional, o que dificulta a formulação de projetos profissionais e de vida.

Assim, a demanda inicial que desencadeou este estudo (a incerteza e/ou insatisfação de parte dos estudantes do Ensino Superior frente à escolha realizada) pode ser compreendida a partir da falta de elementos realistas no seu processo de decisão inicial. Soma-se a isso a

reavaliação que se realiza no percurso de construção da formação profissional e pessoal. Considerando o resultado deste estudo, que mostra expectativas idealizadas, é possível que os aspectos supracitados advenham da discrepância entre o que se esperava e o que foi possível.

A partir dessas considerações, considera-se que estudos que abordem a trajetória profissional da população de universitários da mesma região aqui abordada poderão ser realizados, com o intuito de identificação de conteúdos representacionais que permeiem elaboração e construção de projeto de vida no que tange o aspecto profissional.

Por fim, acredita-se que este estudo possa colaborar na reflexão sobre práticas, seja no campo da orientação profissional, seja no âmbito educacional. As reflexões podem favorecer as discussões entre os estudantes sobre o processo de escolha profissional, tornando-o condizente com os anseios e com as realidades (sociais, econômicas, familiares), e podem também expandir conceitos e possibilidades.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, M. Representação social: uma genealogia do conceito. **Revista Comum**, v.10, n.23, p.122-138, jul/dez 2004. Disponível em: <http://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/Artigo7.pdf>. Acesso em 30 de maio de 2015

ALMEIDA, M. E. G. G.; MAGALHAES, A. S. Escolha profissional na contemporaneidade: projeto individual e projeto familiar. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 205-214, dez. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902011000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 28 de maio de 2015.

ALMEIDA, M. E. G. G.; PINHO, L. V. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Revista Psicologia Clínica**, vol.20, n.2, p. 173-184, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000200013&lng=en&nrm=iso Acesso em 28 de maio de 2015.

ANDRADE, A. C. A Taubaté na História Nacional – Resumo Histórico. **Jornal Lince**, Aparecida, 2012. Disponível em <http://www.jornalolince.com.br/2012/ago/historia/4619-taubate-na-historia-nacional-resumo-historico>. Acesso em 01 de agosto de 2015.

ANJOS, F. S.; CALDAS, N. V. Da medida do rural ao rural sob medida: representações sociais em perspectiva. **Revista História, Ciências e Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 385-402, jun/2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702014000200385&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 25 de maio de 2015.

ANTUNES, R. **Os Significados do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. A crise, o desemprego e alguns desafios atuais. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 104, p. 632-636, out./dez. 2010.

_____. Desenhando a nova morfologia do trabalho no Brasil. **Revista Estudos Avançados**, n. 28 (81), 2014.

ANTUNES, R; ALVES, G. As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 25, n. 87, p. 335-351, maio/ago. 2004

ANUÁRIO BRASILEIRO DA EDUCAÇÃO BÁSICA. 2016. Disponível em <http://www.todospelaeducacao.org.br/biblioteca/1545/anuario-brasileiro-da-educacao-basica-2016/>

ANUÁRIO BRASILEIRO DA EDUCAÇÃO BÁSICA. 2017. Disponível em <https://www.todospelaeducacao.org.br/biblioteca/1567/anuario-brasileiro-da-educacao-basica-2017>

ARROYO, M. G. Políticas de formação de educadores(as) do campo. **Caderno Cedes**, Campinas, v.27, n.72, p. 115-116, maio/ago. 2007.

ARRUDA, F.G Região Metropolitana do Vale do Paraíba do Sul Paulista e Litoral Norte: melhorias ou continuação e uma mesma política pública? **Revista GEONORTE**, Edição Especial 3, V.7, N.1, p.1277-1289, 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA – ABEP. 2015. Disponível em <http://www.abep.org>. Acesso em 02 de julho de 2016.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL RM Vale do Paraíba e Litoral Norte. 2015. Disponível em http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/o_atlas/o_atlas/ Acesso em 01 de agosto de 2015.

AUDI, D. A. **A adolescência e suas expectativas quanto à inserção no mundo do trabalho**. Dissertação de mestrado. USP, 2006. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=29910 Acesso em 26 de maio de 2015.

BARBOSA, M. L. O. Para onde vai a classe média: um novo profissionalismo no Brasil? **Revista de Sociologia**. USP. S. Paulo, 10(1): 129-142, maio de 1998

BARBOSA, M. L. O; SANTOS, C. T. A permeabilidade social das carreiras do ensino superior. **Cadernos do Centro de Recursos Humanos**. Salvador. v. 24, n. 63, p. 535-554, Set./Dez. 2011.

BARDAGI, M. P.; LASSANCE, M.C.P.; PARADISO, A. C. Trajetória Acadêmica e Satisfação com a Escolha Profissional de Universitários em Meio de Curso. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 4, n. 1-2, dez. 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902003000100013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 17 jun. 2015.

BARRETO, M. A.; AIELLO-VAISBERG, T. Escolha profissional e dramática do viver adolescente. **Revista Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 107-114, Apr. 2007. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822007000100015&lng=en&nrm=iso. access on 05 June 2015. Acesso em 05 de junho de 2015.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 12. Ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Identidade** – Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. In: PORCHEDUU, A. Zygmunt Bauman: entrevista sobre a educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida. **Cadernos de Pesquisa**, v.39, n.137, p.661-684, maio/ago. 2009.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BLAZZO, P. P. Campo e rural, cidade e urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em geografia agrária. **Anais do 4º encontro nacional de grupos de pesquisa – ENGRUP**, São Paulo, p. 132-150, 2008.

BOCK, S. D. **Orientação Vocacional**: abordagem sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. Escolha para todos. In: BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: Uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2001.

_____. **A escolha profissional de sujeitos de baixa renda recém-egressos do ensino médio**. Campinas, 2008. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas.

BOCK, A. M. B.; AGUIRAR, W. J. **A Escolha Profissional em Questão**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

BOHOSLAVSKY, R. **Orientação Vocacional** – a estratégia clínica. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BORGES, L. O.; YAMAMOTO, O. H. O Mundo do Trabalho. In: ZANELLI, J.C.; BORGES-ANDRADE, J. E; BASTOS, A. V. B. **Psicologia, Organizações e Trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BRASIL **Parecer CNE/CEB 36/2001**. Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 4 dez. 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/EducCampo01.pdf>>. Acesso em: 07 de julho de 2016.

_____. Ministério da Educação. Plano Nacional de Educação, 2015. Disponível em <http://pne.mec.gov.br/> Acesso em 10 de novembro de 2015.

_____. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), 2015. Disponível em <http://pne.mec.gov.br/> Acesso em 10 de novembro de 2015.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego, 2016. Disponível em <http://trabalho.gov.br/component/content/article?id=3541>.

CABECINHAS, R. Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. **Revista Paidéia** (Ribeirão Preto), Ribeirão Preto, v. 14, n. 28, p. 125-137, Agosto 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2004000200003&lng=en&nrm=iso>.

CALDART, R. S. A Escola do Campo em movimento. **Revista Currículo sem Fronteira**, V.3, n.1, p 60-81. Jan/jun 2003. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1articles/roseli2.pdf> Acesso em 23 de maio de 2015.

_____. Educação do Campo. In: CALDART, R. S., PEREIRA, I. B., ALENTEJANO, A. FRIGOTTO, G. (Orgs.) **Dicionário da educação do campo**. RJ: FIOCRUZ, 2012.

CAMARGO, B. V.; BOUSFIELD, A. B. Em direção a um modelo explicativo da relação entre representações sociais e práticas relativas à saúde: a ideia de adesão representacional. In: CHAMON, E. M. Q. O.; CAMPOS, P. H. F.; GUARESCHI, P. A. (orgs) **Textos e Debates em Representação Social**. Porto Alegre: ABRAPSO, 2014.

CAMINO, L. *et al.* (Org). **Psicologia Social: temas e teorias**. Brasília: Technopolitik, 2011.

CASARI, P. **Retorno Esperado e Escolha Profissional**: fatores associados à escolha da carreira dos alunos da Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2006. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.

CAVAZOTTE, F. S. C. N., LEMOS, A. H. C., VIANA, M. D. A. Novas gerações no mercado de trabalho: expectativas renovadas ou antigos ideais? **Cadernos EBAPE. BR**, v. 10, nº 1, artigo 9, p.162–180. Rio de Janeiro, Mar. 2012

CHAMON, E. M. Q. O. **Formação e (re)construção identitária**: estudo das memórias de professores do ensino básico inscritos em um programa de formação continuada. Campinas, SP, 2003. Tese (PhD). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

_____ Representação social da pesquisa e da atividade científica: um estudo com doutorandos. **Revista Estudos de Psicologia**, Natal, v. 12, n. 1, p. 47-46, jan/abr 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v12n1/a05v12n1>

_____ Aula proferida na disciplina na disciplina Representações Sociais e Grupos do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano - UNITAU, 2015

_____ As dimensões da Educação do Campo. **Revista Educação**, Santa Maria, v.41, n.1, p.183-196, jan/abril 2016.

CHAMON, E. M. Q. O., CHAMON, M.A (Orgs). **Gestão de Organizações Públicas e Privadas**. Rio de Janeiro: Brasport, 2007.

CHAMON, E. M. Q. O. A Educação do Campo: Contribuições da Teoria das Representações Sociais. In: CHAMON, E. M. Q. O.; CAMPOS, P. H. F.; GUARESCHI, P. A. (orgs) **Textos e Debates em Representação Social**. Porto Alegre: ABRAPSO, 2014.

CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S; CODO, W. (Orgs.) **Psicologia Social: O homem em movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CIDRAL, A. **Escolha profissional**: o adolescente na interseção entre vários "mundos". Santa Catarina, 1998. Dissertação de mestrado. UFSC.

CONDE, D. L. G. **Escolha Profissional na Contemporaneidade**: Caminhos Possíveis. Rio de Janeiro, 2012. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

COSTA, J. S. M., OLIVEIRA, L. F. B. Perfil educacional dos jovens: atraso e fluxo escolar. In: CORSEUIL, C. H., BOTELHO, R. U. (Org.) **Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Ipea, 2014.

COUTINHO, KRAWULSKI E SOARES, Identidade e trabalho na contemporaneidade: Repensando articulações possíveis. **Revista Psicologia & Sociedade**; 19, Edição Especial 1: 29-37, 2007.

COUTINHO, M.C **Sentido do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação.** Caderno de Psicologia Social do Trabalho, vol. 12, n.2, p. 189-202, 2009.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007

CRISTANI, R. A. Modelo de Orientação profissional na escola privada. In: LEVENFUS, R. S. **Orientação Vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos.** Porto Alegre: Artmed, 2016.

CUNHA. **Informações municipais**, 2015, disponível em: <http://www.cunha.sp.gov.br>

DECHAMPS, E. Ensino Médio: a hora de mudar. In.: **ANUÁRIO BRASILEIRO DA EDUCAÇÃO BÁSICA.** 2016. Disponível em <http://www.todospelaeducacao.org.br/biblioteca/1545/anuario-brasileiro-da-educacao-basica-2016/>

DECHAMPS, J. e MOLINER, P. **A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DIAS, G. L. **As representações sociais e a construção identitária do professor na ótica de acadêmicos de licenciaturas de Santarém/PA.** Taubaté, 2013. Tese de Mestrado. UNITAU.

DIAS, M. S. L.; SOARES, D. H. P. A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários. **Revista Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 32, n. 2, p. 272-283, 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000200002&lng=pt&nrm=iso>

DUBAR, C. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. **Cadernos de Pesquisa**, v.42 n.146 p.351-367 maio/ago. 2012.

_____ **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação.** Porto: Afrontamento, 2006.

_____ **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUTRA, J. S. **Administração de carreira: uma proposta para repensar a Gestão de Pessoas.** São Paulo: Atlas, 2007.

EMPLASA **Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte.** São Paulo, 2015. Disponível em http://www.emplasa.sp.gov.br/emplasa/conselhos/ValeParaiba/textos/livro_vale.pdf. Acesso em 01 de agosto de 2015.

ERIKSON, E. H **Identidade, Juventude e Crise.** 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FAHT, B. H. **Fatores que influenciam a escolha profissional do jovem universitário e sua visão a respeito da orientação profissional.** Itajaí, 2011. Dissertação de mestrado. Universidade do Vale do Itajaí.

- FARIA, L. R. P.; GUZZO, R. S. L. Em tempo de globalização: a representação social de emprego, trabalho e profissão em adolescentes. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, p. 387-404, dez. 2007.
- FARR, R. M. Representações sociais: a teoria e sua história. In: GUARESCHI P. e JOVCHELOVITCH, S.(orgs) **Textos em Representações Sociais**. 13. ed. Petrópolis:Vozes, 2013.
- FERNANDES, F. S. Futuros educadores ou professores? Um estudo sobre as representações sociais dos acadêmicos de letras da Universidade Federal do Amazonas/Humaitá sobre a carreira docente. **Educação em Revista**. Curitiba, n.39, p.241-256, jan/abr 2011.
- FERRARI, Dilvan Luiz *et al.* Dilemas e estratégias dos jovens rurais: ficar ou partir? **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, vol. 12 no. 2, p. 237-271, out. 2004.
- FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”, **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n79,ago2002,p.257-272.
- FERREIRA, A. C. O. **A Representação Social do trabalho para adolescentes trabalhadores**. Taubaté, 2014. Tese de Mestrado. UNITAU
- FILMUS, S. **Ensino médio**: cada vez mais necessário, cada vez mais insuficiente. Brasília: UNESCO, SEMTEX/MEC, 2002
- FRANCO, M. L. P. B; NOVAES, G. T. F. Os jovens do ensino médio e suas representações sociais. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 112, p. 167-183, mar. 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742001000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 jul. 2016.
- FROZINO, A.D. **Formação profissional**: percursos e desafios para a escolha de carreira. Taubaté, 2006. Dissertação de mestrado. UNITAU.
- GIL, A.C **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GUARESCHI, P. Palestra proferida no Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano, UNITAU, 2016
- GUARESCHI, P.; ROSO, A. Teoria das Representações Sociais – Sua historia e seu potencial crítico e transformador. In: CHAMON, E. M. Q. O.; CAMPOS, P. H. F.; GUARESCHI, P. A. (orgs) **Textos e Debates em Representação Social**. Porto Alegre: ABRAPSO, 2014.
- GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs) **Textos em Representações Sociais**, 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- HALL, S. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HESPANHOL, R. A. M, Campo e cidade, rural e urbano no Brasil contemporâneo. **Revista Mercator**, Fortaleza, v. 12, número especial (2), p. 103-112, set. 2013.
- HOCHMAN, B.; Nahas F. X.; Oliveira Filho R. S.; Ferreira L. M. **Desenhos de pesquisa**. Acta Cir Bras [serial online] 2005;20 Suppl. 2:02-9. Disponível em URL: <http://www.scielo.br/acb> Acesso em 13 de junho de 2015.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em <http://censo2010.ibge.gov.br/>.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2015. Disponível em <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?lang=&codmun=355410&search=sao-paulo%7Ctaubate%7Cinfograficos:-dados-gerais-do-municipio>. Acesso em 30 de maio de 2015a.

_____. **Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**, 2015b.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo escolar da educação básica 2013 - Resumo técnico**, 2015. Disponível em http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/resumo_tecnico_censo_educacao_basica_2013.pdf. Acesso em: 15 dez de 2015.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo escolar 2014**. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo escolar 2015**. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/basica-censo>.

JODELET, D. A representação: noção transversal, ferramenta da transdisciplinaridade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n. 162, p. 1258-1271, Dec. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742016000401258&lng=en&nrm=iso>.

_____. O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, dez. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922009000300004&lng=pt&nrm=iso>.

_____. **As representações Sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

JOVCHELOVITCH, S. Representações sociais: para uma fenomenologia dos saberes Sociais. **Revista Psicologia & Sociedade**; 10 (1): 54-68; jan./jun.1998

_____. **Os contextos do saber** – Representações, comunidade e cultura. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

KAUARK, F., MANHÃES, F. C. e MEDEIROS, C. H. **Metodologia da pesquisa**: guia prático. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

KRAWULSKI, E. A orientação profissional e o significado do trabalho. **Revista da Associação Brasileira de Orientação Profissional**, 2(1), 5-19, 1998.

LEMONS, A. H. C. Empregabilidade e Individualização da Conquista do Emprego. In: BALASSIANO, M.; COSTA, I. S. A.(Orgs) **Gestão de Carreira**: Dilemas e Perspectivas. São Paulo: Atlas, 2006

LEVENFUS, R. S. (col) **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____ **Orientação Vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos.** Porto Alegre: Artmed, 2016.

MARCELINO, M. Q. S.; CATÃO, M. F. F. M.; LIMA, C. M. P. Representações Sociais do Projeto de Vida entre Adolescentes no Ensino Médio. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, 29 (3), 544-557. 2009

MARCONDES, N. A. V.; BRISOLA, E. Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. **Revista UNIVAP**, São José dos Campos-SP-Brasil, v. 20, n. 35, jul.2014.

MARTINS, D. F.; NORONHA, A. P. P. Interesse profissional e características socioeconômicas de estudantes do Ensino Médio. **Revista PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 41, n. 1, pp. 76-84, jan./mar. 2010.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 2003.

MICHENER, H. A, DELAMATER, J. D., MYERS, D. J. **Psicologia Social.** São Paulo: Thomson, 2005.

MINARELLI, J. A. **Empregabilidade:** Como entrar, permanecer e progredir no mercado de trabalho. São Paulo: Gente, 2010.

MINAYO, M. C. S e SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridades? **Caderno de Saúde Pública**, v,9, n.3,p.239-262, jul./set.1993.

MONTEIRO, S. R. A. F. **Representações Sociais, docência e práticas em educação física nas escolas rurais/campo/roça do Município de Cunha, SP.** Taubaté, 2016. Tese de Mestrado. UNITAU.

MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. **Revista de Administração de Empresas.** São Paulo, v91 41 p8-19, jul/set 2001

MOSCOVICI, S. **A Psicanálise, sua imagem e seu público.** Petrópolis: Vozes, 2012.

_____ Prefácio. In GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs) **Textos em Representações Sociais**, 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

NAIFF, D. G. N; MONTEIRO, R. C.; NAIFF, L. A. O camponês e o agricultor nas representações sociais de estudantes universitários. **Revista PSICO - USF Itatiba**, v. 14, n. 2, p. 221-227, ago. 2009

NEIVA, K. M. C. *et al.* Um estudo sobre a maturidade para a escolha profissional de alunos do ensino médio. **Revista Brasileira de orientação profissional.** São Paulo, v. 6, n. 1, p. 1-14, jun. 2005. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902005000100002&lng=pt&nrm=iso.

_____ **Critérios para Escolha Profissional.** São Paulo: Vetor, 2008.

_____ **Processos de escolha e orientação profissional.** São Paulo: Vetor, 2013.

OLIVEIRA, M. D.; MELO-SILVA, L. L. Estudantes universitários: a influência das variáveis socio-econômicas e culturais na carreira. **Psicologia Escolar e Educacional**. Campinas, v.14, n.1, p.23-34, jun.2010 Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572010000100003&lng=pt&nrm=iso> acesso em 05 junho de 2015.

OLIVEIRA, A. M.; TOMAZETTI, E. M. Quando a sociedade de consumidores vai à escola: um ensaio sobre a condição juvenil no Ensino Médio. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 44, p. 181-200, abr./jun. 2012.

OLIVEIRA, D. C. *et al.* Representações sociais do trabalho: uma análise comparativa entre jovens trabalhadores e não trabalhadores. **Revista Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 763-773, maio, 2010 .

PINHO, K. M. D; OLIVEIRA, A. L. Desenvolvimento de carreira: o papel do indivíduo e da organização. In: CHAMON, E. M. Q. O. (Org.) **Gestão Integrada de Organizações**. Rio de Janeiro: Brasport, 2008.

PINTO, T. M. G.; CASTANHO, M. I. S. Sentidos da escolha e da orientação profissional: um estudo com universitários. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 395-413, set. 2012. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X2012000300010>. Acesso em 13 de maio de 2015.

PNUD – PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO, **Relatório do Desenvolvimento Humano - Sustentar o Progresso Humano: Reduzir as Vulnerabilidades e Reforçar a Resiliência**. 2014. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/arquivos/RDH2014pt.pdf> Acesso em 09 de março de 2015.

PORTAL BRASIL. Disponível em www.brasil.gov.br.

RIBEIRO, M. A. *et al.* Ser Adolescente no século XXI. In: LEVENFUS, R. S. **Orientação Vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

RODRIGUES, P. A. M. Por uma educação do campo que contemple as parcerias nos processos formativos e as formas identitárias dos povos do campo. **Revista Olhar de professor**, Ponta Grossa, 15(1): 41-56, 2012

RIZZO, C. B. C. **A representação social do trabalho para os adolescentes ao iniciarem uma atividade profissional**. Taubaté, 2008. Tese de Mestrado. UNITAU.

SÁ, C. P. **A Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais** Rio de Janeiro: Eduerj, 1998

SANTOS, G. E. O. **Cálculo amostral: calculadora on-line**. Disponível em: <http://www.calculoamostral.vai.la>

SANTOS, A. L. **A Geração Y nas organizações complexas: um estudo exploratório sobre a gestão dos jovens nas empresas**. São Paulo, 2011. Dissertação de Mestrado. USP.

SANTOS, M. M. S; LUNA, I. N.; BARDAGI, M. P. O desafio da orientação profissional com adolescentes no contexto da modernidade líquida. **Revista de Ciências Humanas**, v. 48, n. 2, p. 263-281, jul-dez 2014.

SANTROCK, J. W. **Adolescência**. 14. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

SARRIERA, J. C. *et al.* Formação da identidade ocupacional em adolescentes. **Revista Estudos de Psicologia**, Natal, v. 6, n. 1, p. 27-32, Jun. 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2001000100004&script=sci_arttext Acesso em 01 de junho de 2015

SAWAIA, B. B. Representação e ideologia – o encontro desfetichizador. In SPINK, M. J (Org) **O conhecimento no cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO Informações Municipais, 2015.

SENNET, R. **A corrosão do caráter**: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SERPA, H. S. **As representações sociais sobre escolha profissional na adolescência**. Petrópolis, 2003. Dissertação de mestrado. Universidade Católica de Petrópolis.

SIFUENTES, T. R.; DESSEN, M. A.; OLIVEIRA, M. C. S. L. Desenvolvimento humano: desafios para a compreensão das trajetórias probabilísticas. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 23, n. 4, p. 379-385, dez. 2007. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722007000400003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 15 de março de 2015.

SILVA, R. C. **A abordagem geracional como proposta à gestão de pessoas**. São Paulo, 2013. Tese de Doutorado. USP

SILVA, R. C.; DUTRA, J. S.; VELOSO, E. F. R.; TREVISAN, L. N. As gerações em distintos contextos organizacionais. **Revista Gestão & Regionalidade** - Vol. 30 - Nº 89 - mai-ago/2014

SILVA, W. R. A construção da interdisciplinaridade no espaço complexo de ensino e pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 41, n. 143, p. 582-605, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v41n143/a13v41n143.pdf> >

SMOLA, K. W.; SUTTON, C. D. Generational Differences: revisiting generational work values for the new millenium. **Journal of Organizational Behavior**, v.23, p.363-382, 2002.

SOARES, D. H. P **A escolha profissional – do jovem ao adulto**. 2.ed. São Paulo: Summus Editorial, 2002

SOUZA, M. A. Educação do Campo: políticas, práticas pedagógicas e produção científica. **Revista Educação e Sociedade**. v. 29. n. 105. Set./dez. SP: Campinas, 2008. p. 1089-1111. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>> . Acesso em 10 de maio 2015.

SPINK, M. J. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. **Caderno de Saúde Pública**, 1993, vol.9, n.3, p. 300-308. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300017>. Acesso em 29 de maio 2015.

_____ Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs) **Textos em Representações Sociais**, 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012

TORRES, A. R. R., CAMINO, L. Grupo Social, relações intergrupais e identidade social. In: In: CAMINO, L. *et al.* (Org). **Psicologia Social: temas e teorias**. Brasília: Technopolitik, 2011.

TRINDADE, Z. A.; SANTOS, M. de F. de S.; ALMEIDA, A. M. de O. Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. In: ALMEIDA, A. M. de O.; SANTOS, M. de F. de S.; TRINDADE, Z. A. **Teoria das Representações Sociais: 50 anos**. Brasília: Technopolitik, 2011, p. 101-121.

TURATO, E.R Métodos qualitativos e quantitativos na saúde: definição, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista Saúde Pública**, 2005. 39(3) p. 507-514.

VALA, J. Representações Sociais e Psicologia Social do conhecimento do cotidiano. In: VALA, J.; MONTEIRO, M. B. (coordenadores). **Psicologia Social**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

VALORE, L. A.; CAVALLET, L. H. R. Escolha e orientação profissional de estudantes de Curso pré-vestibular popular. **Revista Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, n.24 (2), 354-363, 2012

VALORE, L. A. A problemática da escolha profissional: a possibilidades e compromissos da ação psicológica. In SILVEIRA, A. F., *et al.*, org. **Cidadania e participação social** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008

WHITAKER, D. C. A e ONOFRE, S.A. Representações sociais em formação sobre os vestibulares dos estudantes de um cursinho comunitário na zona rural. **Revista Brasileira Orientação Profissional**, 2006, vol.7, n.1, pp. 45-55.

ANEXO A



Professor
Robison
Baroni

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ -
UNITAU



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA ESCOLHA PROFISSIONAL PELOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DO CAMPO/URBANO

Pesquisador: Leonor M Santana

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 48849115.2.0000.5501

Instituição Proponente: SOCIEDADE BENEFICIENTE SÃO CAMILO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.266.013

Apresentação do Projeto:

Pesquisa de campo, de caráter descritivo e exploratório, com abordagem qualitativa e quantitativa, tendo a Teoria das Representações Sociais como suporte teórico para o estudo, com objetivo de identificar as representações sociais da escolha profissional entre estudantes do ensino médio de escolas públicas, do campo e urbana, em duas cidades da Região Metropolitana do Vale do Paraíba/SP (transcrito do projeto)

Objetivo da Pesquisa:

Identificar as representações sociais da escolha profissional entre estudantes do ensino médio de escolas públicas, do campo e urbana, em duas cidades da Região Metropolitana do Vale do Paraíba/SP (transcrito do projeto)

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Atende as recomendações da Resolução 466/12

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Tema relevante para a área Sociais e Educação.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Atende as recomendações da Resolução 466/12

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210

Bairro: Centro

CEP: 12.020-040

UF: SP

Município: TAUBATE

Telefone: (12)3635-1233

Fax: (12)3635-1233

E-mail: cepunitau@unitau.br



Professor
Robison
Baroni

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ -
UNITAU



Continuação do Parecer: 1.266.013

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Atendida a solicitação do parecer anterior.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, em reunião de 02/10/2015, e no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 466/12, considerou o Projeto de Pesquisa: APROVADO.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_569427.pdf	21/09/2015 11:40:33		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TA.pdf	02/09/2015 15:59:43	Leonor M Santana	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	02/09/2015 15:59:18	Leonor M Santana	Aceito
Outros	oficiodiretoriadeensino.pdf	01/09/2015 19:21:19	Leonor M Santana	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOMDH0109.pdf	01/09/2015 15:59:39	Leonor M Santana	Aceito
Outros	auttbt.pdf	31/08/2015 12:51:11	Leonor M Santana	Aceito
Folha de Rosto	folharosto.pdf	31/08/2015 12:49:29	Leonor M Santana	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TAUBATE, 07 de Outubro de 2015

Assinado por:
Maria Dolores Alves Cocco
(Coordenador)

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210

Bairro: Centro

CEP: 12.020-040

UF: SP

Município: TAUBATE

Telefone: (12)3635-1233

Fax: (12)3635-1233

E-mail: cepunitau@unitau.br